Na capa: Soeiro Pereira Gomes, a bordo do Liberdade, num dos Passeios do Tejo.

SOEIRO
PEREIRA GOMES
NA ESTEIRA DA LIBERDADE

Ficha técnica

Museu do Neo-Realismo

Coordenador
David Santos

Conservação e investigação
David Santos
Luísa Duarte Santos
Sílvia de Araújo Igreja

Inventariação e catalogação
Luísa Duarte Santos
Sílvia de Araújo Igreja
Graça Silva
Lurdes Pina
Odete Belo

Serviço educativo
Marta Borges
Ana Anacleto

Comunicação
e relações públicas
Rogério Silva

Comunicação e edição
David Santos
Rogério Silva
Lurdes Aleixo

Registo
Luísa Duarte Santos
Sílvia de Araújo Igreja
Graça Silva

Biblioteca
Odete Belo

Secretariado
Gabriela Candeias
Eugénia Viana

Recepcionistas-vigilantes
Alice Cardoso
Inês Serrazina
Maria Guiomar Alves
Rute Oliveira
Vanda Isabel Arsénio

Exposição

Organização
Câmara Municipal de Vila Franca de Xira
Divisão de Património e Museus
Museu do Neo-Realismo

Curadoria
Luísa Duarte Santos

Assistência de curadoria
Lurdes Aleixo

Investigação, selecção
e org. documental
Luísa Duarte Santos

Apoio à pesquisa
Graça Silva
Lurdes Pina
Odete Belo

Museografia
Luísa Duarte Santos
David Santos
Júlio Miguel Rodrigues

Coordenação de produção
Luísa Duarte Santos

Produção
Luísa Duarte Santos
Graça Silva
Lurdes Aleixo
Rogério Silva

Secretariado
Gabriela Candeias
Eugénia Viana

Conservação e restauro
Luísa Duarte Santos
Graça Silva
Filipa Moniz

Montagem
Luísa Duarte Santos
David Santos
Eugénia Viana
Graça Silva
Lurdes Aleixo
Marta Borges
Rogério Silva
Miguel Oliveira/GGIRP
DOVSM/ DEFG: carpintaria,
pintura, serralharia e electricidade
Grafimeios

Planeamento e logística
Luísa Duarte Santos
Lurdes Aleixo

Seguros
Allianz Seguros

Comunicação
Rogério Silva
GGIRP
Filomena Serrazina
Prazeres Tavares

Serviço educativo
Marta Borges
Ana Anacleto

Catálogo

Edição
Câmara Municipal de Vila Franca de Xira e
Museu do Neo-Realismo, Novembro de 2009

Organização e coordenação editorial
Luisa Duarte Santos

Textos
Maria da Luz Rosinha
David Santos
Luisa Duarte Santos
Manuel Gusmão

Produção
Luísa Duarte Santos

Apoio à produção
Lurdes Aieixo

Pesquisa e organização documental
Luísa Duarte Santos

Catalogação
Graça Silva

Design gráfico
Júlio Miguel Rodrigues
GGIRP

Digitalização de documentos e textos
Luísa Duarte Santos
Eugénia Viana

Revisão
Luísa Duarte Santos
Rogério Silva

Produção gráfica:
Pré-impressão, Impressão e Acabamento
Palmigráfica

ISBN
978-989-8254-03-0

Coordenadas
Latitude: 38° 57' 16,15" N
Longitude: 8° 59' 22,79" W

Depósito Legal
301761/09

Tiragem
600 exemplares

Museu do Neo-Realismo
Rua Alves Redol, 45
2600-099 Vila Franca de Xira
neorealismo@cm-vfxira.pt
www.museudoneorealismo.pt

© Museu do Neo-Realismo
© Dos textos e das fotografias, os autores

Agradecimentos

Manuel Gusmão
Museu de Alhandra – Casa Dr. Sousa Martins/Ana Paula Mota
Biblioteca Municipal de Vila Franca de Xira
Museu Municipal de Vila Franca de Xira
António Mota Redol
Cimianto / Vítor Costa, Arsénio Gaião
Valcerami / Luís Eduardo

Município de Vila Franca de Xira

neorealismo

Apoio:

Soeiro Pereira Gomes, no início dos anos 40.

O escritor militante

Maria da Luz Rosinha
Presidente da Câmara Municipal

O Museu do Neo-Realismo prossegue, uma vez mais, o objectivo de rever e ampliar a memória do movimento cultural que lhe dá o nome. Partindo da análise do espólio literário doado em 1992 a esta instituição, e no âmbito das comemorações do centenário do nascimento de Soeiro Pereira Gomes (1909-1949), o Museu do Neo-Realismo apresenta, na sua sala nobre, a grande exposição retrospectiva deste autor fundamental para a nossa região. Na verdade, ele foi um dos escritores maiores do movimento neo-realista português, cuja obra marca, de modo notável, a literatura portuguesa do século XX. Soeiro apresenta, no entanto, não só uma obra atenta aos problemas sociais da sua época, mas também caracterizada por um lirismo e uma qualidade metafórica extraordinárias.

Nascido nas terras do Douro, na serrana aldeia de Gestaçô (concelho de Baião), e após uma breve passagem por Angola, vai morar, recém-casado, em Alhandra. O seu empenho cívico nas colectividades operárias desta vila prolongar-se-á num envolvimento cultural, ligado ao teatro e às letras, reflectindo preocupações sociais de oposição política ao regime do Estado Novo.

Depois da publicação de algumas crónicas e contos iniciais, Soeiro Pereira Gomes escreve um romance ímpar: *Esteiros* (1941), narrativa consciente e realista sobre o trabalho dos 'meninos' nos telhais na margem do Tejo, e dedicada com esperança, aos "filhos dos homens que nunca foram meninos".

Nos encontros intelectuais e político-culturais com outros jovens neo-realistas de Vila Franca de Xira, mormente nos 'passeios culturais do Tejo', a bordo da fragata Liberdade, partilhavam-se ideias, canções proibidas e promessas de transformação social em acções militantes.

O compromisso integral com a acção política, na altura na clandestinidade, e a sua morte prematura, aos 40 anos de idade, inviabilizaram de modo indirecto o prosseguimento sistemático de uma carreira literária que todos sabiam promissora e essencial para o Portugal do século XX. Soeiro Pereira Gomes representa, ainda assim, apesar de todas contingências da vida, um património literário e cívico incontornável que merece ser recordado com afectividade e sentido de homenagem. Não podemos esquecer ainda que Soeiro Pereira Gomes será sempre lembrado como um escritor particularmente ligado à

vila de Alhandra e a toda a nossa região ribatejana. Por isso, "Na Esteira da Liberdade", a exposição comemorativa do centenário do seu nascimento, significa para o Museu do Neo-Realismo e para o nosso Município um investimento cultural e científico de grande amplitude, reconhecendo desse modo a necessidade de transmitir às novas gerações o humanismo inexcedível de um dos exemplos maiores da cultura literária portuguesa.

Na fragata Liberdade, Soeiro Pereira Gomes
com Fernando Piteira Santos, Rui Grácio, António Redol, entre outros.

Soeiro Pereira Gomes recitando poesia,
num dos Passeios do Tejo, no princípio da década de 1940.

Apresentação

David Santos
Coordenador do Museu do Neo-Realismo

O Museu do Neo-Realismo constituiu-se, inicialmente, em torno da doação de espólios literários de importantes escritores ligados ao movimento neo-realista. Depois do exemplo de Manuel da Fonseca que, ainda em vida, doou ao Museu o seu espólio, logo em 1991, seguiu-se o espólio literário de Soeiro Pereira Gomes, que foi incorporado no Centro de Documentação em 1992, doado pelos irmãos do escritor. A importância desses actos ajudou sobremaneira a consolidar a ideia e o destino deste Museu. O património legado nos anos iniciais por escritores e suas famílias constituiu um contributo decisivo para a definição das linhas orientadoras desta instituição. Não há museus sem património e a generosidade que representa a doação de espólios ou obras de arte não só reflecte a dimensão e consciência cultural dos doadores, como confirma a ideia de que só a congregação de vontades permite sonhar e concretizar projectos museológicos desta natureza.

No centenário do nascimento de Soeiro Pereira Gomes, o Museu do Neo-Realismo não podia deixar de assinalar tão importante efeméride. "Soeiro Pereira Gomes – Na Esteira da Liberdade" apresenta-se, assim, como uma grande exposição biobibliográfica de valor retrospectivo. Com curadoria de Luísa Duarte Santos, esta mostra pretende recuperar a memória de um escritor maior, mas também o valor de um homem que soube como poucos conciliar a sua vida com a dos outros, revelando um grande sentido de solidariedade e partilha. São todas essas dimensões que esta exposição procura valorizar, sendo certo que a análise biográfica e literária dos estudos agora publicados pela curadora da exposição e pelo Professor Manuel Gusmão reflectem necessariamente diferentes linhas de leitura, ambas reconhecendo todavia a grandeza humanista da produção literária de Soeiro. Basta lembrar a riqueza e a sensibilidade de uma obra como *Esteiros* (1941), o grande romance pelo qual ainda hoje evocamos o nome de Soeiro Pereira Gomes, para acentuarmos a ideia de que a literatura neo-realista também se manifestou em apreço a uma grande dimensão formal. O lirismo e a metaforização desenvolvidos nessa obra remete-nos para uma estreita ligação entre um conteúdo de forte apelo social e político e uma criatividade que não abdica do seu intrínseco valor literário.

Soeiro Pereira Gomes teve uma vida curta mas intensa, lutando pela melhoria das condições de vida daqueles que o rodeavam, nomeadamente os alhandrenses com os quais convivia diariamente, depois de ter casado com Manuela Câncio Reis e se ter fixado nesta pequena vila ribatejana. A construção da piscina pública do Alhandra Sporting Club, liderada por Soeiro, é uma referência maior desse legado de empreendorismo cívico e social.
Na verdade, o labor literário teve sempre em Soeiro Pereira Gomes a concorrência do trabalho administrativo da empresa "Cimento Tejo" e ainda da acção política de oposição ao Estado Novo. Como membro do Partido Comunista Português, o escritor vai assumindo maiores responsabilidades no Ribatejo, sendo impelido, depois das greves de 1944, a entrar para a clandestinidade, o que afecta a sua dedicação à escrita. Esteve ligado ao MUNAF e ao MUD, sendo eleito, em 1946, para o Comité Central do PCP. Colaborou, entre outros, nos jornais *O Diabo*, *O Alhandra*, ou o *República*, escrevendo contos e ensaios que marcaram o seu estilo literário e o seu posicionamento político e cultural de inspiração marxista.
Entre a grave doença e a escassez de cuidados de saúde adequados, e a resistência por um povo sofrido, Soeiro Pereira Gomes prossegue com a escrita do romance *Engrenagem* e de *Contos Vermelhos*, entre outros contos, postumamente publicados em livro. Autor de rara sensibilidade e lucidez, a sua vida termina aos 40 anos, a 5 de Dezembro de 1949, sem ter abandonado a clandestinidade, e deixando na memória dos que o conheceram uma incomensurável tristeza pela perda de um grande homem e de um escritor a quem vida não deixou manifestar-se na sua inteira plenitude.
A presente exposição comemorativa do centenário de Soeiro Pereira Gomes não teria sido possível, no entanto, sem o contributo de diversas pessoas e entidades, a quem gostaria de manifestar o meu reconhecimento.
Em primeiro lugar, um agradecimento especial à curadora da exposição, Luísa Duarte Santos que, uma vez mais, soube desenvolver com empenho e profissionalismo uma grande mostra retrospectiva em prol da consolidação institucional do Museu do Neo-Realismo. Gostaria também de agradecer ao Professor Manuel Gusmão o extraordinário ensaio que escreveu a convite do Museu e que pode ser lido neste catálogo.
Ao Eng. António Mota Redol o reconhecimento pela doação de três importantes objectos, um estojo de talher em prata, uma caneta de tinta permanente e uma lapiseira Parker que

pertenceram ao escritor e irão incorporar o seu espólio, estando já presentes na actual exposição.

Em termos institucionais, gostaria de agradecer a colaboração prestada pelo Museu de Alhandra, e em particular à sua responsável, Eng. Ana Paula Mota, nomeadamente a cedência de alguns objectos e fotografias ligados ao escritor e à vila de Alhandra. Este agradecimento é ainda extensível à Junta de Freguesia de Alhandra e ao seu ex-Presidente, Jorge Serafim Ferreira. À Biblioteca Municipal de Vila Franca de Xira, na figura do seu Director, Dr. Vítor Figueiredo, pelos periódicos cedidos. À Drª Graça Nunes, Directora do Museu Municipal, pelo empréstimo de um conjunto significativo de fotografias de época.

Um agradecimento também à empresa Cimianto, ao Eng. Vítor Costa e a Arsénio Gaião, pela cedência de duas rodas dentadas que integram a exposição. À Valcerami e a Luís Eduardo pela cedência de um conjunto de tijolos que servem de cenário a um dos núcleos da actual exposição.

A toda a equipa do Museu do Neo-Realismo, uma palavra de agradecimento pelo valor de um trabalho em equipa que se manifesta na concretização desta importante exposição sobre o centenário de Soeiro Pereira Gomes, figura determinante para o movimento neo-realista português. Neste contexto, resta-me agradecer ao GGIRP, em particular ao designer Júlio Miguel Rodrigues, que acompanhou desde a primeira hora o processo de imagem e concepção desta mostra, e ainda a Filomena Serrazina, Miguel Oliveira e Prazeres Tavares pela cooperação na sua produção e divulgação.

Soeiro Pereira Gomes, Fernando Lopes Graça,
Sidónio Muralha e outros, a bordo do Liberdade, num dos Passeios do Tejo.

Na Esteira da Liberdade

Luisa Duarte Santos

Quatro núcleos expositivos, quatro obras fundamentais – os contos e crónicas[1], "Esteiros", a "Engrenagem", e os "Contos Vermelhos" – , quatro estações do ano[2], quatro fases da vida de um escritor – os primeiros anos e os primeiros escritos, o reconhecimento como escritor com o seu primeiro romance, as actividades cívicas e militantes num embate contra a engrenagem, a vida clandestina como refúgio de mais um herói – estas foram as linhas basilares na concepção da Exposição que homenageia Joaquim Soeiro Pereira Gomes, no seu centenário. Neste sentido, não haveria melhor oportunidade para revelar ao público em geral, grande parte do espólio literário de Soeiro Pereira Gomes que, até agora, esteve sobretudo acessível aos investigadores e estudiosos que consultam o centro de documentação do Museu. Através de recursos expositivos e de uma linguagem museográfica, pretendemos partilhar o conhecimento e o entendimento deste Espólio, e do próprio Autor, de um modo extensivo e diversificado: a sua produção literária, ficcional ou de cariz ensaístico, com manuscritos ou dactiloscritos, muitas vezes com versões sucessivamente modificadas para um mesmo texto; a sua história pessoal e as actividades cívicas, culturais, militantes que desenvolveu ao longo da sua vida, através de vária documentação escrita, objectos pessoais e fotografias; as críticas à sua obra literária e o seu lugar no movimento neo-realista.

Quando já não faz parte dos programas obrigatórios do ensino secundário, uma obra como os "Esteiros", que muitos de nós se lembram de ter lido e estudado na adolescência, consideramos importante levar aos jovens estudantes este autor notável e, dessa forma, esse livro ímpar na literatura portuguesa, esperando assim contribuir para o despertar da curiosidade intelectual pelo escritor e pela sua criação literária, gerando um entendimento aprofundado da sua vida e obra.

O relativamente pequeno, mas nem por isso menos rico, espólio do escritor e do militante, nem sempre fornece de uma forma simples e óbvia, indicações sobre a sua vida, obra, modos de criação e de actuação politica, literária e cívica. Como um *puzzle*, fomos reunindo matéria de

[1] Os primeiros de 1935 a 1940, e mais alguns poucos que escreveu isolada e posteriormente até entrar na clandestinidade.
[2] Soeiro Pereira Gomes dividiu o romance "Esteiros" em quatro partes que correspondem às quatro estações do ano: Outono, Inverno, Primavera e Verão.

estudo acerca de Soeiro, cruzando informações, textos, factos, interpretações diversas, indo colher também em outras fontes e instituições[3] para uma melhor compreensão, não somente do homem, mas do legado cultural e de cidadania que nos deixou. Tarefa difícil não apenas por uma certa discretude da vida privada e pessoal do autor[4], como pelo facto de alguns – muitos? – documentos terem sido destruídos quando entrou para a clandestinidade, assim como não nos podemos esquecer que esta era uma época de silêncio, de censura, de acções mais ou menos secretas e 'ilegais'.
Este texto pretende ser, deste modo, apenas mais um passo, um arrancar de silêncios, mais uma peça da 'engrenagem' que pode conduzir a uma investigação mais ampla e profunda de uma das referências da literatura do século XX e do movimento neo-realista.

Na Esteira da Liberdade. A esteira, o sulco que Soeiro traçou com a sua vida, na sua vida, em prol de uma Causa: a da igualdade/justiça, a da liberdade/direito de ser humano. Mas também, em Soeiro, o direito ao conhecimento, ao saber, à cultura que são uma forma de Liberdade. "Esteiros", a sua obra-prima (no seu duplo sentido), termina significativamente desta forma:

> "Gaitinhas-cantor vai com o Sagui correr os caminhos do mundo, à procura do pai. E quando o encontrar, virá então dar liberdade ao Gineto e mandar para a escola aquela malta dos telhais – moços que parecem homens e nunca foram meninos."

A libertação de Gineto da prisão é inteligível metáfora da liberdade para a humanidade, mas sobretudo da liberdade que almejava para o seu país agrilhoado, constrangido no pensamento, nas palavras e nas acções, oprimido pela falta de cultura e novos horizontes – o desejo de um futuro de homens livres em que os todos homens possam ter sido meninos, verdadeiramente meninos.

[3] Museu de Alhandra, Biblioteca Municipal e Museu Municipal de Vila Franca de Xira.
[4] Como o próprio Soeiro referiu na entrevista ao jornal *O Primeiro de Janeiro* a propósito da edição de Esteiros.

Da liberdade da sua infância pelas serranias do Douro, à ausência de liberdade em tempos de clandestina luta por essa mesma liberdade, este Valor humano percorre e penetra a vida, a obra e a personalidade de Soeiro.
Daí a imagem-síntese que escolhemos para a capa: Soeiro, a bordo da fragata "Liberdade", num dos 'Passeios do Tejo', espaço de livre comunicação e compartilha de ideais, cabelos ao vento e olhar no horizonte – a utopia - e mãos seguras – a consciência.
Assim fomos na esteira de um homem que quis fazer da liberdade o seu exemplo, a sua esteira.

Dos primórdios da vocação literária de Soeiro pouco se sabe, apenas que em jovem fazia versos e canções, e desse seu versejar adolescente pouco restou, senão em testemunhos de familiares:

"Nasci nos montes da aldeia
Tenho por cama o granito
As estrelas por candeia
E por tecto o infinito"[5]

Quadras feitas à desgarrada com a irmã Alice, – esta, guardada pela irmã Berenice –, num desses tempos de férias, ou com intenções de um concurso literário no Porto.
Remanescem também páginas de um juvenil diário, redigido por entre sonhos e memórias, e os anseios às portas da vida adulta:

[5] Ricciardi, Giovanni. *Soeiro Pereira Gomes. Uma Biografia Literária*. Lisboa: Editorial Caminho (Col. Universitária). 1999, p. 36. Esta monografia constitui uma referência fundamental no entendimento da vida do escritor, pela sua extensão e rigor.

"A aldeia também sonha. Sonham as almas, cansadas pelo árduo labor do dia; sonham talvez com os prados, as sementeiras, o pão que hão-de colher. Bendito sonho que faz germinar a terra!"

Poderiam ser devaneios imaturos ou frases ingénuas, sem intenção de porvir, mas quando logo adiante escreve:

"E eu de tanto sonhar fiz-me poeta."

perguntamo-nos: poeta? homem das letras, versejador? ou simplesmente sonhador?
E, como nos respondesse em seguida:

"Ser poeta é sonhar a vida inteira."[6]

Poeta trovador, poeta idealista, na escrita e nos actos, escrever com poesia e viver na poesia, metáfora existencial de um cavaleiro andante[7] ou de quixotesca vida.
Este à-vontade com as letras deve-lhe ter servido para mais tarde, não apenas para as coplas das revistas que compôs e encenou com a mulher, mas para toda a sua escrita ficcional, onde o sentido poético se foi apurando.
Crê-se que a sua infância feliz e generosa nas terras serranas do Douro, no seio de uma família que, entre as influências republicanas do pai – de justiça e liberdade – e o perspicaz mas firme matriarcado, foi basilar na construção do homem e do escritor, mantendo sempre presentes – inerentes – valores ligados à terra, como a simplicidade, a solidariedade e a generosidade.

[6] Do diário de Soeiro, "Da Aldeia (Cartas ao meu amor)", 23 Março 1929.
[7] Como o designou José Gomes Ferreira em *A memória das palavras*.

literárias, contactando com o movimento presencista, cujo primeiro número da revista "Presença" surgiu a 1927.
Soeiro completou o Curso de Agricultor Diplomado com 19 anos, e com uma média de 13 valores[9]. Foi na festa de formatura, a 20 de Maio de 1928, através do seu colega de curso José Câncio Reis que conheceu a irmã, Manuela, sua futura mulher.
A meio do seu curso, por razões de dificuldades económicas, a família deixou Gestaçô e foi para o Porto, em 1924, onde já se encontrava Alice, a estudar, possibilitando deste modo que os filhos mais novos também pudessem prosseguir os estudos. Essas razões contribuíram igualmente para que Soeiro não ingressasse no ensino universitário, como pretendia:

> "Quase às portas da Universidade, retrocedi em busca doutra estrada mais longa e, por isso, mais ruim. E fiquei na encruzilhada da Vida".[10]

Terminados os estudos, Soeiro tentaria arranjar trabalho na zona do Porto. Depois de infrutíferos esforços para conseguir algo compatível com as suas habilitações, apenas conseguindo dar algumas explicações particulares, decidiu tentar a sorte indo para África respondendo a um anúncio da Companhia Agrícola de Cassaquel. Foi para Catumbela, perto do Lobito, em Angola, no final de 1930, não para trabalhar num escritório ou para exercer o seu curso, mas para laborar no armazém. Tal como sucedera a Alves Redol, o padecimento com as febres das doenças tropicais, além de que a sua desadaptação e revolta relativamente ao ambiente social que se vivia em terras coloniais, pela exploração quase escrava dos negros, fez com que tomasse a decisão de regressar, após uns poucos meses, voltando "mais pobre ainda"[11].

[9] Documentos pessoais pertencentes ao seu espólio: Certificado e Diploma de Curso. MNR A2/7.8 e MNR A2/7.9.
[10] "Estrada do meu destino". Conto. [1939-1940?]. MNR A2/2.11/B.
[11] Carta para o irmão Alfredo, de 30 Agosto de 1936. *Cit.* por Ricciardi, Giovanni. *Soeiro Pereira Gomes. Uma Biografia Literária*. Lisboa: Editorial Caminho (Col. Universitária). 1999.

Recorde-se um fragmento da "Última carta"[8], crónica-conto escrita na clandestinidade, e destinado a um novo "livro, em preparação", "Diário de um foragido":

> "e eu descuidei-me a contemplar algumas vacas turinas, que me lembravam os quinteiros da pacífica aldeia em que nasci."

Meninice bem-aventurada que não viu em muitos dos moços que, anos mais tarde, ajudou a aprender a ler, a nadar e a acreditar, almejando para eles, ou seus filhos, que conseguissem ainda ser meninos.

Na Casa do Vilar, em Gestaçô, cresceu, nos primeiros anos, com as duas irmãs mais novas, Alice e Berenice, com as duas tias e a avó paterna – uma casa de mulheres –, além dos pais Celestina e Alexandre. No ano em que saiu de casa para estudar em Espinho, junto da tia-avó materna e madrinha Leopoldina da Costa, é que nasceram os três irmãos, Alexandre, Jaime e Alfredo.

Começou a frequentar a escola primária no ano lectivo 1915-16, com 6 anos. Ao que se sabe, depois frequentou o Colégio Externato de Espinho, sucursal do Colégio dos Carvalhos de Vila Nova de Gaia, tendo reprovado no 2º ano do Liceu, na disciplina de latim. Com este revés, e frustrando as aspirações familiares de seguir Medicina, Soeiro matriculou-se em Outubro de 1920, em regime de internato, na Escola Nacional de Agricultura em Coimbra, no curso de Regentes Agrícolas. Prosseguia deste modo o vínculo às suas raízes, talvez esperando mais tarde cuidar das propriedades da família na zona de Gestaçô. Nas férias escolares, voltava sempre a terras do Douro e aos braços do afecto e da alegria familiar.

Enquanto aluno foi um bom atleta a ginástica, especialmente nas argolas, integrava o clube de futebol da escola, gostava de natação, hipismo, dedilhava guitarra, fazia serenatas, ia aos bailaricos e arrais populares. Na cidade dos estudantes, frequentava livrarias e tertúlias

[8] Dedicada ao camarada Alexandre, pseudónimo de Alfredo Diniz, assassinado em 5 de Julho de 1945, pela PIDE. MNR A2/2.13

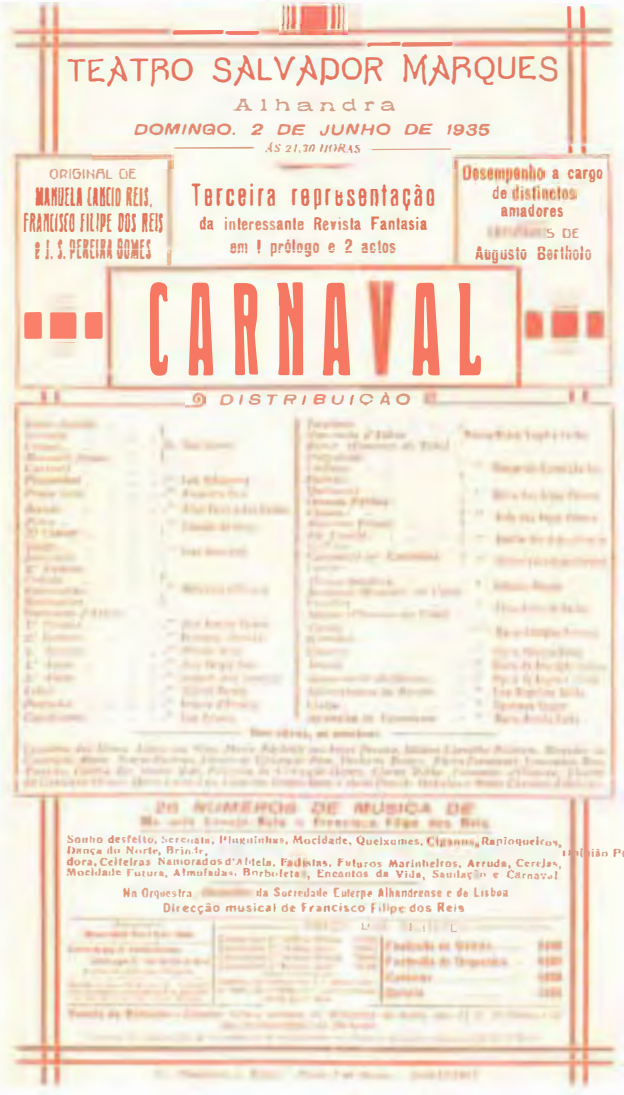
Ainda enfermo, chegou a Lisboa num barco de carga, indo restabelecer-se uns dias para Alhandra, na casa da avó do colega José e da futura mulher Manuela, antes de voltar para o Porto.
Joaquim Soeiro Pereira Gomes e Manuela Câncio Reis casaram em Coimbra, a 25 de Maio de 1931; ele com 22 anos, ela com 21. Depois de uns dias naquela cidade e de uma viagem à terra natal de Soeiro, foram morar para Alhandra. Primeiro habitaram na casa dos sogros, depois sozinhos na "quintinha da viúva Câncio", propriedade da avó de Manuela, designação da Quinta do Álamo, em São João dos Montes, a dois quilómetros da vila ribeirinha. Ao domingo, único dia de lazer, muitas vezes davam passeios pelos montes da região, a cavalo, emprestado por um vizinho, ou alugando bicicletas, ou então ficavam pela quinta dos vinhedos que lembrava as encostas dourienses, e Soeiro ficava a ler na sua cadeira de lona, a carpinteirar, a pintar; de manhã, sempre que podia jogava futebol na vila. Aquele lugar tornou-se um refúgio para Soeiro, mesmo quando foram viver, em 1934, para a casa da Rua Augusto Marcelino Chamusco, nº 9, frente ao rio e aos esteiros. Era naquela quinta onde ia passar uns dias de vez em quando, como que em retorno às suas origens, que Soeiro

> "retemperava as forças (...) De regresso do trabalho, estiro-me numa cadeira de repouso e filosofo com os botões, praguejo com os jornais (...) sobre Espanha"[12]

Entretanto, assim que chegou a Alhandra, e por intermédio do sogro Francisco Filipe dos Reis, começou a trabalhar nos escritórios da Fábrica "Cimento Tejo", num ambiente industrial, que lhe era necessariamente desconhecido.

> "Tudo me foi estranho desde o primeiro dia.
> O chefe, rotundo e severo, indicou-me o lugar no escritório. Apresentou-me: – O novo

[12] *Idem*.


TEATRO SALVADOR MARQUES
Alhandra
DOMINGO, 2 DE JUNHO DE 1935
ÀS 21,30 HORAS
ORIGINAL DE MANUELA CANCIO REIS, FRANCISCO FILIPE DOS REIS e J. S. PEREIRA GOMES
Terceira representação da interessante Revista Fantasia em 1 prólogo e 2 actos
Desempenho a cargo de distinctos amadores
Augusto Bertholo
CARNAVAL
DISTRIBUIÇÃO
20 NUMEROS DE MUSICA DE
Sonho desfeito, Serenata, Pinguinhas, Mocidade, Queixumes, Ciganos, Rapioqueiros, Dança do Norte, Brinde, Dolorida Publica, Violetas, Tecedeiras, Flores, Alverca Avia-dora, Ceifeiras, Namorados d'Aldeia, Fadistas, Futuros Marinheiros, Arruda, Cerejas, Mocidade Futura, Almofadas, Borboletas, Encantos da Vida, Saudação e Carnaval
Na Orquestra da Sociedade Euterpe Alhandrense e de Lisboa
Direcção musical de Francisco Filipe dos Reis

TEATRO SALVADOR MARQUES
ALHANDRA
Sabado 31 de Julho e Domingo 1 de Agosto de 1937
AS 21.30 HORAS
Apresentação da revista local, em 2 actos e 4 quadros
Sonho ao Luar
Original de Manuela Cancio Reis e J. S. Pereira Gomes
de Alhandra e pelo consagrado amador de Lisboa Ex.mo Sr. ALEXANDRE REIS
20 NUMEROS DE MÚSICA
de MANUELA CANCIO REIS, executadas por uma Orquestra composta de alguns dos melhores elementos da Sociedade Euterpe Alhandrense, e de 3 artistas de Lisboa, sob a regencia da autora
1.º ACTO
1.º Quadro LUAR DE JANEIRO — Amôr nos Telhados, Canção do Pescador e Sonhos.
2.º Quadro NO JARDIM DO BAIRRO NOVO
2.º ACTO
3.º Quadro OS ENCANTOS DA PISCINA
4.º Quadro CANTIGAS AO S. JOÃO — Alcachofras e Cantigas ao S. João.
Acompanhamentos a guitarra pelos Srs. Manuel Esteves e Luiz Rato
DISTRIBUIÇÃO
Sr. Alexandre Reis
Sr. Eduardo de Sousa
Virgilio Gonçalves
Manuel Pereira
Jorge Viana d'Almeida
Joaquim Lourenço
Gabriel Morato
José Dias
Francisco Machita
José Avelino Pereira
Menina Gilberta Morato
Maria Virgilia Leitão
Maria Adelaide Ferreira
Carminda Gaspar
Maria Helena Carvalho
Maria Isabel de Jesus Sousa
Deolinda Borges
Caracterisadores: Srs. João Botto e Abel Botto
Solistas
Nos numeros de conjunto
Preços dos Bilhetes
Tip. Progresso — ALHANDRA

Cartazes das peças de revista escritas e encenadas por Soeiro Pereira Gomes.

Clube Desportivo da Casa de Recreio para o Pessoal da Fábrica Cimento Tejo. Inaugurado a 2 Junho de 1936, tendo Soeiro sido um dos promotores desta iniciativa, fazendo parte da Direcção como Secretário.

Soeiro Pereira Gomes, Manuela Câncio Reis e Maria Helena Vicente, na Piscina de Alhandra (Charca da Hortinha), em 1936.

empregado, o sr. João da Silva. Os outros tomaram ar solene nas secretárias, como reis em trono, miraram-me. Adivinhei-lhes o pensamento: – um concorrente."[13]

No seu romance "Engrenagem", Soeiro recupera este conto sobre a entrada de um novo funcionário (no caso, a personagem é o sr. Paulo Amaro) numa fábrica 'semelhante' à sua, integrando-o no capítulo I, secção 2, com poucas alterações. Não podemos dizer que seja auto-biográfico, contudo, recupera concerteza algo da sua própria realidade, ou de uma realidade a que assistiu de perto, para a reconstruir ficcionalmente na narrativa.

Embora o sogro estivesse envolvido em actividades desportivas e culturais em Alhandra, sendo um dos mais entusiastas, Soeiro só começou a participar activamente mais tarde, se exceptuarmos a criação de aulas de ginástica infantil para os filhos dos operários da fábrica no Verão de 1933.

1935 foi um ano crucial para Soeiro, na medida em que começou a realizar projectos muito diferentes e decisivos: a colaboração no Teatro Salvador Marques, a construção da Piscina e a escrita do seu primeiro conto, "O Capataz".

Com a mulher Manuela e o sogro Francisco Filipe dos Reis, escreveu e encenou a revista "Carnaval", representada pelo Grupo Dramático de Alhandra, constituído por adultos e crianças daquela vila operária. A peça foi, obviamente, à censura por ser uma apresentação pública, tendo sido aprovada com cortes.[14] Desde logo a imprensa local faz eco do sucesso da revista e do papel importante de Soeiro: "J. S. Pereira Gomes secundou brilhantemente a revista (...), sendo impressão geral que à sua actuação muito deve o êxito alcançado".[15]

Dois anos mais tarde, o casal, já sem Francisco Filipe dos Reis, apresentou "Sonho ao Luar", no mesmo palco da Sociedade Euterpe Alhandrense, levando também o espectáculo

[13] "Estrada do meu destino". Conto. MNR A2/2.11/A e B. No original dactiloscrito, sem parágrafos a partir do segundo.
[14] PT-TT-SNI/DGE/1/1271. "Carnaval", 1935. Documento Composto, 92 p. Direcção Geral dos Serviços de Espectáculos. proc. 1271. ANTT documento manuscrito.
[15] "A revista «Carnaval» no Teatro Salvador Marques de Alhandra". In *Mensageiro do Ribatejo*, Ano IV, nº 279, 16 Junho 1935, p. 1.

a Vila Franca e a Lisboa, ao Teatro Éden. Esta peça tinha sido igualmente sujeita a exame prévio, com o mesmo desenlace da anterior.[16]

Aquando da representação no Teatro Éden, em Lisboa, Soeiro fez uma "curta palestra onde definiu o objectivo da sua colaboração na «Festa do Riso»"[17]

Os ensaios diários foram basilares na aproximação do escritor às gentes de Alhandra, ao conviver com os participantes das revistas, muitos deles crianças carenciadas, ou mulheres e homens operários de fábricas vizinhas, e deste modo, Soeiro começou a contactar gradualmente, não apenas com a realidade do operariado que já conhecia parcialmente através da fábrica "Cimento Tejo", mas também as colectividades locais, a que se dedicou muito civicamente, a partir daí.

Ao mesmo tempo, trabalhava intensamente para que Alhandra tivesse uma piscina. De uma constatação, ou sonho inicial, de "Falta aqui uma piscina"[18], quando debruçado na janela de sua casa via os miúdos a chapinhar nos esteiros, até ao iniciar de trabalhos na Charca da Hortinha, foi um ápice. Depois foram árduos anos, documentados pelos relatórios anuais que ia fazendo como presidente da Comissão Autónoma da Piscina do Alhandra Sporting Club.[19] Três anos até ser inaugurada a primeira fase, e mais quatro na melhoria das condições e no bom funcionamento da piscina; sete anos de empenho, não apenas na construção de um equipamento socio-desportivo, mas porque aquela estrutura iria desenvolver e promover as condições físicas, intelectuais e morais das crianças e dos jovens – à época, eram ainda muitos os preconceitos e convencionalismos acerca da juventude e do desporto, nomeadamente em relação o feminino:

[16] PT-TT-SNI/DGE/1/1692. "Sonho ao luar", 1937. Documento Composto, 67 f. Direcção Geral dos Serviços de Espectáculos. proc. 1692. Revista local da autoria de Manuela Câncio Reis e Joaquim Soeiro Pereira Gomes. Peça aprovada com cortes, representada no Teatro "Salvador Marques", em Alhandra. ANTT documento dactilografado.

[17] Na «Festa do Riso» efectuada no Éden-Teatro em Lisboa, em benefício da Colónia Infantil do jornal «O Século» a primeira parte foi preenchida pela revista «Sonho ao Luar»". In *Mensageiro do Ribatejo*, Ano IX, nº 401, 27 Fevereiro 1938, p. 1

[18] Reis, Manuela Câncio. *A Passagem. Uma Biografia de Soeiro Pereira Gomes*. Lisboa: Editorial Caminho (Biografias). 2007, p. 67.

[19] MNR A2/5.1 a MNR A2/5.7.

"Uma ideia, um esforço, uma vontade – e tudo é possível."[20]

"Pereira Gomes (...) animador incansável dessa iniciativa" [piscina]"[21], como foi também de outras iniciativas: a construção da Casa de Recreio para o Pessoal da Fábrica Cimento Tejo, onde se instalou o respectivo Club Desportivo, inaugurado a 2 de Junho de 1936, e de cuja primeira Direcção era Secretário, a constituição de várias bibliotecas – a do Club Desportivo daquela fábrica, a do Alhandra Sporting Club e a da Sociedade Euterpe Alhandrense, em 1940. Além de fundador de bibliotecas populares, Soeiro, sobretudo nos primeiros anos da década de 40, proferiu diversas palestras nestas e noutras colectividades locais[22]: uma sobre os princípios básicos, conceitos e desenvolvimento infantil através da Educação Física[23], outra sobre a água e recursos hídricos[24], e em Março 1942, proferiu uma palestra na Universidade Popular de Lisboa, "Educação física e desporto"[25], entre outras.

Foi naquele ano de 'mudança' que Soeiro escreveu o seu primeiro conto, "O Capataz". Datado de 30 de Dezembro de 1935,[26] era para ser publicado no jornal "O Diabo", como revela a carta timbrada, em que Rodrigues Lapa lhe comunica que a novela "O capataz" fora integralmente censurada pela PIDE, em prova tipográfica. Texto escrito para um concurso, mas que correspondia já a um desejo de se dedicar à escrita, como revelou numa entrevista[27]:

"Sempre ambicionei escrever".

[20] Palavras de Soeiro, ao jornal *Vida Ribatejana*, 1938.
[21] Costa, José Patrício da. "A piscina do Alhandra Sporting Clube". In *Mensageiro do Ribatejo*, Ano IV, nº 287, 18 Agosto 1935, p. 1.
[22] No Atlético Clube de Portugal, no Sport Grupo Sacavenense, na Sociedade Recreativa Musical 1º de Agosto Santa Iriense. Ver Correspondência, MNR A2/6.2.
[23] "[Palestra sobre instrução e educação física]". Original dactilografado com emendas manuscritas. MNR A2/4.4.
[24] MNR A2/4.2.
[25] Original dactilografado com emendas manuscritas. MNR A2/4.3/B. Ver também a carta em que lhe é solicitado pelo Sport Club de Monte-Pedral, a repetição da Conferência dada na Universidade Popular. MNR A2/6.2.23
[26] Cópia dactilografada com emendas manuscritas. MNR A2/2.4.
[27] Ao jornal "O Primeiro de Janeiro", de 10 de Fevereiro de 1943.

Este conto constitui-se como efectivo precursor de um género de narrativas que só apareceria publicado um par de anos mais tarde; de características marcadamente neo-realistas, um cunho social vincado, atendendo aos aspectos da pobreza e miséria do operariado, conta a história de um operário que "atormentado de remorsos" sacrifica a vida, "salvando os camaradas".[28]
De quase quatro anos que medeia até ao próximo conto, não se conhece mais nada da escrita de Soeiro. Provavelmente estaria tão atarefado com as obras da Piscina e outras actividades que não havia tempo para a literatura. Sabe-se que em 1939 começou a escrever um manuscrito de "Esteiros"[29], embora a ideia de escrever um romance há muito se desenvolvesse no seu espírito, talvez desde os tempos em que se mudou para aquele 1º andar e, dali, observava os meninos nos Telhais, na sua labuta sazonal.
Esse último ano da década de 30, foi também o ano do início da sua colaboração com "O Diabo", com duas Crónicas: "[As crianças da minha rua…]" e "[Moro numa casa de dois andares…]", e no ano seguinte, antes do encerramento do periódico, ainda publica outra "Crónica [Eu e êle - companheiros de um dia]" e o conto "O Pàstiure".
Estas breves narrativas, entre a ficção e o real, entre o conto e a crónica, surgem do seu mundo próximo, de uma realidade que observava atenta e activamente:

> "A vida literária nasce dum «contacto» entre o mundo exterior e o mundo interior do artista. É ele que determina a necessidade profunda de escrever. Se ele (contacto) não se produz, vale mais não escrever. Eu lembro-me do conselho de Tolstoi: "Se vós podeis não escrever um livro, não o escrevei"[30]

Até 1943, ainda publicou mais três contos "Alguém'', "Um conto / Coisas quase inacreditáveis" e "Breve história dum sábio", no "República" e n' "O Castanheirense". Outras intenções de

[28] MNR A2/6.2.1.
[29] Carta ao irmão Alfredo de 15 de Fevereiro de 1939.
[30] Do seu Bloco de notas "Notas para o romance "Companheiros" e "Diário dum Foragido"" (crónicas) (MNR A2/2.3).

publicação, como a no "Sol Nascente", ficaram por cumprir, pelo encerramento coercivo do periódico, ficando assim alguns dos escritos, inéditos em vida, tendo sido editados apenas em 1950, no volume "Refúgio perdido".

Voltando ao ano de 1940, no Verão, a 10 de Agosto sai n' "O Diabo", um excerto do romance "Esteiros" intitulado "Vocação Perdida". Ora se o manuscrito[31] está datado pelo autor, onde logo na primeira folha, aparece "Começado em Outubro de 1940" e foi terminado em Maio de 1941, haveria um outro documento (texto? rascunho?) prévio? Certo é que Soeiro publicou este excerto meses antes, fragmento que corresponde à Primavera (III Parte, 2º capítulo), tal qual a versão em 1ª edição.

Envolto em alguma imprecisão está também o momento em que Soeiro decidiu usar o apelido da mãe, tornando-o patente no seu próprio nome. No seu primeiro conto tinha assinado como 'J. S. Pereira Gomes", mais tarde adopta apenas os dois últimos apelidos. É nos "Esteiros" que se denota uma certa oscilação: na folha de rosto do original dactilografado com emendas manuscritas, que datamos entre Maio e Agosto de 1941, surge como autoria "Joaquim Pereira Gomes"; na 1ª edição de "Esteiros", aparece pela primeira vez o nome "Soeiro Pereira Gomes" apenas na capa, pois na folha de rosto do livro, a autoria surge como "Pereira Gomes", assim como na 2ª e 3ª edições desta obra, nestes casos na capa e na folha de rosto. Até que ponto Soeiro interferiu nestas escolhas, ou foram decisões da editora?

As Edições Sírius foram a segunda editora a receber o manuscrito, depois da recusa da Editora Inquérito; Alexandre Babo, um dos sócios fez-lhe uma proposta[32] e com as ilustrações de Álvaro Cunhal[33], a 1ª edição sai em Novembro de 1941, granjeando desde logo críticas elogiosas, que levam a uma reedição em menos de seis meses. Desde então foram inúmeras as edições deste notável romance, algumas com ilustrações feitas propositadamente, tendo também sido traduzido para outras línguas, designadamente para italiano, em 1955, francês e castelhano.

[31] O espólio possui dois documentos, duas versões, uma manuscrita e outra dactiloscrita.
[32] MNR A2/6.2.11.
[33] Carta sobre a alteração da capa da 1ª edição, referindo os desenhos de Álvaro Cunhal. MNR A2/6.2.12.

> "No realismo não basta a exactidão: é preciso também a interpretação. A exactidão dá-nos o ambiente, os conflitos. Mas é pela interpretação que se verificam as contradições, e se encontra o caminho da luta, a solução".[34]

Da sua circunstância concreta – o trabalho na Fábrica Cimento Tejo – Soeiro já se tinha inspirado na criação de algumas das suas narrativas, a "Crónica [Coisas quasi inacreditáveis]", os contos "Pesadelo" e "Estrada do meu destino". Este último, como já referimos, foi recuperado integralmente e com poucas alterações, e integrado no romance "Engrenagem".[35]

> "Para os trabalhadores sem trabalho
> – rodas paradas de uma engrenagem caduca."

"Engrenagem", principia com esta dedicatória, levantando o véu sobre a temática da narrativa: a industrialização e as condições sociais dos trabalhadores. Com algumas analogias à própria vida do autor, o romance desenvolve-se em torno de uma vila, que de carácter rural se vai transformando em centro industrializado, expressando ficcionalmente os conflitos entre o mundo rural e a proletarização dos trabalhadores, parecendo opor camponeses a operários da grande fábrica.

Segundo romance de Soeiro, foi publicado pouco depois da sua morte, em 1951, utilizando como texto-base, a versão dactiloscrita de 1944.[36] O manuscrito, iniciado em Novembro de 1942, foi recomeçado em Setembro de 1943. No final da I Parte, Soeiro redigiu "Interrompido em Dezembro de 1943" e imediatamente antes da II Parte, "Recomeçado em Julho de 1944"; no final do manuscrito, encontramos o seguinte: "Acabado em 2/10/1944", com Soeiro já na clandestinidade. O original dactilografado, que se pensava ser posterior ao manuscrito,

---

[34] Do Bloco de notas - "Notas para o romance "Companheiros" e "Diário dum Foragido"" (crónicas) – última página manuscrita (MNR A2/2.3)
[35] Ver Parte I, capítulo 2, deste romance.
[36] MNR A2/2.2./B.

encerra com a data de "Setembro / 1944", não apresentando emendas de vulto, ao contrário do manuscrito que inclui inúmeras correcções. Será que a passagem para o dactiloscrito foi acompanhando a escrita do manuscrito, e não foi um documento posterior? Mesmo assim, fica a questão por aclarar. Acerca da terceira versão abordá-la-emos mais à frente.
Junto ao manuscrito de "Engrenagem" estavam notas e apontamentos[37] que ajudam a compreender, não apenas o método de trabalho de Soeiro, mas que encontram paralelismo no Bloco de notas: "Notas para o romance «Companheiros» e «Diário dum Foragido» (crónicas)". Pela primeira vez, adoptou um pseudónimo, João Amargo, apresentando-o no manuscrito e no original dactilografado com emendas manuscritas[38]; escolheu-o também para nomear a autoria de "O Pio dos Mochos", um dos "Contos Vermelhos". A escolha do pseudónimo não é de modo algum casual - 'amargo' é a tradução do vocábulo russo Gorki -, decorre do nome do escritor marxista Máximo Gorki.
Literatura, cidadania e política, três conceitos que progressivamente se foram cruzando e interligando em Soeiro, desde meados dos anos 30, através de actividades culturais e militantes, projectando reflexos cada vez mais intensos na sua obra; uma ideologia que se traçava numa praxis, e uma acção que corroborava um pensamento.
"O Diabo", jornal em que colaborava desde Novembro de 1939 (depois da tentativa gorada de publicação do conto "O Capataz", nos inícios de 1936), foi uma peça importante na reorganização do PCP em 1939 e 1940.[39] Não apenas porque através da sua redacção se conseguiu restabelecer o contacto com pessoas que se tinham afastado do partido um pouco antes, como na criação de ligações com novos simpatizantes. Para além dessa colaboração literária havia, no ponto de encontro que era a própria Redacção e sede do jornal, no Bairro Alto, na rua de S. Pedro de Alcântara, um intenso convívio entre intelectuais, estudantes e personalidades da cultura, animado pela figura consciencializadora de Piteira Santos. Com este,

[37] Que com esta revisão do tratamento documental do Espólio foram desanexados, já que se tratam de documentos complementares e preparatórios à elaboração do romance. MNR A2/2.2/D.
[38] MNR A2/2.2/A e MNR A2/2.2/C.
[39] Ventura, Cândida. *O socialismo que eu vivi*. Lisboa: O Jornal, 1984. p. 36.

A fragata Liberdade.

Soeiro Pereira Gomes declamando, num dos Passeios do Tejo.

Soeiro trocou alguma correspondência no ano de 1940, não apenas sobre a eventual censura de um conto-crónica que estava para publicação n' "O Diabo"[40], mas também sobre assuntos culturais em que fazia a ligação entre Fernando Lopes-Graça e Manuela Câncio Reis, ou expôs a Soeiro um projecto de um volume de contos, uma antologia[41] – seria a que deu origem ao primeiro livro colectivo e neo-realista de "Contos e poemas de vários autores modernos portugueses", em 1942, organizado por Francisco José Tenreiro e Carlos Alberto Lança?
Não há certezas quanto à data da aproximação e do ingresso de Soeiro no Partido Comunista, embora alguns dados apontem para 1939-1940. Por um lado, antes da reorganização do partido, tudo estava demasiado indefinido para que houvesse essa estruturação e consequente filiação, por outro, dada a história pessoal de Soeiro, parece deduzir-se que possa ter havido uma sensibilização progressiva às condições sociais e económicas do povo e dos trabalhadores com que contactava diariamente. E se o republicanismo do pai foi marcante no despertar do seu sentido de liberdade e justiça, também a sua própria generosidade e humanidade, reconhecidas por todos os que com ele conviviam, assim como o contacto com o seu colega Albino, "o comunista",[42] nos tempos de Coimbra, poderão tê-lo motivado nesta sua opção militante.
Por via de Alves Redol, que o levara para o seio do grupo neo-realista de Vila Franca, é patente, não só a ligação com o grupo de "O Diabo", como ao Partido Comunista; data de 1939, uma carta daquele para Soeiro que principia por "Prezado Camarada"[43], cujo assunto consistia na preparação de um Serão de Arte em Alhandra, no qual Alves Redol e outros companheiros iriam participar.
A organização de sessões culturais em instituições operárias e cívicas (que Soeiro já vinha promovendo na segunda metade da década de 30, embora inicialmente sem certezas de uma

[40] Carta de Fernando Piteira Santos, original manuscrita timbrada de "O Diabo", acerca da publicação (e a eventual censura) de uma Crónica/conto de Soeiro (talvez a que saiu a 5 de Outubro de 1940 - *Crónica [Eu e êle - companheiros de um dia]*). MNR A2/6.2.10
[41] Carta de Fernando Piteira Santos, escrita da Nazaré, a 10 de Setembro de 1940. MNR A2/6.2.9
[42] Reis, Manuela Câncio. *A Passagem. Uma Biografia de Soeiro Pereira Gomes*. Lisboa: Editorial Caminho (Biografias). 2007.
[43] Carta manuscrita de Alves Redol. MNR A2/6.2.3.

OPERÁRIOS E CAMPONESES!

Trabalhadores! Filhos e filhas do nosso Povo!

GREVE DE DOIS DIAS
pelo Pão e pelos Géneros!

Operarios e operárias! Camponeses e camponesas! Companheiros de trabalho e de sofrimento! Irmãos, na fome e na miseria! Velhos companheiros das lutas camponesas de maio de 1943 e das greves operárias de julho-agosto!

A voz do Partido Comunista de novo vos chama para a luta.

Basta de pedir e de solicitar. Basta de sofrer. Basta de esperar que a morte pela fome nos venha bater à porta.

O govêrno fascista de Salazar não quis ouvir as classes trabalhadoras que reclamavam pão. O govêrno de Salazar continua a enviar os géneros para a Alemanha. Os grandes exploradores instalados nos Grémios e outras organizações fascistas continuam a assembarcar, a especular, a roubar ao povo o alimento de que o povo necessita.

Viver assim não é viver. Quem não come não pode trabalhar.

Operários e camponeses! Trabalhadores de tôdas as políticas e religiões! Valentes mulheres do nosso povo! O momento chegou para nos unirmos, fortemos, obrigando o govêrno a tomar imediatas providências para resolver a nossa situação. Que o povo se levante para a luta pelo pão. Que operários e operárias, camponeses e camponesas, todos os que trabalham e sofrem, façam ouvir a sua voz numa grande jornada de protesto. Que os dias 8 e 9 de maio, 2.ª e 3.ª [illegible] da unidade de combate dos operários e camponeses, de todos os explorados [illegible] da fome e da miséria.

Que nos dias 8 e 9 de maio
PARE O TRABALHO NAS FÁBRICAS E EMPRÊSAS
PARE O TRABALHO NOS CAMPOS

Que, nos dias 8 e 9 de maio, o povo deixa as ruas e tome conta das ruas. Que se juntem homens, mulheres e crianças

EM GRANDES MANIFESTAÇÕES DE PROTESTO
pelo Pão e pelos Géneros

Heroicos trabalhadores da região de Lisboa! A greve! Na manhã do dia 8 apresentaias vossas reivindicações ao patronato, paralisai o trabalho, em seguida fazei manifestações de rua pelo pão e [illegible] **Trabalhadores do campo!** Na manhã do dia 8 tocai os sinos a rebate, parai o trabalho, [illegible] todos, marchai sôbre as vilas em grandes marchas da fome. **Operários das vilas e cidades!** Paralisai o trabalho, uni vos aos camponeses. **Mulheres do nosso povo!** Abandonai os vossos lares e juntai-vos aos vossos companheiros, aos vossos irmãos. Todos unidos, braço com braço, ombro com ombro.

Que as grandes manifestações e marchas da fome se dirijam ao govêrno, às autoridades, exigindo Pão e Géneros. Desfraldai bandeiras negras, as bandeiras da fome. Levai cartazes, onde gritais que tendes fome e quereis Pão.

Se, nos dias 8 e 9, o govêrno fascista não usar da violência para com os manifestantes e os grevistas

voltai ao trabalho no dia 10, quarta-feira

Assim terais mostrado a vossa fôrça, a vossa união, a vossa disciplina, ao govêrno fascista e aos exploradores. E êles tomarão medo, estai certos, porque verão que o povo não se deixa matar à fome. Assim êles se ameaçam na necessidade de resolver rapidamente a situação dos trabalhadores, de fornecer Pão e Géneros. Se o não fizerem, se depois de tres marchas o trabalho, o govêrno nada solucionar, **recomeçaremos a luta** e que o fascismo trema. O Partido Comunista vos indicará o caminho, o caminho da vitória.

Mas, se nos dias 8 e 9, o govêrno de Salazar usar da violência para fazer calar o povo, se enviar contra vós as fôrças armadas, convidai os soldados a fazerem causa comum com o povo, gritai-lhes que sois os seus irmãos de classe e de sangue. Se o govêrno fascista prender os trabalhadores e exercer violência, com isso desencadeará a tempestade. O povo resistirá em massa. O Partido Comunista, no momento justo, vos indicará o caminho a seguir, vos indicará o caminho da vitória. O Partido Comunista formou um **Comitê Dirigente da Greve** que se encontra no seu pôsto para orientar e ajudar os trabalhadores.

Nos dias 8 e 9 de maio, tôda a nação portuguesa acompanhará a luta das massas populares.

Vós, soldados do Exército, da PSP, da GNR, vós, filhos do povo fardados, recusareis espancar e metralhar os vossos irmãos trabalhadores.

Vós, oficiais anti-fascistas e patriotas, recusareis dar ordens de violência sôbre o povo.

Vós, pequenos lavradores, comerciantes e industriais, apoiareis as acções populares que se dirijam contra o vosso próprio inimigo: o govêrno fascista de Salazar.

VÓS, ANTI-FASCISTAS E PATRIOTAS. VÓS, PORTUGUESES HONRADOS, apoiareis por tôdas as formas as lutas das massas.

O povo português levanta-se contra o reinado salazarista de fome, terror e traição.

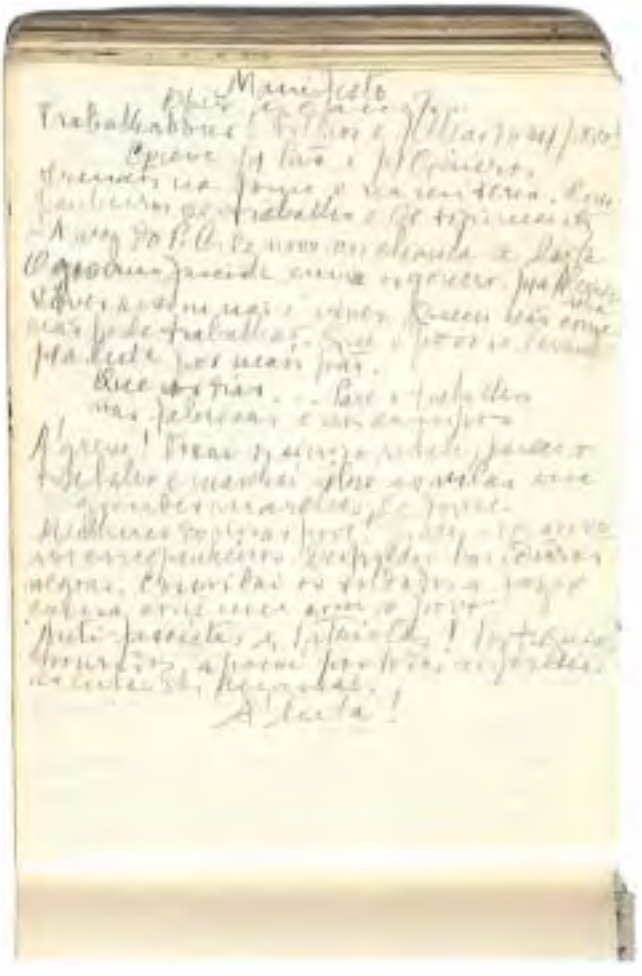
Trabalhadores! Unidos até à vitória.

À LUTA!

[illegible]

O Secretariado do Comitê Central do Partido Comunista Português

Manifesto do PCP apelando à "Greve pelo pão e pelos géneros", em 1944.



Página do 'Bloco de Notas' de Soeiro Pereira Gomes.

intenção politizada, porque pensamos que a motivação fosse sobretudo de cariz humano e social) ou a criação de bibliotecas populares, com leitura e alfabetização, ia ao encontro dos preceitos que mais tarde o partido explicitou: "entrar para sócios de organizações desportivas e recreativas" e "procurar aproximar-se dos operários e camponeses por meio de aulas, leituras ou por quaisquer outros meios úteis à vida destes, conseguindo assim captá-los e ligá-los ao nosso Partido".[44] Para Soeiro, a partir de 1940-41, e coincidindo com a publicação de "Esteiros", essa actividade de conferencista e de dinamizador, já com um propósito militante, foi-se intensificando.

Aliás, corroborado pelo próprio Avante, um ano após a morte do militante, em 1950, que "foi a partir de 1940-41, período da reorganização do partido, que a dedicação de Pereira Gomes ao Partido e à causa do povo mais se fez sentir, continuando em ritmo ascendente"[45].

À época, Soeiro foi, com António Dias Lourenço, depois da saída de Redol, um dos principais estruturadores do partido na zona industrial e rural do Baixo Ribatejo, através do respectivo Comité Regional da Federação Portuguesa das Juventudes Comunistas, além de já fazer parte da célula da Fábrica Cimento Tejo e de integrar o Comité Local de Alhandra.

Além de reuniões secretas ou distribuição de propaganda, outras acções políticas tinham a ver com o conhecimento de documentos e textos políticos que eram lidos, analisados e discutidos, fosse em ambientes mais descontraídos, como nos Passeios do Tejo a bordo da fragata Liberdade, ou nos montes das redondezas, em encontros mais restritos com elementos claramente empenhados, em que, por exemplo, Soeiro lia o "Manifesto Comunista" e ajudava os mais novos e menos conhecedores, "numa clandestina exegese, (...) a analisar e a apreender".[46]

Sendo um dos responsáveis regionais, e depois das falhas e deficiências sucedidas nas malogradas greves de 1943 no Ribatejo, encabeçou, no ano seguinte em Alhandra e na zona

[44] *O Militante*, 21 Julho 1943. Cit. por Pereira, José Pacheco. *Álvaro Cunhal – Uma biografia politica. Volume 2: «Duarte», o Dirigente Clandestino (1941-1949)*. Lisboa: Temas e Debates, 2001, p. 129.
[45] "Há um ano morreu Joaquim Soeiro Pereira Gomes". In *Avante!*. S. 6, nº 154 (Dez. 1950), p. 1.
[46] Santos, Arquimedes da Silva. *Testemunhos de neo-realismos*. Lisboa: Livros Horizonte. 2001, p. 29.

ribeirinha de Sacavém a Vila Franca, um dos movimentos grevistas mais marcantes deste período, pela extensão da mobilização e pela consequente e violenta repressão de que foram alvo os grevistas e os que participaram na 'marcha do pão'

Soeiro, pertencente ao Comité Regional da Greve do Baixo-Ribatejo, foi um dos impulsionadores naquela zona, da Greve de 8 e 9 de Maio de 1944, a 'Greve pelo Pão e pelos géneros'. Movimento grevista, de extensão nacional, em que Alfredo Dinis, o "Alex" a quem após a morte o escritor dedica um texto "Última Carta"[47], teve um papel decisivo na mobilização interna – ao próprio comité central e secretariado –, e externa – no apoio às bases e às células.

Acerca da elaboração do "Manifesto do PCP apelando à Greve" do Secretariado do Comité Central, distribuído nas vésperas do dia 8 de Maio, não é atribuída autoria, como aliás em muitos dos documentos do partido, por questões ideológicas relativas ao conceito de 'colectivo'.

Se há "no manifesto um tom intimista como se a voz do PCP fosse uma voz familiar (...) [relativamente] aqueles a quem chama «velhos companheiros»[48] (...) [, uma] proximidade, esta falta de distanciamento" talvez se deva ao facto de, provavelmente, ter sido escrito pela mão de Soeiro. Encontramos no 'Bloco de notas'[49] do seu espólio, uma página com o rascunho do texto do manifesto, no qual as datas (talvez ainda por decidir) estão em branco (em pontilhado). Este é um dado que pode elucidar sobre o envolvimento activo de Soeiro na preparação das Greves de 1944, na região de Lisboa.

O escritor, aliás e como seria natural, dado o seu à-vontade com as letras, já diversas vezes tinha sido convocado para escrever pequenos apelos, manifestos ou textos de protesto que circulavam clandestinamente, em particular a nível local, no meio fabril da zona de Alhandra.

Na sequência da violenta repressão da marcha entre Alhandra e Vila Franca que terminou com a detenção, durante quase dois dias na Praça de Touros, e das perseguições, buscas e prisões que se lhe seguiram, Soeiro Pereira Gomes passa à clandestinidade a 11 de Maio de 1944,

[47] Cópia dactilografa com emendas manuscritas, dedicada ao camarada Alexandre (Alex). MNR A2/2.12.

[48] Pereira, José Pacheco. *Álvaro Cunhal – Uma biografia política. Volume 2: «Duarte», o Dirigente Clandestino (1941-1949)*. Lisboa: Temas e Debates, 2001. p. 396-397.

[49] MNR A2/2.3.

dedicando-se totalmente ao partido. Como tinha antecipado mais de dois anos antes, numa das cartas ao irmão Alfredo:

> "Se amanhã for preciso ou me pedirem que largue a literatura para usar o braço noutra coisa tendente ao mesmo fim, largo a literatura, E isto será – e oxalá – o mais certo".[50]

A literatura ou a vida 'normal', de um dia-a-dia vulgar?
Nessa tarde saiu de casa para, contra as suas próprias esperanças, não voltar mais:

> "Ele contou-lhe, enquanto arrumava à pressa os seus livros e papéis, que a polícia o procurava, por causa da greve.
> – E agora, Raul?!
> – Passarei à vida clandestina; continuarei a lutar.
> E como ela se encolhesse toda perante a derrocada que as suas palavras provocaram, ele tentou consola-la:
> – Mas tu podes ficar. Não tenho o direito de te arrastar para uma vida de sacrifícios que te desagrada.
> Ela pôs-lhe a mão na boca, desesperada E antes que ele abraçasse, comovido, gritou-lhe:
> – Eu vou contigo! O meu lugar é ao teu lado".[51]

Na noite de 11 para 12, Soeiro foi acolhido por Alexandre Cabral, na sua casa em Lisboa; dois dias depois, a sua residência em Alhandra foi alvo de buscas pela PVDE[52], a sua mulher Manuela detida como coerção para que Soeiro se entregasse.

---

[50] Carta de 12 de Janeiro de 1942. *Cit*. por Ricciardi, Giovanni. *Soeiro Pereira Gomes. Uma Biografia Literária*. Lisboa: Editorial Caminho (Col. Universitária). 1999, p. 110.

[51] Possivelmente páginas do romance "Comunistas" ou do "Diário dum foragido (Crónicas)".

MNR A2/2.14/B.

[52] Polícia de Vigilância e Defesa do Estado, designação da PIDE, anterior a 1946.

O escritor militante não cedeu, e começou uma nova vida, vida de fugas e refúgios, de cuidados e resistência. Substituiu como funcionário do partido Dias Lourenço, ficando responsável pela Direcção Regional do Alto Ribatejo, e começou a usar o pseudónimo de Serrano; também lhe são atribuídos os de Vaz e o de Silva. Na clandestinidade, viveu em Pernes, perto de Santarém, fez parte da comissão executiva do MUNAF[53], movimento que se tinha começado a formar em 1942 e assumido publicamente dois anos depois. Criou o "Ribatejo - Boletim Regional de Unidade Nacional Antifascista", órgão daquele movimento para a região ribatejana, encarregando-se da sua redacção e direcção desde o n º 1, em Novembro de 1945, ao Verão de 1947. Após a saída do país de Álvaro Cunhal, Soeiro substituiu-o como elemento de ligação da Direcção do Partido com o MUNAF, no ano seguinte ao da sua eleição para o Comité Central do PCP no IV Congresso (ou II Ilegal) em 1946; há quem coloque a hipótese de já fazer parte desta estrutura de topo, no ano anterior, depois das prisões que ocorreram, e por alguns membros do Comité Central terem sido despromovidos (Piteira Santos e Joaquim Campino), expulso(?) (Forjaz de Lacerda) ou morto pela PIDE (Alfredo Dinis).[54] Em Abril de 1949, era um dos 7 elementos do Comité Central que permanecia activo,[55] mesmo depois de já se ter diagnosticado a doença que o levaria à morte.

Escreveu, em Agosto de 1946, o texto político "Praça de Jorna"[56], ensaio sobre o ajuntamento dos assalariados rurais para conseguirem trabalho, redigido com um particular cuidado didáctico e que foi publicado em "O Militante". Na revista clandestina "Ressurgimento", publica o texto "Unir e lutar".[57] Um outro interessante texto político que integra o seu espólio, e que não conseguimos datar, pois pode ter servido de base a alguma

[53] Movimento de Unidade Anti-Fascista.
[54] Pereira, José Pacheco. *Álvaro Cunhal – Uma biografia política. Volume 2: «Duarte», o Dirigente Clandestino (1941-1949)*. Lisboa: Temas e Debates, 2001, p.876.
[55] Como suplente, juntamente com Octávio Pato.
[56] Opúsculo editado pela Organização dos Técnicos Agrícolas da DREL do PCP; com ilustrações de Álvaro Cunhal; impresso a 22 Setembro 1976. MNR A2/4.7.
[57] MNR A2/4.8.

palestra ainda antes da clandestinidade, ou ter sido escrito depois, é um artigo sobre os meios de produção e a força do trabalho.[58]

Ainda nesse ano, participou de um modo muito empenhado na Comissão dos Escritores, Jornalistas e Artistas Democráticos (C.E.J.A.D.) do Movimento de Unidade Democrática (M.U.D.), como revelam algumas cartas do espólio. Nessa correspondência, o escritor fazia sugestões de actividades e modos de intervenção aos intelectuais, chamando a atenção para o papel que esta Comissão poderia ter na denúncia internacional da situação de Portugal, nomeadamente, no Congresso Internacional de Escritores; numa última carta, manifestou-se sobre a subscrição do protesto contra a demissão e prisão dos professores Bento de Jesus Caraça e Azevedo Gomes, por parte do ex-deputado Ângelo César, fazendo ainda referência ao assassinato do médico Ferreira Soares.[59]

A adesão de Soeiro ao MUD tinha ocorrido em 1945, assinando a lista que integrou inúmeros escritores e intelectuais, permanecendo até depois do lançamento da candidatura do general Norton de Matos, em Julho de 1948. Foi uma época em que Soeiro saiu do Ribatejo e andava por Lisboa em contactos com representantes do MUNAF e do MUD.

No seu espólio encontram-se vários apontamentos em tópicos, como propostas de actividades para "reunião dos intelectuais" do Partido: "– Obras e escritos sobre Tarrafal", no plano "editorial: livros nacionais", "publicação duma revista doutrinária – traduções – jornal de combate Réplica", " – Angariação de fundos: exposições, festas de arte, plano de infiltração no teatro e cinema", " – Poemas sobre a vida ilegal, – folheto sobre política do vaticano"[60], " – Desenhos (jornal?) alusivos ao Estado Novo – crítica p/ [pela] caricatura, – Apelo aos intelectuais para a defesa da paz".[61]

Embora numa situação de ilegalidade, Soeiro continuava atento ao que se passava no país e

[58] *[Texto sobre meios de produção e força do trabalho]*. MNR A2/4.10.
[59] MNR A2/6.1.4/A e B, MNR A2/6.1.5, MNR A2/6.1.6/A.
[60] Do espólio faz parte um texto politico "[A Igreja Católica volta a desempenhar...]", sobre o apoio da Igreja Católica aos regimes fascistas e nazi, e aos movimentos anti-soviéticos. MNR A2/4.5.
[61] *A reunião dos intelectuais*. MNR A2/4.6.

no mundo, como mostram os poucos documentos que restaram; por exemplo, as "[Notas sobre as Eleições presidenciais e aspectos socio-económicos do país]", um conjunto de apontamentos acerca das eleições presidenciais de 1949, da política económica, sobre o imperialismo, a crise agrícola-industrial, a balança comercial, as colónias, e os monopólios[62]; ou a transcrição(?)manuscrita de um texto do *L'Humanité por Florimond Bouté,*[63] com a data de 28 de Fevereiro de 1946.

No constrangimento de liberdade da condição de clandestinidade, Soeiro numa noite de Inverno de 1947, quando fazia uma jornada de bicicleta nos arredores de Pernes, a caminho de Alcanena, pressentiu a perseguição e, na fuga, deu uma grave queda. A partir daí, a saúde foi abandonando-o, a ele desportista, incansável obreiro, caminheiro clandestino; detectaram-lhe, em análises posteriores, um cancro. A circunstância de viver na ilegalidade dificultou os tratamentos; "alguns militantes intelectuais foram chamados a participar em tarefas relacionadas com a necessidade de levar Soeiro ao médico"[64] porque havia exames que não podiam ser feitos em casa.

No Verão de 1949, Soeiro esteve no Porto na casa de Nina Perdigão, morada segura, pertença de uma família abastada, e por isso menos suspeita, aonde se abrigaram também outros militantes clandestinos, como Cândida Ventura[65] e Pires Jorge. Deve ter sido nessa ocasião, documentada fotograficamente, que se encontrou com a irmã Berenice e com os pais.[66] Nessa residência foram batidos à máquina, os contos escritos na clandestinidade, dando origem à primeira edição clandestina "Contos Vermelhos: 1ª parte" em papel bíblia amarelo.[67]

Da sua produção literária durante a clandestinidade, para além das três narrativas de "Contos Vermelhos" (Primavera de 1945, Novembro de 1948 e Janeiro de 1949), projectos houve

---

[62] *[Notas sobre as Eleições presidenciais e aspectos socio-económicos do país]*, [post. 21 Abr. 1949]. MNR A2/4.9.
[63] MNR A2/4.14.
[64] Madeira, João. *Os engenheiros das almas. P Partido Comunista e os Intelectuais*. Lisboa: Editorial Estampa, p. 186.
[65] Que na clandestinidade era conhecida como "Joana", e também anteriormente assinava como "Margarida".
[66] MNR A2/8.20.
[67] Legado por Francisco Melo, que inclui os contos: "Refúgio perdido", "O pio dos mochos" e "Mais um herói", este incompleto (falta pelo menos a última folha do documento). MNR A2/2.17/A.

que ficaram inacabados. Porém, Soeiro conseguiu ainda trabalhar na última versão de "Engrenagem", re-atribuindo-lhe o título de "Embate"; em cima de uma cópia dactilografada, terminada a Setembro de 1944, já na ilegalidade, o escritor acrescenta, emenda, reescreve. Revogará com este seu trabalho, ao longo dos subsequentes cinco anos, o que tinha afirmado em 1944, acerca do estado inacabado do seu segundo romance? Será que esta versão[68] terá sido considerada pelo próprio escritor a última e acabada? Fica a interrogação, mas também há certeza que, a de 1944, publicada em 1ª edição em 1951[69], não cumpre as correcções e a reescrita dos seus últimos anos[70].

Ainda desse período, remanescem apontamentos num bloco de notas com folhas soltas,[71] descrevendo personagens, cenas, lugares e sequências de enredo, do que se julga ser – por encabeçar o caderno – para dois livros: um romance "Companheiros", já em fase avançada de concepção, e um livro de crónicas "Diário de um foragido", ao qual pertence provavelmente a "Última carta" (de 1945).

Quatro folhas manuscritas, sete páginas, anteriormente inventariadas como dois documentos distintos, deslindam-se, na reinventariação do espólio que actualmente decorre, como pertencentes a um só texto: "[O almoço que ela preparara com desvelo…]".[72]

Sem relação de personagens ou situações com o romance "Companheiros", que está bem anotado no referido 'Bloco de notas', estes fólios poderão constituir uma das crónicas do "Diário de um foragido". Mas, pelo conteúdo do conto, pela sua estrutura que faz adivinhar, não apenas uma história antecedente, mas uma delineada progressão, ousamos aventar que pode constituir um excerto do romance "Comunistas"[73], mencionado por Jaime, irmão de Soeiro.

---

[68] MNR A2/2.2./C.

[69] O dactiloscrito foi executado provavelmente entre Julho 1944 e Setembro 1944, na clandestinidade. Esta versão foi publicada na 1ª edição do livro em 1951. MNR A2/2.2./B

[70] Versão que foi fixada em *Obra completa*. Lisboa : Editorial Caminho, 1992. Intr. de Luis Augusto Costa Dias. Inclui "Esteiros", "Engrenagem", "Contos Vermelhos" e "Contos e Crónicas".

[71] MNR A2/2.3.

[72] Original manuscrito. MNR A2/2.13/B.

[73] Esta hipótese vai ao encontro da mesma questão levantada por Giovanni Ricciardi, *op. cit*, p. 184.

Precisamente três meses antes de morrer, escreve as suas disposições testamentárias que entrega a este seu irmão:

"As minhas últimas disposições

Prevendo que pouco tempo terei de vida, expresso aqui as minhas últimas disposições. Peço ao meu querido irmão Jaime que as ponha em prática.

1) Os direitos de autor do meu romance Esteiros, assim como de quaisquer outras publicações minhas, ficarão a pertencer ao meu partido – o Partido Comunista Português.

2) O manuscrito e as cópias do meu romance inédito Engrenagem ou Embate serão destruídas, por não lhe achar mérito bastante para ser publicado.

3) Aos meus sobrinhos João Paulo e José Pedro será dada metade da minha corrente de ouro. A medalha da mesma ficará para a minha mulher.

4) O meu irmão Jaime ficará com a minha cigarreira de prata, e os meus outros irmãos e irmãs poderão escolher, entre os meus fracos trastes, qualquer lembrança.

5) Ao meu afilhado (o filho do escritor A. R.[74]) será entregue um pequeno talher de prata que está num estojo, e também a minha caneta e lapiseira.

6) Os meus botões de punho serão entregues à camarada que, usa o pseudónimo de Carlota. À camarada Margarida será dado o meu relógio de pulso, se, antes, não lhe tiver oferecido um novo.

7) Os meus livros serão entregues, em partes equivalentes, às bibliotecas do Alhandra Sporting Club e Sociedade Euterpe Alhandrense, excepto os livros de técnica agrícola, a que o Partido dará o destino que entender.

Em 5 de Setembro de 1949
Joaquim Soeiro Pereira Gomes"

[74] Alves Redol (A.R.). O filho do escritor, António Mota Redol é afilhado de Soeiro Pereira Gomes e de Cândida Margarida Ventura.

Cada vez mais doente, e já em Lisboa, a irmã Alice e o cunhado Adolfo Casais Monteiro conseguiram ainda interná-lo, no Instituto Português de Oncologia, com um nome falso. Sem esperanças, a família levou-o para casa na Avenida Luís Bívar, onde morreu a 5 de Dezembro de 1949.

Soeiro, algum tempo antes de morrer, escreveu às suas tias Natividade e Maria Cândida que continuavam a viver em Gestaçô, a sua terra. Mais do que uma explicação da sua ausência e silêncio, foi o seu testemunho por uma opção de vida, expresso de um modo simultaneamente afectivo e consciente. Foi pelo sonho, pela utopia que Soeiro cumpriu a 'estrada do seu destino', e em coerência ideológica, ou idealista, fez a sua escolha, a escolha pela sua 'vocação', última e primeira, e não 'perdida', a de "Ser poeta [e] sonhar a vida inteira":

> "Minhas queridas tias
> (...) desde há alguns anos em que sou considerado estrangeiro na própria terra, por amor à terra e aos homens.
> (...) E cheio de esperança em melhores dias – no dia da liberdade que há-de vir para todos os portugueses – espero a hora (...)
> Esse dia virá, queridas tias, E, então, de viva voz, hei-de explicar-lhes bem por que tenho e por quem tenho lutado e sofrido, como tantos que na história dos séculos sonharam com um mundo melhor, sem misérias e sofrimentos – um mundo de paz e amor e felicidade para toda a humanidade."[75]

[75] Carta para as tias Natividade e Maria Cândida. Original dactilografado com emendas manuscritas. MNR A2/6.1.7. (sublinhados nossos)

Bibliografia

Bibliografia Activa

Monografias

Esteiros. Lisboa : Edições Sirius (Romance, 2). 1ª edição, 1941.
Capa e desenhos de Álvaro Cunhal.
MNR GMS/Lit/2223

Esteiros. Lisboa : Edições Sirius (Romance, 2). 2ª edição, 1942.
Capa e desenhos de Álvaro Cunhal. Autoria: Pereira Gomes.
MNR GMS/Lit/3118

Esteiros. imp. Lisboa : Editorial Gleba (Romancistas de hoje, 5). 3ª edição, 1946.
Desenhos de Álvaro Cunhal. Autoria: Pereira Gomes.
Desenho da capa inspirado no 2º desenho original de Álvaro Cunhal (para "Outono") de autoria desconhecida.
MNR GMS/Lit/2411

Esteiros. imp. Lisboa : Publicações Europa-América (Século XX, 43). 4ª edição, 1962.
Capa de Sebastião Rodrigues.
MNR GMS/Lit/0751

Esteiros. Lisboa : Publicações Europa-América (Livros de Bolso, 1). 1971.
Desenho da capa de Dorindo de Carvalho.
MNR GMS/Lit/0850

Esteiros. Lisboa : Edições Avante. 1977.
MNR GMS/Lit/0750

Esteiros. Lisboa : Edições Avante. 5ª Edição, 1979.
Desenhos de Álvaro Cunhal. Introdução de Isabel Pires de Lima.
MNR GMS/Lit/ 0915

Esteiros. imp. Lisboa : Círculo de Leitores (Romances Portugueses – Obras-primas do século XX/ dir. David Mourão-Ferreira). 1988.
Capa de Antunes.
Introdução de Isabel Pires de Lima (incluindo: Perfil biográfico, A obra de SPG no contexto do movimento neo-realista, "Esteiros" ou a arte de sonhar o futuro, Bibliografia, Antologia Crítica, Cronologia Comparada).
MNR GMS/Lit/1731

Esteiros. Mem Martins : Publicações Europa-América (Livros de bolso, 1). 9ª edição, 1990.
Desenho da capa de Dorindo de Carvalho.
MNR GMS/ Lit/2165

Esteiros. imp. Lisboa : Editorial Caminho (Caminho jovens. Grandes romances da literatura juvenil, 26). 1993.
Capa sob ilustração de José Miguel Ribeiro.
MNR GMS/Lit/3765

Esteiros. Lisboa : Editores Reunidos (Narrativa actual). 1994.
MNR GMS/Lit/3702

Esteiros. Lisboa : Planeta DeAgostini (Os grandes escritores portugueses actuais / dir. Urbano Tavares Rodrigues). 2000.
Nota biobliográfica de Urbano Tavares Rodrigues.
MNR GMS/Lit/6834

Esteiros. Porto : Edições Asa. 2002.
Ilustrações de Álvaro Cunhal. Retratos de Soeiro Pereira Gomes por José Rodrigues e de Álvaro Cunhal por Armando Alves.
Prefácio de Urbano Tavares Rodrigues.
MNR GMS/Lit/7429

Esteros. Tradução de Mário Merlino. Madrid: Alfaguara (Juvenil Alfaguara, 330). 1988.
Desenho da capa de Fuencisla del Amo.
MNR GMS/Lit/1732

Engrenagem. Porto : Edições SEN. [1]ª edição, 1951.
Apresentação de Alice Gomes.
Com retrato de Soeiro Pereira Gomes.
MNR GMS/Lit/6512

Engrenagem. Mem Martins : Publicações Europa-América (Livros de bolso, 50) . 2ª edição, s.d.
MNR GMS/Lit/0167

Engrenagem. imp. - Lisboa : Europa-América (Os livros das três abelhas, 42). 3ª edição, 1964.
MNR GMS/Lit/2580

Engrenagem. imp. Mem Martins : Publicações Europa-América (Livros de bolso, 50), 1973.
MNR Bib. Alexandre Cabral cx. 13

Engrenagem. imp. Lisboa : Edições Avante (Obras de Soeiro Pereira Gomes), 2ª edição, 1983.
MNR GMS/Lit/0169

Contos vermelhos: 1ª parte. Edição clandestina, policopiada, 1949.
MNR A2/ 2.17/A

Contos vermelhos. [1]ª edição, 1957. Lisboa.
MNR A2/ 2.17/B

Contos vermelhos [Texto fotocopiado]. s.l. [2]ª edição, 1967,
Desenhos de Álvaro Cunhal para "Esteiros".
Inclui "Refúgio perdido", "O pio dos mochos" e "Mais um, herói".
MNR GMS/Lit/3106

Contos vermelhos [Texto policopiado]. [Porto] [3]ª edição, 1971.
Inclui "Refúgio perdido", "O pio dos mochos" e "Mais um herói".
MNR GMS/ Lit/3621

Contos vermelhos. Lisboa : Movimento da Juventude Trabalhadora. 1974.
Inclui "Refúgio perdido", "O pio dos mochos" e "Mais um herói!".
MNR GMS/Lit/0476

Refúgio perdido : inéditos e esparsos. Porto : Edições SEN. [1]ª edição, 1950.
Nota prévia de Manuel de Azevedo.
Capa de Veloso e Mário Bonito.
Inclui "Pequena entrevista a Pereira Gomes", Contos: "O Pàstiure", "Estrada do meu destino", O capataz", "Coisas quase inacreditáveis", "Um caso sem importância", Crónicas: "As crianças da minha rua", "O meu vizinho do lado", "Pesadelo", "Companheiros de um dia", "Alguém", "Breve história dum sábio", e "Fogo! (Páginas do romance inédito «Engrenagem»"
MNR GMS/Lit/4571

Refúgio perdido e outros contos. [Lisboa] : Edições Avante (Obras de Soeiro Pereira Gomes), 1975.
Evocação de Soeiro Pereira Gomes, por Dias Lourenço;
Prefácio de Augusto Costa Dias.
Capa de Luís Filipe da Conceição.
Inclui "Contos Vermelhos", Outros Contos ("O Pàstiure", "Estrada do meu destino", O capataz", "Coisas quase inacreditáveis", "Um caso sem importância"), Crónicas ("As crianças da minha rua", "O meu vizinho do lado", "Pesadelo", "Companheiros de um dia", "Alguém", "Breve história dum sábio"), "Pequena entrevista a Pereira Gomes", e "Última Carta".
MNR Biblioteca Alexandre Cabral cx. 15

Contos vermelhos e outros escritos. Lisboa: Edições Avante. 2009.
Edição comemorativa do centenário do nascimento 1909-2009.
Prefácio de Luís Augusto Costa Dias.

Inclui "Contos Vermelhos" ("Refúgio perdido", "O pio dos mochos" e "Mais um herói") e outros escritos ("O capataz", "[As crianças da minha rua]", "[O meu vizinho do lado]", "Pesadelo", "[Companheiros de um dia]", "O Pàstiure", "Um conto [Coisas quase inacreditáveis]", "Alguém", "Breve história dum sábio", "Estrada do meu destino, "Um caso sem importância" e "Última Carta").

Praça de jorna. [Lisboa] : Organização dos Técnicos Agrícolas da Direcção da Organização Regional de Lisboa do PCP. [1]ª edição, 1976.
Ilustrações de Álvaro Cunhal ("Desenhos da Prisão")
MNR Biblioteca Alexandre Cabral cx. 15

Obras Completas de Soeiro Pereira Gomes. Mem Martins : Publicações Europa-América (Biblioteca Europa-América, 4), 1968.
Inclui "Esteiros", "Engrenagem", "Refúgio perdido (Contos e Crónicas)".
MNR Biblioteca Alexandre Cabral cx.15

Obras completas de Soeiro Pereira Gomes. Lisboa : Edições Avante, 1979.
Introdução António Dias Lourenço. Ilustrações de Álvaro Cunhal. Arranjo gráfico e 3 ilustrações de Rogério Ribeiro.
Inclui "Esteiros", "Engrenagem", "Contos Vermelhos", Outros Contos", "Crónicas" e "Esparsos".
Edição foi feita por ocasião do 70º Aniversário do nascimento e 30º da morte de Soeiro Pereira Gomes.
MNR GMS/Lit/3796

Obra completa. Lisboa : Editorial Caminho, 1992.
Introdução de Luís Augusto Costa Dias.
Inclui "Esteiros", "Engrenagem", "Contos Vermelhos" e "Contos e Crónicas".
MNR GMS/Lit/3389

Antologias

Um Conto : Coisas quási inacreditáveis.
In Contos e poemas de vários autores modernos portugueses. Lança, Carlos Alberto; Tenreiro, Francisco José (org. e eds.). 1ª edição, 1942. Lisboa : Imprensa Lucas & C.ª, imp.
Capa de Costa Martins.
MNR Biblioteca Alexandre Cabral cx. 17

Periódicos

Crónica [As crianças da minha rua...]
In *O Diabo*, nº 255, 12 Agosto 1939, p. 4.

Crónica [Moro numa casa de dois andares]/ [O meu vizinho do lado.
In *O Diabo*, nº 267, 4 Novembro 1939, p. 8.

Vocação Perdida – Trecho de "Esteiros"
In *O Diabo*, Ano VII, nº 307, 10 Agosto 1940, p. 2.

Crónica [Companheiros de um dia].
In *O Diabo*, Ano VII, nº 315, 5 Outubro 1940, p. 5.

O Pàstiure.
In *O Diabo*, Ano VII, nº 318, 26 Outubro 1940, p. 5.

Alguém
In *República*, 16 Novembro 1942

Um conto / Coisas quase inacreditáveis.
In *O Castanheirense*, 10 Setembro 1942
In *O Castanheirense*, 10 Outubro 1942

Breve história dum sábio.
In *O Castanheirense*, Ano VII, nº 220, 20 Setembro 1943, p. 2.

Um conto de Soeiro Pereira Gomes
In *Leitura - Crítica e informação bibliográfica*, Ano III, nº 35, Rio de Janeiro, Novembro 1945, p.11-13.

Bibliografia Passiva

Monografias

AA.VV. *As greves de 8 e 9 de Maio de 1944*. Lisboa: Edições Avante (Documentos para a história do Partido Comunista Português, 6). 1979.

Balsinha, Antónia. *As Mulheres de Alhandra na Resistência. Anos quarenta, século XX*. V.N.Gaia: Editora Ausência. 2005.

Chaves, José António Garcia de. *A metade podre da maçã* . [Texto policopiado]. Funchal: Universidade Católica Portuguesa, 2001.

Dias, Augusto da Costa. *Literatura e luta de classes: Soeiro Pereira Gomes*. Lisboa: Estampa, 1975.

Gonçalves, Manuela; Dias, M. Carlos. *Soeiro Pereira Gomes, Esteiros : uma proposta de leitura.* Lisboa: Básica Editora, 1982.

Madeira, João. *Os engenheiros das almas: O partido comunista e os intelectuais*. Lisboa: Editorial Estampa, 1996.

Oliveira, Carlos Alberto Marques de. *Soeiro Pereira Gomes, Pioneiro do neo-realismo literário português.* [Mémoire de Maîtresse, Texto fotocopiado]. Paris: Université de la Sorbonne Nouvelle. 1982-1983.

Pereira, José Pacheco. *Álvaro Cunhal – Uma biografia política. Volume 2: «Duarte», o Dirigente Clandestino (1941-1949)*. Lisboa: Temas e Debates, 2001.

Pimentel, Irene Flunser. *A história da PIDE*. Lisboa: Círculo de Leitores/Temas e Debates. 2007.

Pina, Álvaro. *Soeiro Pereira Gomes e o Futuro do Realismo em Portugal*. Lisboa: Editorial Caminho (Letras, 4), Lisboa, 1977.

Reis, Manuela. *Se a vida se lembrar de mim...* : Rádio-Romance. Lisboa: Edição de autor (1958).

Reis, Manuela Cância. *Eles vieram de madrugada*. Lisboa: Editorial Caminho, 1981.

Reis, Manuela Cância. *A Passagem. Uma Biografia de Soeiro Pereira Gomes*. Lisboa: Editorial Caminho (Biografias). 2007.

Ricciardi, Giovanni. *Soeiro Pereira Gomes. Uma Biografia Literária*. Lisboa: Editorial Caminho (Col. Universitária). 1999. Pref. Urbano Tavares Rodrigues.

Rosas, Fernando; Brito, J. M. Brandão (dir.). *Dicionário de história do Estado Novo*. Vol. 1. Lisboa: Círculo de Leitores. 1996.

Santos, Arquimedes da Silva. *Testemunhos de neo--realismos*. Lisboa: Livros Horizonte. 2001.

Silva, A. T. Garcez. *Alves Redol e o Grupo Neo-Realista de Vila Franca*. Lisboa: Editorial Caminho, 1990. Pref. António Pedro Pita.

Ventura, Cândida. *O socialismo que eu vivi*. Lisboa: O Jornal, 1984.

Vieira, Anabela da Cândida, e outros. *Os Meninos-Homens em Capitães de Areia de Jorge Amado e Esteiros de Soeiro Pereira Gomes*. Lisboa: Universidade Autónoma de Lisboa Luís de Camões, 1995.

Outros

AA.VV. *50 anos a ler Esteiros de Soeiro Pereira Gomes 1941-1991*. Catálogo da Exposição. Vila Franca de Xira: Museu do Neo-Realismo. 1991.

Fichas de leitura: «Esteiros» de Soeiro Pereira Gomes. Porto: Porto Editora; Coimbra: Livraria Arnado; Lisboa: Fluminense, (1978).

Periódicos

Costa, José Patrício da. "A revista «Carnaval» sobe á cena no próximo sábado".
In *Mensageiro do Ribatejo*, Ano IV, nº 274, 12 Maio 1935, p. 1.

"A revista «Carnaval»".
In *Mensageiro do Ribatejo*, Ano IV, nº 275, 19 Maio 1935, p. 1.

"A revista «Carnaval» no Teatro Salvador Marques de Alhandra".
In *Mensageiro do Ribatejo*, Ano IV, nº 279, 16 Junho 1935, p. 1.

Costa, José Patrício da. "A piscina do Alhandra Sporting Clube".
In *Mensageiro do Ribatejo*, Ano IV, nº 287, 18 Agosto 1935, p. 1.

Costa, José Patrício da (Entrevista de). "O sr. Pereira Gomes um dos autores do «Sonho ao Luar» faz-nos declarações sobre a revista".
In *Mensageiro do Ribatejo*, Ano VIII, nº 374, 4 Julho 1937, p. 2.

Costa, José Patrício da. "Teatro em Alhandra".
n *Mensageiro do Ribatejo*, Ano VIII, nº 377, 1 Agosto 1937, p. 2.

"A revista «Sonho ao Luar» (...) obteve um brilhante e assinalado sucesso".
In *Mensageiro do Ribatejo*, Ano VIII, nº 377, 8 Agosto 1937, p. 3.

"Na «Festa do Riso» efectuada no Éden-Teatro em Lisboa, em benefício da Colónia Infantil do jornal «O Século» a primeira parte foi preenchida pela revista «Sonho ao Luar»".
In *Mensageiro do Ribatejo*, Ano IX, nº 401, 27 Fevereiro 1938, p. 1.

Andrade, João Pedro de. "Esteiros (Romance) por Soeiro Pereira Gomes".
In *Seara Nova,* (Livros), nº 758, 21 Fevereiro 1942, p. 26-27.

Dionísio, Mário. "Ficha 2".
In *Seara Nova*, nº 759, 28 Fevereiro 1942, p. 38.

Serrão, Joel. "Esteiros (Romance – Ed. Sírius) – Soeiro Pereira Gomes".
In *Horizonte,* (Notas de Leitura), Ano I, 8 Março 1942, p. 2.

Gorjão, Felipe. "Um Escritor Antifascista Português: Soeiro Gomes".
In *Leitura - Crítica e informação bibliográfica*, Ano III, nº 35, Rio de Janeiro, Novembro 1945, p. 57-58.

"A morte de Soeiro Pereira Gomes foi um rude golpe".
In *República*, 7 Dezembro 1949. MNR A2/9.58.

"Morreu Joaquim Soeiro Pereira Gomes!"
In *Avante!*, S. 6, nº 145, 2ª Quinz. Dezembro 1949, p. 1.

Monteiro, Adolfo Casais. "Soeiro Pereira Gomes e o mundo da infância".
In *O Primeiro de Janeiro*, 8 Fevereiro 1950. MNR A2/9.63.

"Dos nuevas vítimas de la dictadura salazarista".
In *Mundo Obrero*, 2 Março 1950.

"«Refúgio Perdido» por Soeiro Pereira Gomes".
In *O Primeiro de Janeiro*, (Das Artes e das Letras – Livros novos), 25 Outubro 1950, p. 3.

"Há um ano morreu Joaquim Soeiro Pereira Gomes"
In *Avante!*, S. 6, nº 154, Dezembro 1950, p. 1.

Nogueira, Franco."«Engrenagem» Romance de Soeiro Pereira Gomes".
In *A semana*, (Crítica literária), Ano 1º. Nº 12, 2 Junho 1951, p. 4.

"Engrenagem de Soeiro Pereira Gomes".
In *Diário de Lisboa*, (Livros e Autores), 22 Agosto 1951. p. 5.

Dionísio, Mário. " Engrenagem".
In *Vértice*, vol. 12, nº 104, Abril 1952, p. 180-181.

Fidanza, Manuel. "A propósito de Soeiro Pereira Gomes".
In *A Ilha*, ano XIV, nº 1061, 26 Julho 1952.

Gaucheron, Jacques. "«Esteiros» par Pereira Gomes".
In *L'Humanité*. 13 Dezembro 1954. p. 2.

"Há 10 anos morreu Soeiro Pereira Gomes"
In *Avante!*, S. 6, nº 284, 2ª Quinz. Novembro 1959, p. 6.

"Soeiro Pereira Gomes - conhece?"
In *Comércio do Porto*.19 Agosto 1969. MNR A4/9.119.

Lima, Manuel Campos. "A literatura de resistência e Soeiro Pereira Gomes".
In *Diário de Notícias*, 12 Maio 1975. MNR A13/4.66

Pina, Álvaro. "A arte de Soeiro Pereira Gomes…". In *Vértice*, vol. 39, nº 418/419, Março/Abril 1979, p. 133-152.

Rodrigues, Urbano Tavares. "O real e o imaginário em «Esteiros» de Soeiro Pereira Gomes".
In *Revista Colóquio/Letras*, n.º 51, Setembro 1979, p. 25-34.

Lacaze, Gérard. "Joaquim Soeiro Pereira Gomes e seu romance Engrenagem".
In *Boletim Cultural*, Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, nº 4, 1989-1990.

Lourenço, António Dias. "«Os Esteiros» foram publicados há cinquenta anos".
In *Avante!*, 5 Dezembro 1991, p. 22-23.

Trindade, Luís. "Soeiro Pereira Gomes e a Engrenagem".
In *Vértice*, II série, nº 76, Janeiro-Fevereiro, 1997, p. 66-78.

Rodrigues, Urbano Tavares. "Soeiro Pereira Gomes ficcionista – poeta pioneiro do Neo-Realismo".
In *Vértice*, II série, nº 93, Janeiro-Fevereiro, 1999, p. 7-14.

Ferreira, Serafim. "Em louvor de Soeiro Pereira Gomes".
In *Jornal "a Página"*, ano 8, nº 86, Dezembro 1999, p. 29.

Madeira, João. "Nos trilhos da Clandestinidade (1944-1949). Soeiro Pereira Gomes e o PCP".
In *História*, nº 20, nova série, ano XXI, Dezembro 1999. Lisboa, Ed. Publicultura, p. 58-67.

Ferreira, Serafim A censura fascista e os autores portugueses.
In *Jornal "a Página"*, ano 17, nº 181, Agosto/Setembro 2008, p. 40.

Retrato de Soeiro Pereira Gomes,
por José Rodrigues.

de aprofundamento. Soeiro desempenha um papel importante na organização das históricas greves de 8 e 9 de Maio de 1944, integrando o "Comité Regional da Greve do Baixo-Ribatejo" e participando na organização de uma marcha da fome em Alhandra. A PVDE aperta o cerco e, na tarde de 14 de Maio de 1944, Soeiro Pereira Gomes passa à clandestinidade. Na sua situação de funcionário clandestino, de revolucionário profissional a tempo inteiro, é-lhe confiada a responsabilidade da Direcção Regional do Alto Ribatejo – onde virá a desenvolver um notável trabalho de alargamento da organização, da actividade e da influência do seu Partido. Em Julho de 1946, no IV Congresso, é eleito para o Comité Central do Partido. Nesse mesmo ano, é destacado para a comissão executiva do MUNAF e acompanha a actividade dos militantes comunistas no MUD. Passa pouco depois a ser o elemento de ligação da Direcção do Partido com o MUNAF.

★

Entretanto, o escritor continuava; continuava escrevendo. Em Agosto do ano de 1946 escreve "Praça de Jorna", que é publicado no *Militante*. "Praça de Jorna" é um notável texto sobre um problema concreto de organização económica, social e política de massas camponesas (ou, mais rigorosamente, de assalariados rurais). O texto, que se desenvolve ao longo de 8 secções numeradas, abre com a descrição do que os próprios assalariados rurais chamam "praça de jorna" ou" praça de trabalho" e com um esboço do seu significado histórico e fecha, ligando a tarefa de utilizar as "praças de jorna" e a formação de comissões de Praça e outras estruturas de Unidade Camponesa, com a construção de "um Movimento de Unidade Camponesa para o derrubamento do fascismo". Entre esses dois momentos, o texto argumenta a necessidade de defender e criar praças de jorna, entendidas como fruto da sociedade capitalista, espaço da luta de classes e terreno em que os camponeses se podem e devem unir contra os senhores das terras. O texto começa por uma questão de terminologia que o seu autor articula com

casa, encontram-se outros intelectuais comunistas – escritores como Alves Redol, Sidónio Muralha e Alexandre Cabral.

★

Em 1941 publica o seu primeiro romance, *Esteiros*, nas Edições Sirius, com capa e desenhos de Álvaro Cunhal, a quem o ligava uma grande amizade. *Esteiros* é um dos primeiros romances neo-realistas e um dos mais belos romances de adolescência da literatura portuguesa.
Esteiros abre como uma dedicatória: "Para os filhos dos homens que nunca foram meninos, escrevi este livro". Essa dedicatória, justamente célebre, homenageia solidariamente as suas personagens.

★

Entretanto, Soeiro passa a integrar o Comité Regional do Ribatejo e participa da reorganização de 40-41 que, consolidada nos III e IV Congressos do PCP (os dois primeiros Congressos na clandestinidade), vai preparar o partido para se transformar de partido de vanguarda da classe operária, simultaneamente, em grande partido nacional que, sem perder a sua natureza de classe, se torna a força aglutinadora e unificadora das forças sociais cuja aliança e convergência exprimia a "unidade da nação portuguesa na luta pelo pão, pela liberdade e pela independência" (do relatório de Álvaro Cunhal ao III Congresso), e era necessária para abrir "o caminho para o derrubamento do fascismo" (IV Congresso).
É por essa altura que Soeiro, com Redol e Dias Lourenço, organizam os célebres passeios de fragata no Tejo – que eram formas de proporcionar encontros entre intelectuais e quadros do PCP, fora do alcance da vista e dos ouvidos do inimigo fascista.
A integração do intelectual revolucionário no partido da classe operária entra numa nova fase

Joaquim Soeiro Pereira Gomes nasceu há 100 anos, em 14 de abril de 1909, em Gestaçô, concelho de Baião, no distrito do Porto. Morreu há 60, em 5 de Dezembro de 1949, em Lisboa. Morreu relativamente jovem, alguns meses depois de ter feito 40 anos. Filho de uma família de pequenos agricultores, fez a instrução primária, em Espinho. Com 21 anos concluíu o curso de regente agrícola na Escola Nacional de Agricultura de Coimbra. Em 1930, parte para Angola, onde, trabalha como guarda-livros na Companhia de Catumbela. Devido ao clima e às condições de trabalho apenas aí permaneceu 1 ano.

Regressado a Portugal, casa em Coimbra com Manuela Câncio Reis e vem fixar-se em Alhandra, onde trabalha como empregado de escritório na Fábrica de Cimentos Tejo. Data desses duros anos 30, o seu contacto com a brutal exploração e as desumanas condições do trabalho operário. O contacto transforma-se em consciência e a consciência exprime-se em acção de animação cultural e actividade política. Na viragem dos anos 30 para a década de 40, o PCP iria reorganizar-se na clandestinidade, e essa sua reorganização não se limitaria a um reforço da sua organização autónoma mas traduz-se no aumento da sua capacidade para organizar a luta de massas e alargar a sua influência política, simultaneamente entre os intelectuais e as massas operárias.

Entretanto, Soeiro Pereira Gomes ajudava a criar bibliotecas populares nas colectividades de cultura e recreio, a promover cursos de alfabetização e de ginástica, sessões de poesia e palestras, e até promove a construção de uma piscina – a Charca – para o povo de Alhandra. Nessa sua intensa actividade acaba por encontrar o Partido Comunista Português, ao qual adere.

Como militante, integra a célula da empresa Cimentos Tejo e a seguir passa a fazer parte do Comité Local de Alhandra. A sua actividade de animação cultural intensifica-se e, instigado por Alves Redol, em 1939 e 1940 publica crónicas e contos no jornal *O Diabo*. Em sua

Soeiro Pereira Gomes tomar a palavra: dedicatórias e promessa

Manuel Gusmão

1. Quando quem dedica um conto, também dedica a vida

A obra ficcional que Soeiro Pereira Gomes pôde deixar-nos é simultaneamente escassa e singular. Escassa porque, além de outros factores que referiremos, há que ter em conta que morreu com 40 anos; por outro lado, a sua obra manifesta um conjunto de qualidades que marcam a sua singularidade.

A sua obra é daquelas que imperiosamente solicita o estabelecimento de uma relação com a biografia do seu autor. É essa relação que não apenas nos permite dar conta das razões da escassez da obra, mas também de certos modos de ser dela e, nesse sentido, da sua singularidade. Dito de outro modo, essa relação vai mostrar-nos como, sem perder a sua dimensão de artefacto estético, a sua obra se apresenta como um projecto de sentido que de outras formas encontramos como intenção e forma de vida.

Esse projecto coloca uma questão que podemos formular assim: Soeiro Pereira Gomes é o nome de um escritor que era militante comunista ou de um militante comunista que era escritor? Podemos antecipar a resposta, que procuraremos argumentar: Soeiro Pereira Gomes foi alguém, um indivíduo histórico concreto, que foi indissociavelmente uma e outra coisa, que construiu com a sua vida essa unidade íntima e concreta entre duas actividades distintas, num período histórico difícil mas exaltante.

Essa unidade podemos figurá-la através do gesto da dedicatória literária. Direi então que a repetição, como veremos constante, desse gesto não só inscreve um determinado *ethos* que une quem narra e as suas personagens, como dá a ler a postura ética que determina esse impulso da solidariedade. Com Soeiro Pereira Gomes, quem dedica um conto, uma narrativa, é alguém que, por esse e outros gestos, dedica simultaneamente a sua vida.

Dedicação da vida e dedicatória de narrativas são o gesto de um militante activo e de um escritor que é daqueles em que a **atenção** às formas de vida e de funcionamento do mundo social seu contemporâneo se processa como **imaginação** na construção de mundos ficcionais, de populações que os habitam e na inscrição da hipótese e do desejo da sua transformação.

concepções que discute: a designação "praças de homens" facilita o erro de considerar que se trata de "mercados medievais", sobrevivência dos antigos mercados de escravos, quando hoje o que os trabalhadores vendem, de acordo com análises clássicas de Marx, não é a si mesmos ou ao seu trabalho, mas a sua "força de trabalho". O texto recomenda a sua organização para a luta, através da formação de "comissões de praça", de caracter permanente e operando na legalidade, embora seja conveniente que a maioria dos seus elementos não seja individualmente conhecida como dirigente da "praça". Meticulosamente, sintetizando e generalizando frequentemente a experiência concreta dos trabalhadores na organização, funcionamento e acção destas comissões, o texto fornece indicações sobre a sua composição, sobre a maneira de garantir a sua ligação aos trabalhadores, homens, mulheres e jovens, e sobre a forma de combinar e até de fundir tácticas defensivas e ofensivas. Finalmente, o texto de Soeiro chama a atenção para a importância da "Comissão de praça conhecer as condições de trabalho nas outras praças da região" e aponta a possibilidade das comissões alargarem o âmbito da sua actividade, "interferindo em todos os sectores da vida social que digam respeito à classe camponesa da sua localidade, tais como: racionamentos, melhoramentos locais, direcção da Casa do Povo, eleições gerais".

"Praça de Jorna" não é ficção, não é um texto literário, mas é um escrito político em que o seu autor usa a sua capacidade de escrita, a sua informação e poder de argumentação e de convencimento, para, trabalhando com a própria experiência das massas, encontrar a orientação mais adequada para um problema ou uma cadeia de problemas da vida social.

★

Entretanto, Soeiro Pereira Gomes não abandona a ficção. Já na clandestinidade vai encontrar os seus motivos na própria situação de clandestinidade. Na primavera de 1945, escreve "O Pio dos Mochos" conto que virá a integrar um pequeno conjunto de narrativas que,

intitulado "Contos Vermelhos", conhecerá publicação também clandestina. Sucedem-lhe, em Novembro de 1948, "Refúgio Perdido", e em 20 de Janeiro de 1949, no ano da sua morte "Mais um herói". Cada conto tem uma dedicatória: "O Pio dos Mochos" é dedicado "ao camarada Duarte" (pseudónimo usado na clandestinidade por Álvaro Cunhal); "Refúgio Perdido", ao camarada João (pseudónimo de António Dias Lourenço); "Mais um Herói" cuja dedicatória – "À memória de Ferreira Marquês e de quantos, nas masmorras fascistas, foram mártires e heróis" - diz o nome legal e não o pseudónimo, porque o camarada homenageado já morrera (em 1944), assassinado e não era portanto necessário protegê-lo. A colectânea, por seu turno, expande as dedicatórias singulares, até abraçar o colectivo dos revolucionários: "Aos meus companheiros – que, na noite fascista, ateiam clarões duma alvorada".

Com os *Contos vermelhos,* pequenas histórias, contos morais, contos exemplares numa tradição que vem desde a Idade Média, a vida clandestina dos militantes do Partido Comunista entra na história da literatura portuguesa.

Estes contos narram acções de personagens em situações ao mesmo tempo típicas e excepcionais. Excepcionais porque a clandestinidade política é um estado de excepção, por um lado, porque é violentamente imposta, por outro, porque aqueles que se decidem a ela o fazem para acabar com a situação que a impõe. São, entretanto, histórias que representam homens comuns, mas portadores de uma força; histórias sobre a experiência física e moral do medo e sobre a força anímica, moral e política que pode vencer o medo. Medo de ser preso, medo de falhar, medo de ter medo, medo supersticioso dos fantasmas que em parte vêm da infância, medo da tortura e do sofrimento físico, medo de morrer, de perder a vida e os afectos que a tecem. Esses medos irão sendo vencidos; estas são também histórias da esperança. A daqueles que são animados por uma paixão histórica: a de uma luta pela liberdade que lhes aparece indissociavelmente ligada à luta por uma revolução social. E talvez se perceba que essa esperança é nestes contos, factor de dignidade individual e, ao mesmo tempo, algo que vem de se fazer parte de um colectivo tão livremente escolhido que

por ele se arrisca a dureza da vida clandestina e, no limite, o risco de morte. E este fazer parte significa a partilha de ideais, valores e projectos de uma mudança do mundo e da vida.
Em "O Pio dos Mochos", alguém que, tendo estado preso, "falou", recebe dos seus camaradas uma oportunidade para se reintegrar no combate. Deve deixar no cemitério de uma povoação em luta e cercada pelas forças policiais, panfletos de apoio aos camponeses e alguns mantimentos; é assaltado pelos medos, mas, ajudado por aquele que lhe propôs a tarefa, acaba por cumpri-la e reencontrar uma maneira de alegria. No fundo, venceu uma prova.
Em "Refúgio Perdido", um revolucionário, perseguido e quase cercado, perde o seu refúgio e, por duas vezes, no mesmo dia, falha a sua instalação num novo quarto. Falha também um encontro para passar os jornais clandestinos que deve distribuir. Acaba por dormir ao relento, sem ter comido e pensando que não vai faltar ao encontro de recurso (um segundo encontro já pré-marcado para o caso de falhar o primeiro).
No último conto, "Mais um Herói", alguém que é preso parece preparar uma auto-justificação para a eventualidade de, sob a tortura, acabar por denunciar os seus. Entretanto, confrontado com um camarada que já cedeu e começou a "falar", opera-se nele uma convulsão ao mesmo tempo estranha e clara: um gesto de indignação e rebeldia que faz com que o seu companheiro recuse o que já disse, e faz com que ele próprio vá resistir à tortura.
Em cada conto, os protagonistas estão em grande medida sós. É certo que há sempre, embora com funções diversas, um outro camarada que aparece, mas a força que vence o medo, que os faz reagir e actuarem, têm que a encontrar em si. Entretanto, a essa relativa solidão chegam os gestos e os ecos de uma presença solidária: a de um partido que, golpeado pelas prisões e o assassinato, sobrevive e resiste, pelas suas raízes sociais de classe, pela sua teoria e pelos laços que o ligam àqueles por quem é feito. Tais ecos chegam pelo encontro ou acção de um camarada, pela "voz" que fala na imprensa clandestina e pela cumplicidade muito próxima do narrador, ou seja, pela participação de quem conta naquilo que conta.
Estes contos põem um problema que não se deve omitir: serão eles peças literárias, artefactos estético-literários ou tão-só documentos de uma determinada concepção sócio-histórica,

instrumentos de difusão de uma ideologia que neles precisamente existe em acto?
Por um lado, são contos, que não recusam os procedimentos técnicos dessa forma narrativa, e se essa narratividade parece ser intrínseca à ideologia de que são exemplos, isso não chega para lhes retirar a dimensão literária; na medida em que são celebrações épicas de um colectivo e dos valores que o estruturam, que funcionam segundo a lógica de um sinal de reconhecimento dos seus membros e no fundo funcionam como apelo à integração de outros nesse colectivo, estes contos parecem seleccionar rigorosa e asperamente os seus leitores e, nesse sentido, falhariam o estético exactamente na medida em que relevariam do ético ou do ético-ideológico. Mas basta não se proceder a uma tal separação absoluta entre o estético e o ético, para compreender como estes contos co-movem o agir humano segundo formas que atribuímos ao estético. Estes contos para serem efectivamente lidos têm de ser lidos não apenas como expressões ilustrativas de um determinado, colectivo mas como vontade de comunidade, intenção de construção de uma comunidade.
Essa comunidade de que os contos são factor agente será eventualmente estatística, social ou numericamente minoritária ou marginal, mas a vontade de comunidade não é aqui defesa de um interesse particular; mas é como em toda a comunidade a fazer, portadora daquele sentido comum do humano que seria o sinal ou o garante da universalidade sem conceito do juízo estético, em Kant.

★

Quando passara à clandestinidade, Soeiro teria acabado ou estaria perto de acabar uma primeira versão de um segundo romance, *Engrenagem.* Sabe-se que essa versão foi posteriormente emendada, e que o seu autor não dera por terminado o texto que veio a ser editado, pela primeira vez em 1951. Mais tarde, já alcançada a liberdade, tornar-se-á possível a publicação de uma outra versão corrigida pelo seu autor. Este romance conta a dura experiência da passagem

de camponeses a operários, a violência das condições do trabalho fabril e o progressivo ganhar de consciência de um operário, que em situação de encerramento da fábrica, incita à luta organizada os seus companheiros de trabalho.
Também *Engrenagem*, abre com uma dedicatória: "Para os trabalhadores sem trabalho – rodas paradas duma engrenagem caduca". Se insisto neste facto – todas as principais ficções de Soeiro Pereira Gomes abrem com dedicatórias que além do mais se dedicam aos heróis das suas narrativas – é porque quero avançar a ideia de que todo o trabalho ficcional do autor é, por ele, sentido, entendido e praticado como uma intensa dedicatória, não apenas literária, mas uma dedicatória da sua vida. Quando o lemos, percebemos que quem dedica aqueles contos e romances é alguém que assim estava a dedicar a sua vida. E essa dedicação foi extrema, ou seja, foi até ao fim. Até à morte. Atingido pela doença, as condições de clandestinidade não permitiam o necessário acompanhamento médico. Ainda regressa discretamente à legalidade, mas era tarde demais e morre quase a terminar o ano de 1949, esse ano que começara escrevendo, mas referindo-se a outros, "Mais um herói".

O seu funeral foi uma expressiva manifestação de pesar e de admiração pelo revolucionário caído na luta. O povo de Alhandra exigiu a passagem pela localidade do carro funerário que o transportava para o cemitério em Espinho, de modo a prestar a sua última homenagem ao "querido, inesquecível amigo Soeiro Pereira Gomes."
Em 1949, goradas as esperanças daqueles que algum tempo tinham esperado que a derrota do nazi-fascismo, na II guerra Mundial, acarretaria a queda do regime em Portugal, sob a pressão das democracias ocidentais, o regime fascista recompunha-se temporariamente.
A noite parecia adensar-se: a década de 50 é uma década dura e agreste. Era criada a Nato e Portugal era admitido: o imperialismo no início da "guerra fria" dava a mão a Salazar. Portugal

aderia ao plano Marshall. A repressão aumenta: a polícia política prende mais de uma dezena de dirigentes e funcionários do PCP, entre os quais Álvaro Cunhal, Militão Ribeiro e Sofia Ferreira.
Mas os companheiros de Soeiro Pereira Gomes persistiam, preparavam novas ofensivas que, desde 1958 e durante a década de 60, abalariam o regime, ateavam os "clarões duma alvorada", que havia de chegar em Abril de 1974.

2. Quando uma dedicatória envolve uma promessa

Esteiros (1941) é então o seu primeiro romance e é também um dos primeiros romances produzido no quadro de poética do que veio a chamar-se neo-realismo e não apenas o primeiro, mas um dos romances que mais se aproxima do que esse projecto de poética pretendia ser segundo alguns dos seus melhores teóricos. No caso, podemos acompanhar a apreciação de Mário Dionísio, um dos mais reconhecidos desses teóricos que apresenta o romance, como "um bom livro, o que mais se aproximou, na jovem literatura social portuguesa, daquilo que se pretende quando se fala num romance neo-realista" (DIONÍSIO: 1942; 38). A recepção coeva do livro é aliás francamente elogiosa e irá sendo confirmada ao longo do tempo. Para além do entusiasmo dos que lhe eram próximos em termos estéticos e ideológicos, vale talvez a pena referir dois casos de autores e críticos que vindos de outras paragens e tendo outros horizontes acolheram contudo o que havia de conseguimento estético-literário e de fundura humana em Esteiros. São eles João Gaspar Simões e Adolfo Casais Monteiro. João Gaspar Simões escrevia:

> *Esteiros* [...] é, de facto, um dos melhores romances ultimamente publicados entre nós. Se o quisesse medir pela bitola aqui aplicada a alguns recentes romances teria de o considerar obra-prima. De facto, em relação ao nível geral das nossas obras de

ficção, *Esteiros* é um romance de categoria. Efabulação, construção, estilo, diálogo, dramatismo, tudo se mantém numa esfera a que raramente ascendem os nossos romancistas.

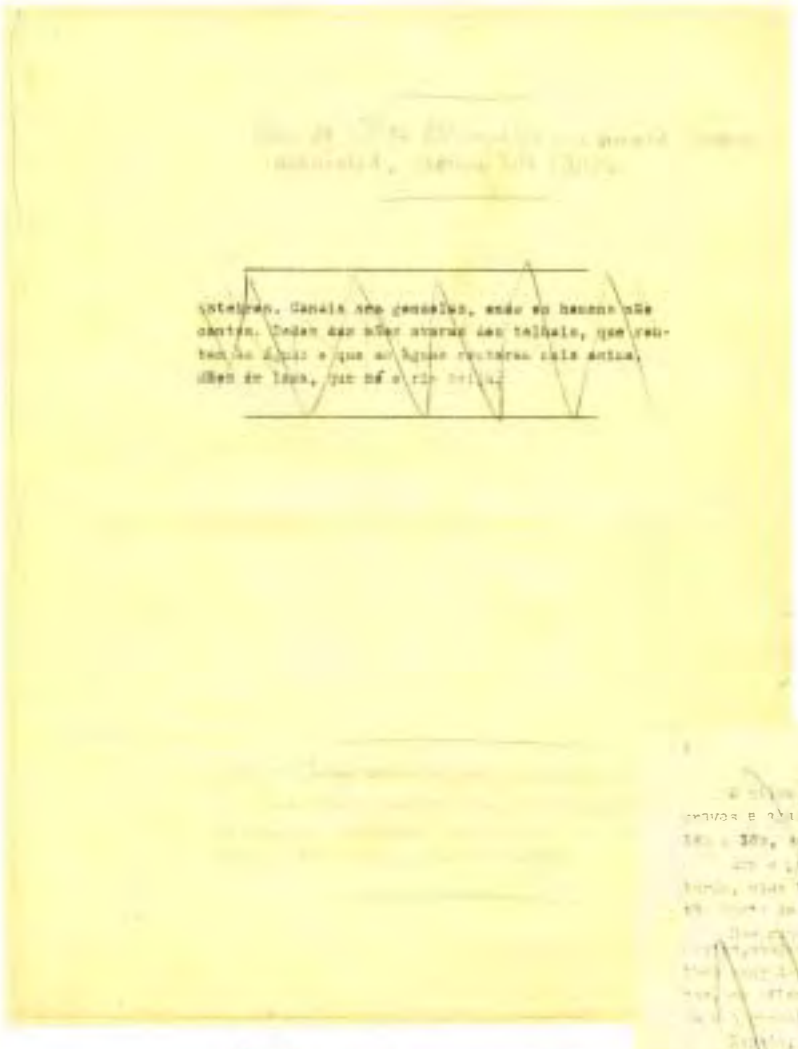
Por seu turno, Adolfo Casais Monteiro procura determinar aquilo que considera ser "o âmago da grandeza de *Esteiros*" e chama a atenção para algo de efectivamente muito importante na percepção narrativa que constrói os protagonistas:

> Quero eu acentuar não ser tanto a sua condição de vítimas, mas a própria personalidade de crianças aquilo que tanto e tão profundamente nos toca ao lermos as páginas de *Esteiros*, ao irmos acompanhando a evolução daqueles jovens destinos; é mais fundo do que o seu sofrimento – é a algo mais escuso, mais dificilmente penetrável, que vai (e de que vem) a dolorosa simpatia que se estabelece entre o leitor e as personagens: À sua própria essencialidade de criança, à poesia de que malgrado a desgraça, a fome, os sofrimentos e as carências de toda a espécie, eles se revelam portadores. Aí me parece estar o âmago da grandeza de *Esteiros*.

2.1. O romance abre com um título: uma palavra não muito corrente na língua em uso. De que muitos só se lembrarão hoje porque se lembram do romance de Soeiro e do seu título. Como que tendo isso em conta, depois da dedicatória, a que ainda voltarei, segue-se uma epígrafe que retoma a palavra titular e diz o seu significado.

> *Esteiros. Minúsculos canais, como dedos de mão espalmada, abertos na margem do Tejo. Dedos das mãos ávaras dos telhais, que roubam nateiro às águas e vigores à malta. Mãos de lama que só o rio afaga.*

O texto, contudo, só por manifesto contraste, lembra o de uma entrada de dicionário. Num



2ª e 7ª páginas do original dactilografado com emendas de "Esteiros"

Telhais de Alhandra, anos 30.

primeiro movimento, o valor referencial da palavra – "minúsculos canais [...] abertos no Tejo" – é dobrado por uma comparação antropomórfica que suporta uma pequena série de metáforas. Os antropomorfismos dizem a interacção entre o acidente natural e a construção humana. Suporte de uma forma de vida, os esteiros como telhais são lugares do trabalho explorado – "mãos avaras [...] que roubam [...] vigores à malta" e não conhecem outra ternura senão a do rio. Entretanto, esta curta epígrafe, em que as palavras da língua se tornam palavras do discurso por obra desse fazer que é *poiesis*, ao dizer o nome do rio, Tejo, contribuirá para uma localização da acção que o texto do romance não diz mas mostra.

A singularidade narrativa de *Esteiros* pode começar a determinar-se observando o cruzamento e combinação de traços genológicos. Enquanto romance centrado na formação vital de um grupo de jovens a entrar na adolescência durante o ciclo de um ano, *Esteiros* é por um lado um romance de adolescência, uma variante do romance de aprendizagem ou de formação (o *Bildungsroman*) e, por outro lado, romance de protagonista colectivo, ele apresenta determinadas características que reagem sobre as que caracterizam aquele outro género narrativo.

Por um lado, apresentando um protagonista que é rigorosamente colectivo – "a malta dos telhais", um "bando" de garotos ou moços que vivem entre as ruas, os jogos, os roubos de fruta e o trabalho violento nos telhais – o romance não pode limitar-se a construir o processo de formação de uma interioridade individual ou de um sujeito concreto. Tem antes de conseguir apresentar o processo de formação necessariamente diferente de várias personalidades. Dessa diferença deve nascer, e nasce de facto, a singularidade de cada um dos protagonistas, que emergem de uma população diversificada de "meninos de rua": Gineto, Sagui, Gaitinhas, Maquineta, Malesso, Guedelhas, Coca e Pirica. De todos eles, os três primeiros são efectivamente os protagonistas; os quatro últimos nomes correspondem a personagens que surgem de forma episódica, constituindo uma espécie de figurantes que entretanto se pode dizer que dão maior espessura social ao grupo mais estreito dos protagonistas. Neste sentido, a personagem de Maquineta é um caso de fronteira e nessa medida talvez nos possa ajudar a

definir as formas que permitem designar uns como protagonistas e os outros por figurantes, mas todos integrando o protagonismo colectivo.

2.2. O romance revela uma arquitectura segura, complexa e ágil. A sua estruturação mais nítida distribui as acções por quatro grandes partes, andamentos ou macro-sequências que acompanham o ciclo anual das quatro estações. Numa organização deste tipo haverá sempre que procurar o que vale simbolicamente o movimento que vai de uma estação inicial até á estação (temporariamente) de chegada. Mais tarde veremos o que a escolha feita em *Esteiros* pode simbolizar.
Por outro lado, a natureza não é apresentada como um mero quadro ou dado inertes para as acções narradas; é antes uma natureza que é já, de várias formas, mediada pela sociedade e pelo trabalho humano. Assim, os nomes das estações são traduzidos na narrativa pelo cruzamento entre as condições de clima e ambientais, a sazonalidade das actividades e trabalhos e os acontecimentos colectivos como a feira (no Outono) ou o trabalho nos telhais (no verão).
O romance começa precisamente por abrir com uma informação sobre a sazonalidade do trabalho e só depois surge uma indicação sobre o estado do tempo que atinge simultaneamente "águas e corpos [dos garotos]"

> Fecharam os telhais. Com os prenúncios de Outono, as primeiras chuvas encheram de frémitos o lodaçal negro dos esteiros, e o vento agreste abriu buracos nos trapos dos garotos, num arrepio de águas e de corpos.

Ou então, no primeiro capítulo (?) da última parte (O Verão):

> No céu, cor de cinza, só a estrela de alva brilha. Fazem-lhe companhia as luzes da Fábrica Grande, mortiças de tanto velar homens e máquinas. (p. 155)

Ao contraste entre a cor de cinza do céu e o brilho da estrela de alva acrescenta-se um outro contraste, o desse brilho e o carácter mortiço das luzes da fábrica, que assim reduplicam o valor da "cor de cinza".
A violência física brutal do trabalho pode dizer-se que instrumentaliza o sol como um factor seu, mais do que o contrário.

> A faina redobra de violência – e o sol também. Reverbera no metal das pás e no corte das lamas; entontece. Porém, mais do que a faina e o sol, os olhos do Zé Vicente abrasam o esteiro todo. Sente-se o corpo suados dos valadores, que se curvam mais e mais, como que a pedir sombra e clemência. Mas, ali e em redor, só o corpo do patrão projecta mancha de sombra sobre a terra escaldante. (230)

A violência da faina atrai a violência do sol. Neste segmento narrativo entretanto algo se acrescenta e procura descrição; os corpos, e aquilo que mais abrasa o esteiro são os olhos do (pequeno patrão), que vigia os ritmos do trabalho. Introduzida a mediação do trabalho sobre a natureza, de seguida chegamos a esse factor da estrutura técnica do trabalho, que é a presença vigilante do patrão ou do contramestre. Os corpos suados pedem sombra e clemência, mas só o patrão projecta sombra (e não clemência).
Constantemente ao longo do texto, a voz que enuncia os acidentes do mundo ficcional opera nas suas descrições estas figuras da contaminação entre o social e humano e a natureza. Essa contaminação da natureza pelo social, pelo ponto de vista socialmente marcado, é fortemente exibida a propósito das cheias. Enquanto "[elas] cobriam de água os olhos dos camponeses, há "a gente que veio da cidade, em automóveis", assistir ao "formidável espectáculo" (102- 03).
Em Esteiros começa-se o contar pelo Outono e acaba-se no Verão. Este modo de inscrever a ciclicidade do tempo natural, parece marcar uma progressão orientada entre a estação intermédia da decadência até à estação que tomaríamos como representando a natureza na sua força pletórica que geralmente associamos à máxima potência solar.

Entretanto, não é bem isso o que encontramos em *Esteiros*. Em virtude da contaminação da ciclicidade natural pelos ciclos do trabalho, o Outono é sobretudo o encerramento dos telhais, a perspectiva de não ter emprego certo, durante cerca de sete meses, para quem lá trabalha; o recebimento da última féria; a feira que todos os anos regressa; e o dia de todos os santos ou dia de pão-por-deus. E o Verão, no fim, polariza-se em torno do trabalho nos telhais; tempo da violência desencadeada e vigiada, em que a força do sol é um elemento do inferno.

A esta estrutura em quatro painéis ou sequências (que anoto em numeração romana) segue-se uma rede capitular cuja regularidade é facilmente observável. Outono, I: 5 capítulos; Inverno, II: 4 caps.; Primavera, III: 4 caps.; Verão, IV: 5 caps. As sequências ou painéis de abertura e de fecho têm um número igual de capítulos (5) e os dois painéis interiores têm por sua vez o mesmo número de capítulos (4) .

Entretanto, há ainda uma malha mais fina na estruturação da narrativa: cada um dos capítulos tende a sudividir-se em segmentos ou fragmentos que cumprem diversas funções. Apenas o capítulo inicial do último painel, "Verão" (IV, 1) forma um bloco sem divisões internas, e apenas o primeiro capítulo do painel "Primavera" (II, 1) atinge 5 segmentos ou fragmentos na sua organização interna, pelo que a esmagadora maioria dos capítulos se organiza por 2, 3 ou 4 segmentos. Este tipo de organização que revela um real trabalho arquitectónico é responsável pela intuição de leitura ou pela sensação do leitor de que o romance é, ao mesmo tempo, solidamente construído (o que tem a ver com a ocorrência de regularidades) e repetidamente ágil, o que por sua vez se prende com a manifesta variação e diversidade que a regularidade permite conter.

Esta segmentação é claramente perceptível, na 1ª edição onde os segmentos são separados uns dos outros não apenas por um intervalo de branco, mas por uma marca tipográfica com a forma de um quadrado. Edições posteriores (a edição pelo Círculo de Leitores, integrada na série "Romances Portugueses – Obras – Primas do Século XX" em 1988, e a edição da Editorial Caminho, de 1992) mantêm apenas um intervalo discreto, eliminando o quadrado ou qualquer outro tipo de marca. Para além de tornar menos perceptível este nível de organização

da narrativa, por vezes acontece que se a fronteira entre dois segmentos coincide com uma mudança de página o intervalo especial pode desaparecer.
A seguir apresenta-se um quadro que concentra as indicações sobre a segmentação narrativa de *Esteiros* e integra as frases que abrem cada um dos referidos fragmentos (submetidas a actualização ortográfica). A opção pela inclusão dessas frases tem a ver com a possibilidade de, sendo a segmentação um dos aspectos curiosos da estrutura do romance, ficar o leitor com a informação rigorosa do que era essa segmentação na 1ª edição do livro.

Quadro A

[**I**] OUTONO (13 - 76 = 64pp; 11 fragmentos)
1
– 1. Fecharam os telhais.
– 2. No último sábado os moços do Telhal Grande receberam a féria com gritos de contentamento.

2
– 1. De manhã quando os silvos das fábricas sobressaltavam todos os lares, Madalena ia encostar-se ao postigo, no beco do Mirante.
– 2. Madalena e o filho subiram a escadaria enorme [...]

3
– 1. A Feira era no fim da vila, rente à Estrada.
– 2. Gaitinhas avistou Gineto logo à entrada da Feira,

4

– 1. 1 de Novembro. Dia de Todos os Santos e de pão-por-deus.
– 2. Sagui quase que não pregou olho, toda a noite.
– 3. No palheiro esburacado que fora do guarda da vinha, Sagui sorria às estrelas suas amigas.

5

– 1. Madrugada de fim de Outono, frio e nevoento, a anunciar inverno farto de águas e de fome.
– 2. Escorraçado e perseguido como um gineto – Gineto de nome e condição

[**II**] INVERNO (79 – 166 = 88pp; 13 fragmentos)

1

– 1. Mãos esquecidas nos bolsos e pés roxos de frio, os garotos cosiam-se com os portais, à espera do caldo ou do sol que pouco aquecia,
– 2. Na casa de Madalena já o inverno entrara, há meses,
– 3. Sozinha em casa, enquanto a mão urdia teias na fábrica, caíu da cama abaixo e ficou aleijadinha.

2

– 1. No cais, mastros despidos de velas, os barcos dormitam.
– 2. A mulher tomou-lhe a entrada da casa, boca aberta de risos e embrulho nas mãos.
– 3. As cheias cobriram de água os olhos dos camponeses.
– 4. O pai disse ao Gineto: - Anda daí. Vamos aos salvados.

3

– 1. A água baixou nos campos
– 2. Gineto premeditara o assalto para aquela semana, quando o pai saísse com o barco.

– 3. No cais, mãos enclavinhadas e olhos a querer trespassar a cerração, homens e mulheres atormentam-se à espera.
– 4. Alvorecia, quando o rebocador saiu com a lancha do Zé Pirica e duas bateiras.

4

– 1. Pálido e ainda com sombras de tragédia nos olhos [...] Gineto saiu do hospital.
– 2. Era uma noite sem lua, morrinhenta e fria, só para vagabundos como o vento.

[**III**] PRIMAVERA (169 – 224 = 56pp; 13 fragmentos)

1

– 1. Flocos de nuvens no céu, como o bando de pombas brancas que roça asas no Mirante.
– 2. Manuel do Bote serrou as tábuas colhidas no rio e pôs-se a tapar buracos na casa de madeira e lata que a ventania derruíra.
– 3. Certa noite, Sagui acordou em sobressalto, ao barulho de alguém que resmungava.
– 4. Nunca a vida lhes fôra tão risonha.
– 5. Dias venturosos aqueles.

2

– 1. O Maquineta chegou esbaforido, aos pulos, e desfechou, agitando os braços de contente.
– 2. Maquineta não tinha sono

3

– 1. Há dois dias que Gaitinhas não punha o pé na rua;
– 2. Foi a enterrar na tarde seguinte, levando atrás de si a ti Rosa a coxear, e os amigos do filho.
– 3. Rosa Coxa repetiu que uma desgraça nunca vem só.
– 4. Gaitinhas viu a Rosa Coxa traçar o xaile e sair.

4

– 1. Andou por ali, entre destroços, mãos atrás das costas e cabeça pendente.
– 2. Os valadores embarcaram no comboio correio em Alfarelos, depois de um dia inteiro de preparos e recomendações.

[**IV**] VERÃO (227 - 298 = 72pp; 12 fragmentos)

1

– 1. Os saveiros apagaram as luzes.

2

– 1. Como te chamas? – perguntou Zé Vicente, com as folhas de ponto, nas mãos.
– 2. À noite, o bando do Gineto juntou-se na Taberna Desportiva.
– 3. À hora do almoço, engulido o último naco de pão, os moços foram tomar banho

3

– 1. Corpo dobrado, suor a pingar, andaram dois dias naquela tarefa de carregar o forno, tijolo por tijolo, fiada por fiada [...]
– 2. Foi numa noite assim, sem luar nem estrelas, que Zarôlho mandou chamar a malta.
– 3. Noutras noites, quando o luar parecia escorrer pelas escadas do forno [...]

4

– 1. O cavalo branco morreu, numa tarde de calor e trabalho intenso nos engenhos.
– 2. Quando souberam da venda, os moços julgaram-se em dia alumiado – como se chamava antigamente aos poucos dias de descanso nos telhais.
– 3. Ao contentamento dos primeiros dias após a venda do telhal, sucedeu o desânimo.

5

– 1. Setembro.

– 2. O telhal está silencioso e deserto, e o vento zune no caniço dos esteiros, negros como breu.

Estes quadros revelam portanto informações quantitativas sobre os três planos da forma de segmentação (estrutural) da narrativa – paineis (I a IV); capítulos (4 ou 5 por painel); segmentos (1 a 5, por capítulo).

Quadro B

I: 5 caps., 11 segm; 64 pp.
II: 4 caps; 13 segm; 88 pp.
III: 4 caps; 13 segm; 56 pp.
IV: 5 caps; 12 segm. 72 pp.

Podemos agora sintetizar de outra forma essas indicações e tentar perceber a que corresponde a divisão em capítulos e, dentro destes, a segmentação.:

1 - Os painéis extremos (primeiro e último) têm o mesmo número de capítulos (5) o que é mais 1 do que o número de capítulos dos painéis interiores (4).

2 - Os painéis inicial e final são os que apresentam os capítulos menos segmentados (O I, 11 e o IV 12 capítulos) enquanto de novo os painéis interiores, o segundo e o terceiro painéis têm o mesmo número de segmentos (13), embora o segundo (o Inverno) seja a sequência mais extensa e o terceiro (a Primavera), a mais curta. Correlacionado este dado com o tipo de acontecimentos narrados apercebemo-nos que a segmentação, na sequência II, demora o narrar dos acontecimentos nucleares: as cheias, a tempestade no rio e o roubo das laranjas; enquanto na sequência III apressa ou torna mais rápido o contar. Há, neste caso, uma espécie de pulveriza-

ção dos acontecimentos que ajuda a criar o efeito de rapidez: Sagui descobre a Doida e "uma semana depois, todos os componentes da quadrilha gastavam os lucros do negócio em prendas para a Doida"; a ida colectiva ao cinema, com Gaitinhas lendo as legendas. Os segmentos 4 e 5 do capítulo I são a narrativa desse tempo que por definição não se demora "A vida [...] risonha", os "dias venturosos".
3 - Se o painel II, o Inverno, é o mais extenso, o IV, o Verão, é o que vem a seguir quanto à sua extensão.

Vejamos o caso do primeiro painel: o Outono. Os capítulos moldam os principais acontecimentos da estação e servem ao mesmo tempo para a apresentação de alguns dos garotos: I,1 Fecho dos telhais; recebimento da última féria; I,2. A mãe tuberculosa de Gaitinhas; a ida deste com a mãe pedir trabalho ao sr. Castro; I.3. A Feira; I. 4. Pão por deus. Apresentação de Sagui. I.5. A família de Gineto, a ida com o pai no bote.
Estes 5 capítulos estruturam-se em 11 fragmentos assim organizados I, 1: 2; / I, 2: 2; / I, 3: 2/ I, 4: 3/ I, 5: 2. O número de segmentos internos à unidade capítulo repete o movimento que em termos cinematográficos, podemos descrever assim: a um plano geral ou de conjunto segue-se um outro que progressivamente se vai concentrando numa personagem da qual nos aproximamos até termos um seu grande plano. Esta estrutura ternária é exemplarmente realizada no capítulo 4 e ajuda a compreender a dupla segmentação nos capítulos 1, 2, 3 e 5, em que o segundo e terceiro movimento não se chegam a separar e integram o 2º segmento desses capítulos.
Por outro lado o número de capítulos (5) do último painel que é o segundo mais extenso não significa um grande número de acontecimentos, mas apenas a narração de diferentes facetas do trabalho nos telhais, que ocupa os 4 primeiros capítulos, sendo que o último funde em dois movimentos rápidos a destruição do telhal de Zé Vicente, a tentativa de Gineto roubar carvão da Fábrica Grande, o que o leva à prisão e a indicação sumária do destino dos três protagonistas (Gineto, Sagui e Gaitinhas).

O PIO DOS MOCHOS

Ao cam. Duarte

Há um ano que ansceava por aquele momento (fazia um ano e dois dias que fôra suspenso, por mau porte na prisão) - e agora, que Alexandre lhe entrara pelo quarto dentro, sentia-se incapaz de repetir uma palavra sequer da conversa que tantas vezes planeara. Alexandre não aludiu ao passado, nem mostrava ressentimento. E isso aumentava a sua ansiedade.

Houve um silêncio breve. Depois, aquele que fora o seu melhor amigo, expôs-lhe o caso em poucas palavras. "Que os camponeses da sua terra natal não se deixaram contratar na praça de jornas, onde se troca a força dos braços por salários de fome: paralizaram as ceifas. E que a aldeia, por represália, ficara isolada no meio dum cordão sanitário de polícias, como se de epidemia se tratasse." E Alexandre concluiu:

-Em toda a região, há olhos postos nos camponêses em greve. É preciso ajudá-los, antes que esmoreçam. Queres ir?

-Vou.

Naquele momento, diria a tudo que sim. A presença inesperada do amigo fazia-o retroceder ao tempo em que merecia a confiança dos camaradas, e lutava. Também êle, por castigo, fôra isolado como um leprôso...

-Amanhã é dia de finados -explicou o amigo. -Deixas êste saco no cemitério, dentro do jazigo...

-No cemitério?!

A exclamação saiu-lhe dos lábios, sem que pudesse reprimi-la. Côrou. Alexandre incidia sobre êle os olhos coruscantes, que pareciam devassar-lhe todos os pensamentos.

-Tens mêdo? -perguntou sêcamente.

-Não. Irei, nem que seja ao cabo do mundo. Quero "limpar-me" de vez.

O amigo esboçou um sorriso imperceptível; tirou do bolso um revolver.

-Toma. Pode ser-te necessário -disse êle. -Os panfletos devem ficar pouco visíveis sôbre as campas. Adeus. Saúde e bom êxito.

No patamar, voltou-se ainda. -A lua rompe à meia-noite. Percebes?

Tomé ficou a remirar o revólver entre as mãos. "Pode ser-te necessário, dissera o amigo. Era uma alusão à sua fraqueza na prisão?... Ah! mas ia mostrar-lhe que era um homem!"

Em plena estrada, depois, Tomé fixou os ponteiros luminosos do relógio. "É cêdo, ainda. Posso descansar algum tempo". Havia meia hora que caminhava e o saco começava a pesar-lhe nas costas, embôra apoiado no bordão com que retocara a sua indumentária de maltês. Várias vezes olhara para trás -o seu lado vulnerável. Em redor, a noite era cortina setinosa e negra, a encobrir perfídias e punhais. Mas deixava antever silhuetas de quintas próximas que emprestavam confiança ao caminhante. Se gritasse, ladrariam cães, vultos assomariam às janelas...

Continuou a andar. Ao longe, onde uma estrela parecia indicar a meta do infinito, recortava-se o olival, mais escuro do que a noite, misterioso, cerrado! Tomé procurou esquecer-se deste pormenor.

"Que conteria o saco? Pelo cheiro e volume, adivinhava latas de conserva, açucar, chocolates... Uma migalhas para uma aldeia de famintos. Mas era um elo da solidariedade que liga o Partido às massas. (Isto diziam os panfletos que escondera entre a barriga das pernas e as ceroulas). Animado, Tomé pôs-se a rememorar o documento. "O Partido Comunista está comvosco, irmãos camponêses! A vossa luta é a nossa luta." Pela manhã, após terem depôsto flôres singelas na campa dos parentes, as mulheres achariam confôrto em tais palavras, mais do que nos mantimentos. E não regressariam pesarosas ao lar vazio, nem propensas a levarem os homens à renúncia da greve. "Era um grande dirigente, aquele Alexandre!"

Pisou com mais firmêsa o pavimento da estrada. Apetecia-lhe quebrar o encantamento das coisas adormecidas: assobiar. "Alguem agitava a cortina da

Original dactilografado de "O Pio dos Mochos" dedicado ao camarada Duarte (Álvaro Cunhal)

noite, as rasarias? Não, era o vento. Olhar para trás? Ora, lor quê? Agora era oficial de ligação com um exército proletário em luta aberta, invencível!" Antevia o cemitério da sua Aldeia, cuito branco de cal, juncado de flores como o adro da igreja em tarde de romaria. Mulheres comiam chocolates, agitavam acenavam com os panfletos... Saudavam-no. E surgiam camponeses trigueiros, em filas cerradas, de punhos cerrados...

Partiu-se o fio aos pensamentos. Um mocho piara. E Tomé sacou do revólver; quedou-se ante o olival, a que chegara sem reparar. "Ae agoirento pio!" Alí, tinha de meter-se no labirinto dos trilhos que esquartejavam o campo e onde um estranho se perdia. Foi só por isso que se escolheram. Imantou-se o joven. Mas logo se lembrou que prouvera ir, até mesmo ao cabo do mundo.

Passar despercebido entre as sombras vigilantes, penetrou no olival. A volta, silêncio e trevas. Deliu-se a tenue claridade da lua, apenas presentida, sôbre as estrelas oruxuleavam como círios. Na estrada, resguardado por sebes e muros, êle vigiava-se em duas direcções: à atrás e à frente. Agora o perigo vinha-lhe de todos os lados. Tipos zoomes destacavam-se dos troncos nodosos, parecia ouvir-lhe as copas dos olivais. "Seriam mesmo olivoiras?... Ah! que se o mocho não piasse mais!..." Mas o mocho piou e outro mocho respondeu. Pios estridentes, entrecortados, como os gritos duma criança afogada. Acordaram lobisomens e duendes que você julgou ver em movimento, resolutos e pachorrentes, certos da presa. Barravam-lhe o caminho, estreitavam-lhe o cêrco, tal-qual nos sonhos maus da sua infância. E o mocho piava... E outro mocho respondia... "Lor que não viera comsigo o Alexandre?! Lor quê?... Lor quê?!"

Deitara a correr através do olivedo, agitando a arma inútil, tropeçando. Um suor frio escorria-lhe pela cara imberbe; faltava-lhe o folego; o saco pesava-lhe nas costas arrepiadas. Não via o caminho, nem gritava por socôrro. Corria, apenas. E quanto mais corria, mais as sombras rodavam em veloz, muta dança macabra. O olivedo parecia não ter fim! Os mochos piavam, piavam...

Quando chegou à orla do olival, deixou-se cair no chão, exausto. Ao longe, nascia a lua. Da terra, evolava-se o perfume das ervas orvalhadas; corria a brisa nos trigos por ceifar. Campo aberto, aliente, a tomá-lo no seio, como outrora a velha mãe, nos braços protetores.

Ainda com lágrimas nos olhos espantados, Tomé reagiu então. "Se Alexandre o tivesse visto correr... Que vergonha! Mas era assim; não tinha culpa disso. Acaso sabiam êles, os camaradas, por que se denunciara na prisão? Não foi pela dôr das pancadarias pelo mêdo da solidão e do escuro, naquela cela fria que lhe lacerava o quinto interior agudo o seu avô o encerrava por castigo. Estava mesmo a sua culpa e a sua defêsa."

Para as bandas da vala que contornava a aldeia, latiram cães. "Diabo. A vala podia ser trincheira de polícias." Mas polícias ou cães, embora ferozes, eram bichos que êle sabia cinsalicar. Pior era o perigo dos sêres encapuchados, inimigáveis. Sem jeito, o camponês estorceu-se, ao de lembrar-se que ainda lhe faltava êsse obstáculo final. "Posso atirar o saco por cima do muro -reflectia êle, enquanto rastejava pelo campo fora." E se a polícia o apanhasse? Quebrar-se o elo que liga o Partido às massas. Mas então também eu sou um elo do partido. Pois sou -repetiu êle, e alegrou-se. "Pois entrarei no cemitério! Entrarei [illegible] porque o espírito não existe fora da matéria organizada. As sombras do olivedo... eram oliveiras, afinal."

Assim pensando, criou um novo alento. Transpôs a vala deserta (os polícias estacionavam nos caminhos da aldeia, concerteza); subiu até à copa duma velha árvore, frente ao muro do cemitério; ficou-se a olhar. Lá dentro imperava o silêncio tumular, arripiante como o gêlo. Campas rasas, lavradas por mãos de veraneio e cruzes tôscas e cerdas floridas, secalhavam canteiros de ceifeiro jurais, cicias dos ciseros aldeões vencidos pela sorte, após luta perfiada com a vida. Apenas ao funuo da rua central, limpa das ervas daninhas, havia um jazigo [illegible] cipreste. Tomé fingiu que não o via. Ao túmulo dos seus [illegible] irmanado que estava nos servos e o assustava a si,

quando menino. Um déspota:

De novo ouviu latidos. A lua, ao alto, começava a banhar de claridades lustrais o campo funerário. Tempo de agir. Deciciu-se rom. Alivio-se do saco, depressa, e espalho os panfletos pelas campas. Depois... ninguem se agarra."

Sentiu nas mãos a frieza do muro... Saltou. E de sumito, por entre o fuste dos ciprestes, parceu-lhe distinguir um vulto imóvel à porta do jazigo. Parou estarrecido. A mão direita tateou o revólver no bolso, mas o cérebro recusou-se a comandar o gesto. Um calafrio arrepanhou-lhe as costas; xxxtix ouviu bater o próprio coração. Alí, no domínio dos mortos, tornavam-se inúteis as armas. E aquele vulto era a alma penada do seu avô que vinha opôr-se ao sacrilégio. Sim, era êle! Via-o avançar; pressentia o toque cortal das suas mãos geladas... "Lor que escolhera Alexandre o cemitério? Lor quê? Sempre os meios a justificarem os fins! Meu Deus..."

Cafra de joelhos, com o rosto escondido entre as mãos. Como num eco, escutou uma voz que lhe dizia:

-Estás fatigado, camarada? Deixa ver o saco.

Admirado e trémulo, o jóven levantou a fronte. -Mas és tu... Alexandre?!

-Pensei que precisarias do meu auxílio... -E noutro tom: -Vamos. Espalha os panfletos e safa-te. Os cães farejam-nos.

José ergueu-se. -E tu?

-Eu fico no jazigo. Teaturei falar com algumas mulheres.

Minutos depois, rastejando sobre as ervas orvalhadas, ao regresso, o jóven repetia para si: "É um grande dirigente, aquele Alexandre! E um bom amigo."

No olival enluarado, um mocho piou e outro mocho respondeu. Tomé sorriu-se. "Que engraçado é o pio dos mochos!"

Primavera de 1945

Num dos "Passeios no Tejo" (1940-42), Carlos Pato, Soeiro Pereira Gomes, António Vitorino, Álvaro Cunhal, Jerónimo Matos (Tarrinca), proprietário do Liberdade, e outros.

2.3. O facto destes três partilharem entre si o final no final do romance, que supõe o encarceramento de Gineto e o projecto conjunto de Gaitinhas e Sagüi, desempenha um papel importante na selecção dos protagonistas, e na determinação do projecto de sentido que o romance constrói.

Gineto, "de nome e de condição", tem casa, pais e irmãos, mas é no barco de seu pai ou na rua que esta espécie de *rebelde sem causa* se vai afirmando como líder do bando. Gineto é a personagem em que a atenção do narrador acaba por desenhar e dar a ler um carácter mais dramaticamente contraditório. Desde o primeiro painel, Gineto encontra-se como objecto de grandes planos nos segmentos finais dos capítulos 1 e 5. Gineto é o príncipe das ruas: "Gineto sonhava conquistar todas as ruas" (p. 18). Mas esta relação é contraditada pela abertura do segundo e último segmento do último capítulo deste painel:

> *Escorraçado e perseguido como um Gineto – Gineto de nome e condição. Garoto da rua, que se perdera das ruas e não chegara a ser homem, porque fugira dos homens. Antes viver como Sagui, sem eira nem beira. Dormir num palheiro de tecto aberto às estrelas e pedir pão-por-deus. Ser bom e jovial. Não, não podia ser bom. O Sagui perdera os pais, mas ganhara amigos, enquanto ele era órfão do mundo.* (74)

Sagui é órfão e o nome próprio é essa alcunha de que desconhece a origem e é inscrito nas folhas de salários pelo nome que um capataz lhe dá – "Ficava a ser Tóino". Vive num palheiro esburacado, instalado nas ruínas de uma capela, e não sabe que idade tem. Mestre no peditório do pão-por-deus, tem sempre fome. Descobre que as estrelas dormem de dia e tem-nas por amigas. É capaz de cativar amigos e é ele quem descobre a Doida.

João para a mãe, será *Gaitinhas* para a malta, porque costumava imitar os instrumentos da banda e quer ser músico. Tem casa, mas aí lhe morre, tuberculosa, a mãe. O pai foi levado para longe – *perdera o emprego e perdera-se por amor daquela ideia insensata de fundar uma creche para os filhos das tecedeiras* – podemos inferir da maneira como é referido que

é, algures, um preso político. Gaitinhas vai deixar de poder ir à escola. *E então decidiu descer às ruas* (34). Gaitinhas é a personagem que mais nitidamente está ao longo do romance em situação de perda do seu estatuto social e em relação às aspirações de seu pai.
A alcunha de Maquineta resume o seu sonho e a sua obsessão – o desejo de trabalhar com as máquinas da Fábrica Grande e o seu fascínio por máquinas que na feira o leva a tentar descobrir o mecanismo do carrossel. Não sabe ler *mas faz coisas – carros e barcos de madeira*. Numa última e frustrada tentativa de apressar a entrada para a Fábrica Grande, terá puxado fogo às medas de lenha do telhal de Zé Vicente. Entretanto, não chegamos a conhecer o destino de Maquineta; ele não faz parte desse trio imaginário sobre o qual o romance acaba.
Malesso é dos raros que tem um fato de feira para estrear; é mestre *em falsas aventuras com mulheres*. Vai com o pai trabalhar para o campo, mas morre na tempestade sobre rio.
Guedelhas passeia-se pela feira, "sem vintém, porque dera a féria ao pai, desempregado" imagina-se no campo de jogos vitoriado por um público numeroso.
Coca e Pirica têm aqui e ali uma intervenção, dizem qualquer coisa ou fazem um gesto que por momentos marca o seu nome e a sua presença fugaz.
O grande mérito de Soeiro na construção das formas de vida, personalidades e destinos destas personagens que formam o protagonista colectivo do seu romance é o de ter conseguido evitar vários tipos de erros, por vezes de sinal contrário. Por um lado, evitou as idealizações compensatórias destas gentes: ao transformá-los em personagem colectivo ou colectivo de personagens ele consegue não os homogeneizar nem converter cada um em mera função num conjunto com uma determinada organicidade. Neste sentido, se eles não são uma cohorte angélica em que a pureza os preserva, porque crianças de um mal ou doença do mundo, também não são um grupo revolucionário de alguma forma guerreiro e estruturado por regras de combate ou slogans de percepção e transformação do mundo.
Longe de qualquer tipo de puritanismo, seja o do idealismo conservador, crente numa pureza original, seja o puritanismo como regra de vida do revolucionário, em determinados períodos hitóricos ou ciclos etários. As infracções a uma moral socialmente dominante não são

condenadas mas também não são um ideal apontado como tal. São rugosidades e asperezas de uma liberdade concreta das "ruas", contra a opressão e a vigilância quotidianas. Assim a voz que conta os roubos de fruta, a tentativa de roubo do carvão, ou o incêndio das medas de lenha, a voz que diz o desejo de Gineto comprar os beijos de Rosette com o dinheiro que não ganhou nos telhais, ou a estranha mistura da pulsão sexual, ternura, compaixão e auto-compaixão, na partilha da e com a Doida, essa voz não enuncia um dever ser, ela enuncia uma verdade do comportamento.

Tentando dizer de outro modo aquilo para que a citação de Adolfo Casais Monteiro aponta, um dos grandes méritos de Esteiros é que a violência de classe sobre aquele bando de crianças não conseguiu reduzi-los a serem uma qualquer abstracção de *meninos,* nem consegue dominar-lhes o imaginário. O que neles resiste, o mundo dos seus sonhos e o próprio tecer do sonho resistente – é o humano que neles reside e resiste como projecto.

O romance acaba:

> *Gaitinhas-cantor vai com o Sagui correr os caminhos do mundo, à procura do pai. E quando o encontrar, virá então dar liberdade ao Gineto e mandar para a escola aquela malta dos telhais – moços que parecem homens e nunca foram meninos.*

Gineto ouve Gaitinhas, mas não se consegue fazer ouvir por ele. Gaitinhas canta por baixo da janela onde Gineto está preso, mas não sabe que é essa a janela, que ele o ouviu cantar e o chamou. Não é pois o grande encontro que se festeja, mas o rápido tecer de alguns tópicos e motivos suceptíveis de augurarem uma história de emancipação.

Este último segmento frásico do texto dispõe o material verbal do que virá a ser a dedicatória do livro: O gesto futurante dessa dedicatória não visa um futuro longínquo e abstracto mas apenas umas geração a seguir às personagens que formam o protagonista colectivo do romance – a malta dos telhais. Esses são "os homens que nunca foram meninos". A dedicatória contém uma suposição que é parte de uma promessa. Não apenas a de que esses moços terão filhos mas

sobretudo a de que eles saberão ler. E talvez mesmo mais do que saberem ler serão capazes de se tornarem o destinatário de um livro, o destinatário de uma dedicatória literária. Quando digo que a suposição de que as coisas serão assim faz parte de uma promessa, ou de uma acção verbal de promessa, estou a querer significar que o livro dedicado é já ele uma promessa àqueles a quem se dedica. E que essa promessa é contígua senão contínua à acção política a que Soeiro Pereira Gomes se dedica. O futuro relativamente próximo que a dedicatória visa é, por outro lado, a iminência de um futuro mais vasto e mais distante; e o que estrutura a relação entre esses futuros e o presente em que ele escreve é uma tradição a constituir-se, uma tradição secundarizada, recalcada, mal-dita. Uma tradição que houve o nome de neo-realismo.

3. Quando quem toma a palavra, também a recebe

Engrenagem tem uma história editorial menos linear que *Esteiros*. Luís Augusto Costa Dias resume-a assim, na sua Breve Introdução a uma leitura da obra de Soeiro Pereira Gomes", publicada na *Obra Completa*, editada em 1992 pela Editorial Caminho.[1]

> Se *Esteiros* nos é a narrativa de formas de vida marginais, no contexto de um processo económico e social longo de esmagamento da pequena empresa industrial de

[1] Será necessário compreender-se o processo que levou à s sua primeira edição, problemática (pois, como é sabido, Pereira Gomes entendeu que se não publicasse o romance, ainda por rever em definitivo), embora oportuna e justissima edição, por motivo de interesse que sen'a ocioso referir, então a cargo de Adolfo Casais Monteiro e dos irmãos do nosso escritor, Alice Gomes e Jaime Pereira Gomes.
Ignorando-se, em 1951, a existência do manuscrito original do romance, que aqui designarei por texto A (até há bem pouco tempo desconhecido, registe-se, pertencendo à guarda dos arquivos do Partido Comunista Português e por este facultado para se juntar ao restante Espólio Literário) foi na altura seguida a versão dactilografada de Engrenagem, única conhecida, a que chamarei texto B e que entretanto se perdeu. Hoje porém, a reunião daquele espólio permitiu o aparecimento duma versão também dactilografada, ou texto C, que tudo indica, pelo confronto minucioso com a primeira edição, corresponder à cópia química da versão B. Ora, a mais recente versão apresenta, além de algumas emendas consistentes com o texto da primeira edição (e que deveriam portanto figurar no texto B) outras mais profusas e profundas alterações manuscritas, todas indubitavelmente introduzidas pelo punho de Soeiro Pereira Gomes. Com diferentes tintas, tais emendas correspondem assim a um texto por diversas vezes revisto (ainda que não em definitivo); pelo conteúdo das alterações, que denotam uma nova experiência politica, as sucessivas revisões terão ocorrido durante os cinco anos em que o escritor permaneceu na clandestinidade.
Trata-se, pois, da última versão do romance, a partir da qualfoi fixado o texto da presente edição.

produção artesanal pela grande empresa industrial, que articula o trabalho sazonal de trabalhadores migrantes; *Engrenagem* é a ficção das transformações das formas de vida, de trabalho e da consciência da proletarização de camponeses e semi-proletários, sob os efeitos da industrialização dos campos representada pela construção e laboração de uma fábrica, nos primeiros anos da II Guerra Mundial.

Mais simples que a de *Esteiros*, a estrutura narrativa de *Engrenagem* é igualmente sólida e funcional.
Repete-se a existência de uma organização superior à dos capítulos. Se eram os nomes de estações do ano que constituíam a malha mais larga da organização de *Esteiros*, aqui o romance organiza-se por três sequências com título próprio e um número decrescente de capítulos.
Esses títulos constituem por si próprios uma rigorosa sinopse do desenvolvimento da narrativa e da evolução do mundo ficcional (a compra de terrenos e as obras de construção da fábrica; a fábrica em laboração; a fábrica parada); e uma espécie de guião de leitura.

1. Camponeses de terras sem horizontes – 7 Capítulos; 77 pp.
2. O Forno domina tudo – 6 capítulos; 52 pp.
3. Faltou o pão da Indústria – 5 capítulos; 36 pp.

O primeiro conjunto de capítulos conta com alguma demora o processo de destruição de uma velha aldeia de camponeses. O início do sexto capítulo (1 - 6) refere as alterações do casario.

> *Da velha aldeia, nada restava intacto. A ruela primitiva de casas irmanadas pela vida dos moradores ramificava-se, e novas casas surgiam acima dos telhados que o musgo esverdinhara*. (257)

Mas essas alterações são a tradução edificada de alterações menos visíveis. Um dos representantes da ordem subvertida comenta-as – *A fábrica tresloucara tudo e todos, como dizia José Lérias* –, opinião diferente dá-a o Borges, antigo dono de uma oficina onde tinha assalariados trabalhando e que incendiara, para receber o dinheiro do seguro e se fazer aos novos tempos, aconselhado pelo mesmo mestre Mateus que recrutava camponeses para as obras da fábrica. E atitude ainda diferente é a do dono da única taberna, que se vai atrasando e sentindo impotente, que será esmagado pela concorrência:

> *Borges Serralheiro fizera-se construtor, e já prometera loja de fama com pensão e retiro de jogos, antes que se inaugurasse a fábrica. (Por temor do concorrente, ti Paulino recontava as economias e projectava obras na taberna, todos os dias adiadas.)* (258)

E este conjunto de *posições* e atitudes é uma pequena amostragem dos pensamentos e reacções das personagens que vamos conhecendo. A mesma atenção imaginativa que levava Soeiro Pereira Gomes a traçar a diferenciação dos garotos que constituíam a malta do telhal, aplica-se agora a diferenciar as várias personagens que consegue distinguir neste microcosmos social heterogéneo e multiplamente clivado que agora trabalha.
Aqui estabelece-se uma primeira linha de fractura: de um lado os camponeses, do outro lado, os da fábrica. Mas esta separação não se concretiza como dois blocos homogéneos: Os camponeses que têm terra não tomam todas a mesma posição. E isso porque a sua situação não é exactamente a mesma – [A] *terra* [é] *má: gretada no verão, lamacenta no inverno. Mas sempre amimada pelos homens do lugarejo*. A água falta e as terras dão mais pedras que pão; por isso são terras sem horizontes e a maioria dos camponeses vendê-las-á para que a fábrica se instale. Vender a terra e arranjar trabalho na fábrica é um destino comum. Dele escapa Zé Lérias que obstinadamente se recusará a vender, em nome de um princípio: *A terra que nos vem por herança é sagrada, Ti Paulino. Não se vende, nem se troca.* Só mais tarde, depois de atravessar um período em que a derrota quase o destrói, e com a mulher assumindo o comando

das suas vidas, venderá. Outros, camponeses sem terra são mais rapidamente aspirados pela fábrica. Uns recalcitrantes como Manuel Chibarro, outros caindo no oportunismo como Robalo. E muitos outros vêm chegando de outras terras à procura de trabalho. É precisamente o caso de Fariseu, Amaro, Mãos Finas, Ramiro (o Triste) e muitos outros. Agilmente, a narração vai colocando aquele pobre lugarejo sem horizontes como lugar efémero de destino de desempregados, migrantes à procura de trabalho, que vêm de Barcelos ou do Alentejo. Também os da fábrica não são todos semelhantes entre si. Entre o representante da parte portuguesa da empresa, "o doutor Moreira", o engenheiro Cruz e o mestre "Lâzudo", e entre eles e os engenheiros franceses, "Machin, engenheiro-chefe da casa vendedora dos maquinismos", René e Henri, as diferenças não são apenas hierárquicas e funcionais. Quanto mais uma personagem cai sob a atenção da instância narrativa mais a diferenciação interna desse sujeito-agente se desdobra. Contra um certo primitivismo simplificador da atenção à tessitura do mundo social e às determinações sociais dos destinos individuais e, ao mesmo tempo, sem abandonar a tentativa de representar e compreender a rede de relações sociais profundas que em cada um desses destinos se exprime, a agilidade narrativa de Soeiro Pereira Gomes trabalha sobre uma regra lúcida – uma personagem não é apenas a improvável totalização das suas circunstâncias.

★

O capítulo inicial da I parte (I.1) começa sob o ponto de vista do "senhor Mateus", que recruta mão de obra para uma fábrica que se vai instalar nos terrenos da aldeia. A tarefa é de tal modo fácil que à socapa se atreve a pedir dinheiro a um trabalhador de enxada que lhe pede trabalho. Entre os participantes desta primeira cena, há alguém, andrajoso, e que não é daqueles sítios, que se aproxima vindo do fundo da taberna e fechará o capítulo, lendo em voz alta a "notícia maravilhosa" de "UMA NOVA INDÚSTRIA EM PORTUGAL". O adjectivo que qualifica a notícia

e o teor dela denunciam uma ironia que não sabemos bem se o é, nem a quem a atribuir. Se admitirmos que há efectivamente ironia e que uma das suas marcas primeiras é a correlação entre "a notícia maravilhosa" e o efectivo tom "maravilhoso" da notícia, podemos imediatamente atribuir a ironia à instância de narração. Mas se repararmos que a narração já antes surpreendera um sorriso acertadamente desdenhoso – *Os ouvintes tinham os olhos postos naquele homem [o senhor Mateus] que manejava vidas. Somente o moço [andrajoso] escondia um sorriso desdenhoso, a adivinhar-lhe a vaidade e os intuitos* (204) – nessa personagem que vamos quase de imediato ser informados que sabe ler, podemos supor que a ironia é também a daquele que se apresenta assim – *Não [não sou destes sítios]. Sou de toda a parte onde trabalho. O nome é o que vem à boca. Mas há quem me chame Fariseu.* (205).

Aquele que começou agora a ler *Engrenagem* não sabe ainda que encontrou o protagonista do romance, o *herói*. A terceira pessoa que a dada altura diz: – *Eu*.

De certo modo, este capítulo inicial constitui uma espécie de pequeno modelo ou programa narrativo do romance, pelo menos no que diz respeito ao modo como se refere intermitentemente a vinda de Fariseu até à boca de cena. Aqui, são 3 as referências que lhe são feitas e o trazem do fundo da taberna a engrossar a roda dos ouvintes até ele se identificar e começar a ler o jornal: [1] *um moço andrajoso*, [2) *Somente o moço*; [3] - *Eu – disse o moço andrajoso*.

Ao longo do romance, não só a nossa atenção é conduzida para outros que não Fariseu, mas por vezes, centra-se mesmo em outra personagem que pode configurar-se como protagonista alternativo: Amaro. Quando regressamos a Fariseu não regressamos sempre ao mesmo. Fariseu, como Amaro, muda: apaixona-se e deixa-se corroer pelos ciúmes; Fariseu é reivindicativo, e solidário com os seus camaradas de trabalho, mas parece por momentos quase ceder aos elogios do engenheiro Henri e à proposta de promoção. Mas o seu percurso ganha consistência.

Por sua vez, no capítulo final do romance (III, 5), a acção desenrola-se em três momentos complexos: [1] primeiro, Fariseu conversa com Luísa Chibarro; [2] Fariseu discute com Zé

Lérias e com Robalo; [3] Juntando-se no largo, os trabalhadores e as suas mulheres avançam para a fábrica para a destruírem ou saquearem. (a) Fariseu tenta travá-los e falha. Até que já dentro da fábrica, (b) Fariseu consegue desviar e organizar, a força da onda humana que avançava cegamente, dando-lhe um objectivo.

Podemos ler *Engrenagem* como um mapa de posições e movimentos de personagens que em circunstâncias determinadas procuram ou sofrem os seus projectos e os seus destinos. Mas também o podemos ler como o relato do confronto entre duas posições ou duas formas de herói. Esta segunda hipótese de leitura não é rigorosamente alternativa à primeira, porque este confronto se inscreve, como luta entre posições e itinerários, naquele mapa.

Amaro é empregado nos escritórios da fábrica, situação que sente como humilhante em relação às expectativas que criara sobre si mesmo, chega a ser promovido a encarregado, mas acaba por decidir aceitar um lugar no cartório de um cunhado; abandonando a fábrica e Gracinda. Amaro, o ex-estudante, o solitário que reconhece não ter amigos, é uma figura da hesitação e da insegurança, no trabalho e no amor. A sua posição intermédia, na estrutura hierárquica e funcional da fábrica, deixa-o sistematicamente entalado entre o receio do poder e o impulso de simpatia, por vezes espontâneo, perante os mais fracos, sem a força ou a coragem para sustentar esse impulso.

Fariseu apaixona-se por Gracinda, junto da qual é ultrapassado por Amaro, que chega por isso a pensar matar. O seu íntimo debate sobre o que fazer ao rival faz ao mesmo tempo parte do seu processo de consciencialização social. Nesse processo, interagem a ligação entre o operário e as máquinas – *Só ele amava as máquinas com o prazer quase físico de um macho* (296) –, a sua habilidade técnica, a sua vontade de aprender, o estranho orgulho em entrar numa oficina e ser ajudante de serralheiro e, por outro lado, o sentido de imediata solidariedade com os outros, a sua ainda breve experiência de vida que se confunde com a experiência de trabalho – *reviveu aquela paixão pelas máquinas que andava nele desde a infância nos telhais, à beira do Tejo, e sonho de maltês faminto na planície alentejana, farta de pão* (272). Fariseu é assim um daqueles *homens que nunca foram meninos*, que conhecemos de *Esteiros*. A sua

aprendizagem, a sua experiência são iluminadas pela memória de alguém que no seu passado dizia:

> Fiquem sabendo: unidos, somos uma força invencível,
> Era e frase predilecta do camarada, certo rapaz que aparecia aos ganhões do Alentejo, e lhes deixava jornais clandestinos e palavras candentes de lume. (242)

Fariseu faz a experiência desse constante aprender se soubermos ouvir quem tem algo para dizer. Não só o Camarada e os jornais que distribuía são uma fonte de inspiração, também René o pode ser e com ele aprende. No capítulo final, depois de uma discussão inconclusiva sobre o Progresso, que se torna uma questão prática nas páginas seguintes, quase como se fosse obra de um *deus ex machina*, Fariseu reencontra palavras do Camarada que lhe calham à situação:

> De repente, estremeceu. Na berma da estrada, viu espalhados alguns papéis, que pareciam o jornal clandestino, desfeito há muito tempo na fundura do bolso. Apanhou um que não estava molhado pela chuva. Leu-o.
> "Operários e camponeses! À luta, por mais pão e trabalho… Unidos e firmes... (366).

Mas será então que esta consciência que a si mesma se toma, não passa afinal de uma consciência tutelada, falando por slogans e repetindo estereótipos?
A resposta antecipada à questão vem num breve gesto narrativo no coração da cena final que concentra em palavras o fascínio de uma imagem cinematográfica, que joga com a luz e a sombra, com a horizontal e a vertical, com o contraponto da voz e das vozes, para construir esse dificílimo e arriscado acto de tomar a palavra.

De súbito, no patim da escada que dava acesso aos maquinismos, apareceu um vulto com o bico dum aparelho de soldar, aceso, na mão direita, e um papel, na sinistra.

– Àquele que subir, queimo-lhe os olhos! – trovejou, embora incapaz de cumprir tal ameaça.
A multidão parou, estupefacta. À luz do maçarico, a cara de Fariseu, lambuzada de sangue, horrorizava.
[... vozes em diálogo]
– Tenham juízo! – berrou, de novo, o operário. – Qualquer dia podem aparecer comboios de carvão. E, sem máquinas, nunca mais haveria trabalho nesta aldeia. A culpa não é da fábrica. É de quem faz as guerras e a fome.
[...vozes num coro dissonante]
Fariseu alongou o braço, e a chama azul do maçarico ficou a brilhar por cima das cabeças.
– Oiçam! "Operários e Camponeses... À luta por mais pão e trabalho."
Tentava ler o panfleto, que segurava na mão esquerda; mas a chama feria-lhe a vista e as letras minúsculas confundiam-se. Desistiu, pois; falou por si.
– Aqui não há que comer. Vamos à vila. O regedor Lãzudo foi-se embora? Pois então o administrador que nos atenda. Se não, assaltaremos a loja do Borges, que enriqueceu à nossa custa.
Alteou mais a voz: – Camaradas! Vamos todos com as mulheres e os filhos. Unidos, somos uma força... (367-8) (sublinhados meus)

E é como uma imagem que se imprime no nosso cinema mental, que essa cena fica, everberando, na nossa memória.

AGOSTO 2009

Referências Bibliográficas

De Soeiro Pereira Gomes

1992 – *Obra Completa* (organização e fixação de textos, Luís Augusto Costa Dias, Editorial Avante!, SA, Lisboa 1979) Editorial Caminho, Lisboa.
1988 – *Esteiros*, (Integrando a série "Romances Portugueses – Obras-Primas do século XX", coordenada e dirigida por David Mourão-Ferreira), Introdução de Isabel Pires de Lima, Círculo de Leitores.
1941 – *Esteiros,* Sírius, Lisboa.

Sobre Soeiro Pereira Gomes

DIAS, Luís Augusto Costa
1992 "Breve introdução a uma leitura da obra de Soeiro Pereira Gomes", in *Obra Completa*, Editorial Caminho. Lisboa; p. 7-15.

DIONÍSIO, Mário
1942 "Ficha 2", *Seara Nova*, 759, p.38.

LIMA, Isabel Pires de 1988 "Introdução", in *Esteiros*, Círculo de Leitores; pp VII - LI

MARGARIDO, Alfredo
1984 "Quelques problèmes poses para la lecture du roman neo-réaliste", Actes du Colloque (Paris, 24-27 Octobre, 1979) *Le roman portugais contemporain*, Fondation Calouste Gulbenkian/ Centre Culturel Portugais, Paris.

MONTEIRO; Adolfo Casais
(1950) "Soeiro Pereira Gomes e o mundo da infância", reed., *O Romance (teoria e crítica)*
Livraria José
Olympo, Rio de Janeiro, 1964; p. 398.

PINA, Álvaro
1977 *Soeiro Pereira Gomes e o futuro do realismo em Portugal*, Editorial Caminho, 1977.

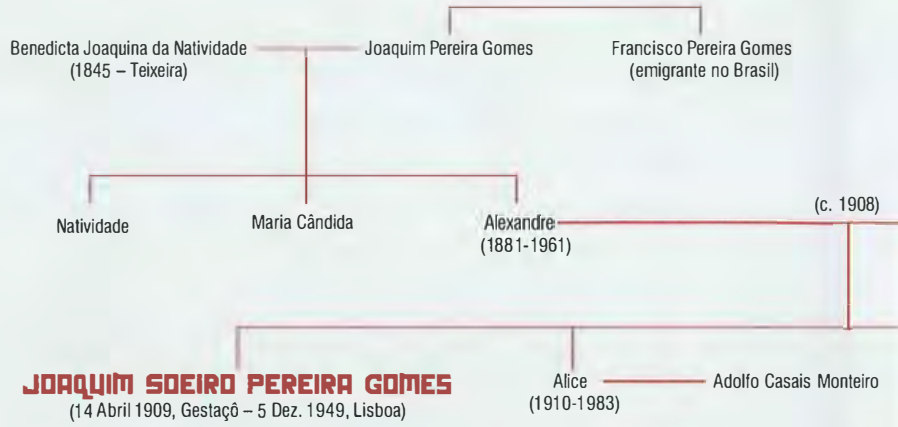
RODRIGUES, Urbano Tavares
1981"O Real e o Imaginário em *Esteiros* de Soeiro Pereira Gomes", *Um novo olhar sobre o Neo-realismo*, Moraes Editores, Lisboa, pp. 27-28.

SIMÕES; João Gaspar
1942 "Soeiro pereira Gomes", reed. *Crítica III*, Delfos, s.d., p. 41-43.

Joaquim Soeiro Pereira Gomes (1909, Gestaçô – 1949, Lisboa)
é uma personalidade incontornável na história da cultura e da resistência do século XX.
Pioneiro e vulto maior do movimento neo-realista, empenhou a sua vida por uma causa.
Enquanto escritor funde uma poética de olhar atento e compassivo,
de uma certa interioridade, com uma perspectiva do realismo humanista de intervenção social,
influência inicial presencista que se vai confrontando, e enformando,
com a realidade crua e sofrida dos que lhe estavam próximos,
e com eles acompanhando as mudanças de um estado injusto e repressor.
De "vocação perdida", Soeiro cumpriu a "estrada do seu destino"
que escolheu consciente e generosamente.
Assim viveu, assim morreu aos 40 anos.
Do Douro ao Tejo, do mundo rural ao mundo industrial,
do amor da família ao afecto aos seus "meninos" e aos homens,
dos sonhos adolescentes aos convictos ideais,
Soeiro sempre preservou os valores da justiça e da liberdade.
Defendendo-os nas ideias e nas acções, fosse nas actividades cívicas ou militantes,
ou labor literário, na dinamização social e cultural de âmbito local
ou na luta pela transformação social, nos contos ou nos romances que escrevia;
porque a sua vida e a sua escrita formavam uma unidade, na essencialidade do ser humano.
Talvez por isso, "Esteiros" constitui um dos mais humanistas e tocantes testemunhos
doados à nossa literatura. Como alguns críticos afirmaram,
bastou este livro para Soeiro entrar directamente na história literária e cultural portuguesas.
O seu talento sensível também ganhou expressão nos primeiros contos e crónicas,
no romance "Engrenagem" e nos "Contos Vermelhos".
Muitos projectos idealizados ao longo de anos demasiados atarefados,
e depois pela clandestinidade, ficaram por consumar.
De dois romances "Companheiros" e "Comunistas" e um livro de crónicas "Diário de um foragido"
remanescem apontamentos e anotações para personagens, enredos, quadros, pequenas histórias que dedicava
aos homens, como lhes dedicou a sua própria vida. [LDS]

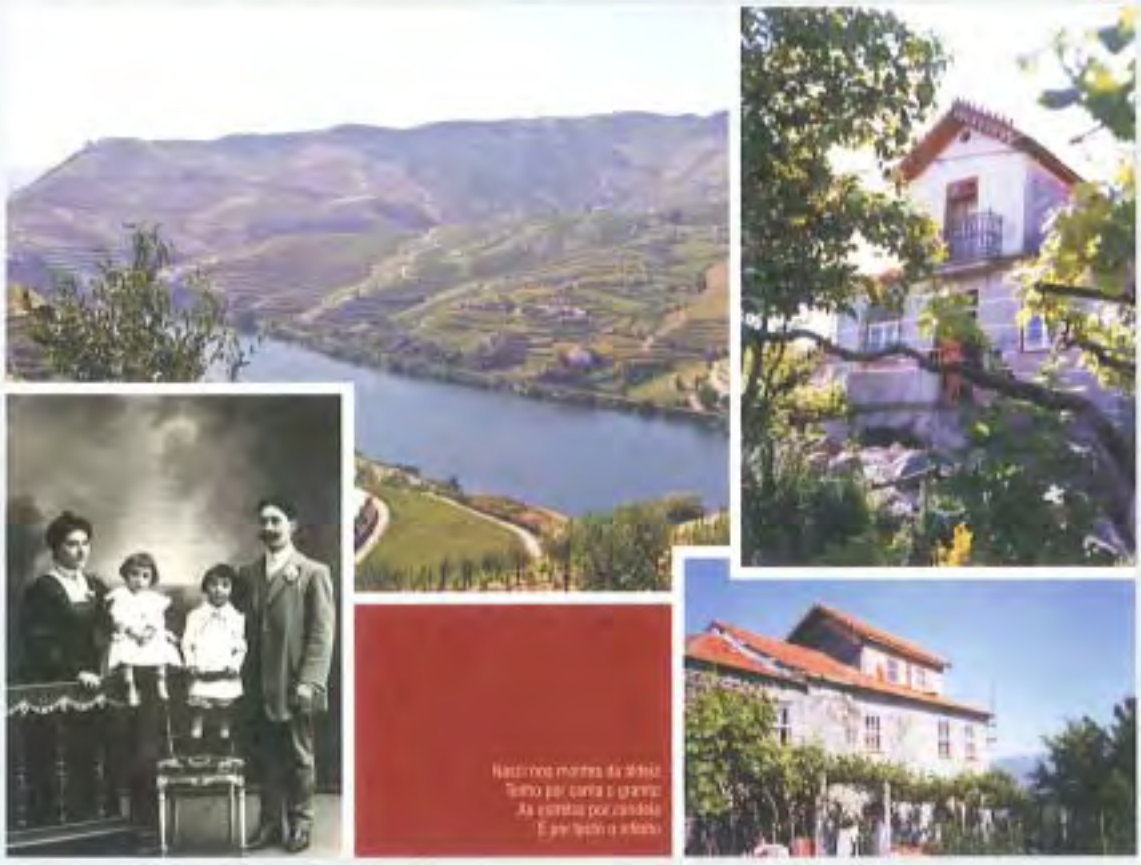
A EXPOSIÇÃO

Árvore Genealógica de Joaquim Soeiro Pereira Gomes



2

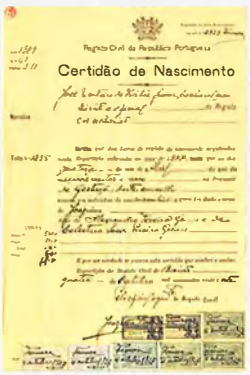
1



1909

Joaquim Soeiro Pereira Gomes
nasceu nas serranias do Douro,
em Gestaçô, no concelho de Baião,
a 14 de Abril de 1909.
Primeiro de seis filhos de Celestina Soeiro
e Alexandre Pereira Gomes,
cresceu numa família rural abastada,
entre o republicanismo,
a generosidade paternos,
e o subtil matriarcado
de uma casa de mulheres.
Infância livre e feliz passada
nos campos, onde aprendeu a amar
a terra e as gentes do povo,
Soeiro foi aos seis anos estudar
para Espinho, para a casa da madrinha
e tia-avó materna,
onde estranhou o ambiente
rigoroso e austero.
Nas férias, ainda criança ou já adolescente,
regressou sempre a Gestaçô,
onde reencontrava o amor e a alegria.

4



3

1) [Vista parcial do rio Douro] . - V. F. Xira : MNR, 2009. - Ampl. fot. : color.
Margens e as serras circundantes. Gestaçô, a 2ª maior freguesia de Baião, está situada na margem dtª da Ribeira de Teixeira, afluente do rio Douro. Terreno de encosta, caracterizado pelo cultivo da vinha que dá origem aos vinhos verdes brancos
MNR F

[Casa do Vilar, Gestaçô, Baião]. - V. F. Xira : MNR, 2009. - Ampl. fot. : color.
Casa onde nasceu Soeiro Pereira Gomes. - Vista geral da lateral esqª da casa
Ampl. a partir de reprodução do Museu Municipal (MMVFX-F_5836)
MNR F

[Varanda do quarto de Soeiro Pereira Gomes na Casa do Vilar]. - V. F. Xira : MNR, 2009. - Ampl. fot. : color.
Situado na fachada principal
Ampl. a partir de reprodução do Museu Municipal (MMVFX-F_5846)
MNR F

Soeiro Pereira Gomes aos 4 anos com os pais e a irmã Alice. - V. F. Xira : MNR, 2009. - Ampl. fot. : p&b
Ampl. a partir do original do Espólio literário de Soeiro Pereira Gomes (A2/8.2)
MNR F

Nasci nos montes da aldeia ... / Soeiro Pereira Gomes. - V. F. Xira : MNR, 2009. - Ampl. fot. : p&b
Quadra da autoria de S. P. Gomes, escrita em Gestaçô e com a qual participou num concurso literário. - Transcrita em "Soeiro Pereira Gomes : Uma biografia literária" de Giovanni Ricciardi, p. 36
Dos "desafios literários juvenis" entre Alice e S. P. Gomes restou apenas esta quadra
MNR F

2) Árvore genealógica de Joaquim Soeiro Pereira Gomes. - V. F. Xira : MNR, 2009. - Ampl. fot. : color.; 225 x 55 cm
Até ao 3º grau
MNR F

3) Certidão de Nascimento / Registo Civil da República Portuguesa; Repartição do Registo Civil de Baião. - Baião : R. R. Civil de Baião, 4 Out. 1927. - Orig. mst. ; 1 fl.; 30 x 19,8 cm
Certidão de Soeiro Pereira Gomes, nascido a 14 Abril de 1909
MNR A2/7.7

4) [Soeiro Pereira Gomes com 6 meses]. - Espinho : Carvalho Photo, [1909]. - 1 fot. : sépia ; 12,3 x 8,2 cm
Com inscrição no verso: nome e morada do pai
MNR A2/8.1

5) [Talher de criança]. - [Alemanha, Solingen?] : Guilhermo Hoppe Solingen [fab.], [post. 1909]. - Estojo (em pele sintética) c/ talher (colher, faca e garfo) : prata e metal ; Estojo: 21 x 10,7 x 2, 8 cm; colher: 15 x 2,7 x 0,7 cm; faca: 17, 4 x 1,8 cm; garfo: 14,7 x 1,8 x 0,2 cm
Talher deixado em legado por Soeiro Pereira Gomes a seu afilhado António Mota Redol. - Incluido em "As minhas últimas disposições", documento que assumiu forma testamentária após a morte de S. P. Gomes. - Oferta de António Mota Redol no âmbito desta exposição
MNR

6) [Soeiro com os pais, irmãs e avó]. - [S.l. : s.n., 1914]. - 1 fot : sépia ; 12,6 x 17,4 cm
Soeiro com cerca de 5 anos, com os pais, a irmã Alice e a irmã Berenice ao colo da avó Benedicta (?)
MNR A2/8.3

6

5

Soeiro Pereira Gomes aos 6 anos de idade.

Neste bilhete, datado de 24 de Fevereiro de 1916, escreveu a sua mãozita infantil, em mensagem que enviou de Espinho a sua avó, Benedita Cândida da Natividade, residente em Gestaçô - aldeia em que Pereira Gomes nasceu:

"Minha vovó:

Já á mais tempo lhe queria escrever para lhe agradecer os seus mimos mas queria vir abraçá-la pessoalmente cá estou. Um abraço para o meu papá e outro para a mamá e tiias e beijinhos aos meus manos todos.

Joaquim P. Gomes

7

"A aldeia também sonha. Sonham as almas, cansadas pelo árduo labor do dia;
sonham talvez com os prados, as sementeiras, o pão que hão-de colher.
Bendito sonho que faz germinar a terra!
... E eu de tanto sonhar fiz-me poeta. Ser poeta é sonhar a vida inteira.
Uns corporizam o sonho, dão-lhe vida, em harmonia de palavras, em orações à natureza.
Outros – tantos outros – escondem o seu sonho no santuário da alma,
como parte inseparável da vida:
são os desgraçados, os pobres e os humildes. Uns vivem do sonho, outros para o sonho.
... E o que é a vida senão um sonho? Almas há que, ao despertarem,
encontram a realidade identificada.
Outros – pobres visionários – só vivem quando a morte os arrebata ao mundo"

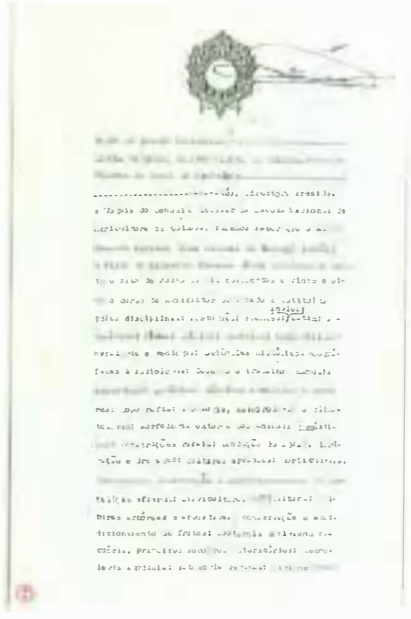
Diário de Soeiro, *Da Aldeia (Cartas ao meu amor)*, 23 Março 1929

9

Como prova da maior
estima e amizade
Oferecemos a nossa
querida madrinha

"Quase às portas da Universidade,
retrocedi em busca doutra estrada mais longa
e, por isso, mais ruim.
E fiquei na encruzilhada da Vida"

Estrada do meu destino. Conto.



15

14

12

11

13

1920

Aos 11 anos, depois de chumbar a latim,
Soeiro foi como aluno interno,
para a Escola Nacional de Agricultura
em Coimbra.
Jovem esbelto e elegante,
ginasta exímio e nadador, desportista,
cantor e dedilhador de guitarra em serenatas,
cedo revelou o seu interesse pela literatura,
frequentando livrarias e tertúlias
culturais na cidade dos estudantes
e contactando com o movimento presencista.
Em 1928, concluiu o Curso de Agricultor
(Regente Agrícola),
e foi juntar-se à família na cidade do Porto,
que se tinha mudado uns anos antes,
por dificuldades económicas
e para proporcionar estudos aos outros filhos.
Durante dois anos,
procura sem êxito um emprego compatível
com os seus estudos,
para além de umas explicações a alunos.
Só em África, em Angola,
conseguiu colocação num armazém
da Companhia Agrícola de Cassequel,
perto de Lobito.
Desta breve experiência africana,
Soeiro trouxe desilusão e doenças,
e o conhecimento de uma realidade
quase escrava.

7) Minha avó / Joaquim P. Gomes. - V. F. Xira : MNR, 2009. - Ampl. fot. : p&b; 26,7 x 21 cm
Transcrição dact. do B. postal enviado à avó Benedicta por S. P. Gomes, datado de 24 de Fevereiro de 1916. - Ampl. do orig. (transc.) do Museu de Alhandra
MNR F

8) [Soeiro com 7 anos, de fato e chapéu e com cadernos debaixo do braço]. – V. F. Xira : MNR, 2009. - Ampl. fot. : sépia; 70 x 43,6 cm
Ampl. do orig. : Espinho : Photographia Evaristo, [1916] (Espólio literário de S. P. Gomes, A2/8.4)
MNR F

9) [Soeiro Pereira Gomes com a família]. - Porto : Foto Universal, [1926]. - 1 fot.: Sépia ; 23 x 30,8 cm
Com cerca de 17 anos, com os pais e irmãos Alice, Berenice, Alexandre, Jaime e Alfredo
Contém dedicatória à madrinha e tia-avó Leopoldina
MNR A2/8.5

10) [Soeiro com dezasete/dezoito anos]. - V. F. Xira : MNR, 2009. - Ampl. fot. ; p&b; 110 x 70 cm
Ampl. a partir do original do Espólio literário de Soeiro Pereira Gomes, [1926-7?], (A2/8.6)
MNR F

11) [Soeiro e Viana (?) em Baião (?)]. - V. F. Xira : MNR, 2009. - Ampl. fot.: p&b
Viana, amigo e colega de Coimbra. - Ampl. a partir do original do Espólio literário de Soeiro Pereira Gomes, [1928-1931], (A2/8.7)
MNR F

12) [José Câncio Reis com Soeiro Pereira Gomes]. - V. F. Xira : MNR, 2009. - Ampl. fot.: p&b
Ampl. a partir de "A passagem: Uma biografia de Soeiro Pereira Gomes" de Manuela Câncio Reis, p. 23. - José Câncio Reis e Soeiro Pereira Gomes foram colegas na Escola Nacional de Agricultura de Coimbra
MNR F

13) [Soeiro com pasta e fitas quando da cerimónia da queima das fitas]. - V. F. Xira : MNR, 2009. - Ampl. fot.: p&b
Ampl. a partir de reprod. do Museu Municipal, (MMVFX - F-5639). - Data do orig. post. a 28 Jul. 1928
MNR F

14) Diploma do Curso de Agricultor / Escola Nacional de Agricultura de Coimbra. - Coimbra : E. N. A. de Coimbra, 19 Set. 1929. - Orig. mst.; 1 fl. ; 37,2 x 50 cm
S. P. Gomes concluiu o "Curso de Agricultor Diplomado" em 28 Jul. 1928, com média de treze valores
MNR A2/7.9

15) Diploma do Curso de Agricultor / Escola Nacional de Agricultura de Coimbra. - Coimbra : E. N. A. de Coimbra, 7 Set. 1933. - Orig. mst.: 1 fl. ; 30,3 x 39,7 cm
Certificado do curso registado no Cartório de Lisboa, R. da Assunção, nº 99, registado no respectivo livro sob o nº 37
MNR A2/7.8

16) [Soeiro, no barco, de partida para Angola] . - V. F. Xira : MNR, 2009. - Ampl. fot.: p&b
Ampl. do orig. do Museu de Alhandra, fim de 1930 (MA R-92-4484)
MNR F

[Soeiro no Lobito, Angola]. - V. F. Xira : MNR, 2009. - Ampl. fot.: p&b
Soeiro respondeu a um anúncio da Companhia Agrícola de Cassequel que explorava açucar e no fim de 1930 segue para Catumbela, situada a 7 km de Lobito, em Angola. - Ampl. a partir do original do Espólio literário de Soeiro Pereira Gomes, [fins 1930 - Abril 1931], (A2/8.8)
MNR F

[Soeiro em Angola, junto a sua casa e ao hospital]. - V. F. Xira : MNR, 2009. - Ampl. fot.: p&b
Ampl. a partir do original do Espólio literário de Soeiro Pereira Gomes, [fins 1930 - Abril 1931], (A2/8.9), com inscrição manuscrita dos locais
MNR F

"Que sina desventurada
me criou só para a dor
cada ventura sonhada
é desventura maior."

·Quadra de Soeiro para uma das canções de Manuela

1931

Foi em Coimbra, através do colega de curso José Cândio Reis que conheceu Manuela Cândio Reis, com quem casou, naquela cidade, aos 22 anos.
Por intermédio do sogro, começou a trabalhar nos escritórios da Fábrica "Cimento Tejo", em Alhandra.
Embora vivendo no seio de uma família tradicional alhandrense, Soeiro começou progressivamente a contactar com a realidade do operariado e das colectividades locais, participando civicamente.
Com a mulher Manuela e o sogro Francisco Filipe dos Reis, escreveu e encenou a revista "Carnaval", representada no Teatro Salvador Marques, em 1935.
Dois anos mais tarde, o casal apresentou "Sonho ao Luar", no mesmo palco da Sociedade Euterpe Alhandrense, mas também levando o espectáculo a Vila Franca e a Lisboa, ao Teatro Éden.
Estas experiências foram fundamentais para a aproximação do escritor ao povo de Alhandra, ao contactar diariamente com os participantes das revistas, muitos deles crianças carenciadas.

[Mapa de Angola na época colonial]. - V. F. Xira : MNR, 2009. - Ampl. fot. ; 110 x 70 cm
MNR F

17) [Soeiro e Manuela, de férias, na praia da Parede]. - V. F. Xira : MNR, 2009. - Ampl. fot.: p&b ; 275 x 104,5 cm
Data orig.: 1935. - Ampl. de reprod. do Museu Municipal (MMVFX - F_5640)
MNR F

18) [Soeiro no escritório da Cimento-Tejo]. – V. F. Xira : MNR, 2009. - Ampl. fot.: p&b ; 28,3 x 20 cm
Ampl. a partir do original do Espólio literário de Soeiro Pereira Gomes, [Alhandra, 1935], (A2/8.11)
Datação a partir de foto idêntica do Museu de Alhandra
MNR F

19) Carnaval. - V. F. Xira : MNR, 2009. - 1 Ampl. fot.: p&b. ; 55 x 37,1 cm
Folheto da peça da autoria de Manuela Câncio Reis, Francisco Filipe dos Reis e Joaquim Soeiro Pereira Gomes. - Levada à cena no Teatro Salvador Marques a 18 e 19 de Maio de 1935. - Ampl. a partir do original do Espólio literário de Soeiro Pereira Gomes, (A2/9.69)
MNR F

20) "Carnaval"
In: "O Mensageiro do Ribatejo". - (19 Mai. 1935)
Refª a Francisco Filipe dos Reis, Manuela Câncio Reis e Joaquim Soeiro Pereira Gomes. - Contém foto dos autores. - Reprod. do recorte do M. de Alhandra - C. Dr. S. Martins (MA R-92-960)
MNR/F

21) Saudação
In: "O Taborda". - (Jun. 1935), p. 1
Agradecimento a Francisco Filipe dos Reis, Manuela Câncio Reis e Joaquim Soeiro Pereira Gomes pela peça "Carnaval". – Contém foto dos autores. - "O Taborda" era o órgão noticioso da Academia I.P.C.F.L.N. (Academia Instrutiva do Pessoal dos Caminhos de Ferro do Leste e Norte), dir. Armando da Silveira Garranha
MNR A2/9.71

22) [Soeiro Pereira Gomes e Manuela Câncio Reis]. - V. F. Xira : MNR, 2009. - Ampl. fot.: p&b ; 51 x 29,7 cm
Ampl. a partir do original do Espólio literário de Soeiro Pereira Gomes, [Alhandra, post. a Mai. 1931], (A2/8.10)
O casamento realizou-se a 25 de Maio de 1931, em Coimbra
MNR F

23) "Sonho ao Luar" : Coplas da revista / Manuela Câncio Reis, Joaquim S. Pereira Gomes. - Alhandra : [s.n.], 1937 (Tip. Progresso). - Capa+4 fl. ; 21,9 x 16, 2 cm
Peça levada à cena pela pela 1ª vez em Alhandra no T. Salvador Marques em Jul. 1937; no Teatro Éden, em Lisboa, em Fevereiro de 1938 e integrou o 1º Serão de Arte organizado pelo Clube Desportivo da Fábrica Cimento-Tejo em data anterior a 23 Março de 1938
MNR A2/9.70

24) O sr. Pereira Gomes um dos autores do "Sonho ao luar" faz-nos declarações sobre esta revista / José Patrício da Costa
In: "O Mensageiro do Ribatejo". - A. VIII, nº 374 (4 Jul. 1937), p. 2
Soeiro, nesta entrevista, explica as motivações da revista e os participantes nela envolvidos. - A receita líquida destinou-se às colectividades mais necessitadas de Alhandra, nomeadamente à Soc. Euterpe Alhandrense, cuja orquesta participava na revista
BMVFX

22

JUNHO de 1935 DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

O TABORDA

SAUDAÇÃO

Ao realizar-se na nossa colectividade a representação da maravilhosa revista local "Carnaval" de cujos felizes autores e ensaiadores temos a honra de inserir nas colunas do nosso jornal as suas fotografias, impõe-se que a manifestação de amisade e carinho de que são credores, afinja uma forma apoteótica, para assim demonstrarmos a nossa gratidão para quem tão gentil como desinteressadamente vem trazer nos conforto moral e material num momento tão difícil para a nossa Academia.

Que uma calorosa manifestação de respeito e admiração para com D. Manuela Cancio Reis e um grande abraço de muita amisade a Francisco Filipe dos Reis e Pereira Gomes seja o testemunho inolvidável do nosso profundo reconhecimento para todos os componentes do Grupo Dramático de Alhandra.

21

A revista "Carnaval"

Já realizado no Teatro Salvador Marques, em Alhandra, a primeira representação da revista «Carnaval», ansiosamente esperada e cujo exito com primeiro aguardamos.

A espectativa carinhosa, como se aguarda a apresentação da revista, tem um significado que deve satisfazer autores, interpretes e colaboradores.

Significa interesse por coisas de teatro. Apreço e simpatia por quem tão inteligentemente sabe pôr o seu valor ao serviço do meio colectivo local.

Francisco Filipe dos Reis, um valor marcante no meio alhandrense, é sobejamente conhecido.

Pelo a sua personalidade com [illegible] fe que muitas vezes não são [illegible] é tarefa desnecessária.

A [illegible] sempre agrada.

S. Ex.ª conhecemos muito bem e sabeis apreciar com isenção as nossas modestas palavras nas devidas proporções.

As suas iniciativas sabe o povo apreciadas e dar-lhe o valor que elas merecem.

Negar pois valor a quem tão alto tem erguido o nome de Alhandra seria cometer uma injustiça.

Os alhandrenses devem render ao prestante cidadão, nas noites em que se representa a revista, as homenagens de agradecimento, testemunhando-lhe a sua simpatia, por quem tão abnegadamente tem trabalhado para a sua terra.

E, fazendo-o, pratica um acto de reconhecimento.

D. Manuela Cancio Reis e seu marido, o sr. Pereira Gomes, são valores que merecem que [illegible] para a vida.

Na [illegible] de valores novos na nossa terra a sua aparição deve ser olhada com simpatia.

Temos a dever de lhe darmos o nosso apoio, de estimularmos para prestimosas lavores.

Alhandra precisa de sair da monotonia [illegible] em que tem vivido. Precisa de ter motivos de alegria e de [illegible] o seu valor.

Sejam bem-vindos todos aqueles que com a sua inteligencia e iniciativa algo fazem para o seu progresso.

E saber se reconhecer esse objectivo é uma virtude que terá motivos para lavrores.

20

Teatro Salvador Marques

ALHANDRA

Sabado, 18 e Domingo 19 de Maio de 1935

— ÀS 22.30 HORAS —

TEM A HONRA DE APRESENTAR

A REVISTA EM 1 PRÓLOGO E 2 ACTOS

CARNAVAL

ORIGINAL DE Manuela Cancio Reis, Francisco Filipe dos Reis e J. S. Pereira Gomes

MUSICA DE

Manuela Cancio Reis e Francisco Filipe dos Reis

VERSOS DE

Manuela Cancio Reis

Decompanhada por distintos amadores de Lisboa e Alhandra e ainda por um grupo de gentes manicas desta vila

26 NUMEROS DE MUSICA

Orquestra composta por elementos da Sociedade E. Alhandrense e de Lisboa sob a regencia de FRANCISCO FILIPE DOS REIS

19

MENSAGEIRO DO RIBATEJO
NOTAVEL VILA FRANCA DE XIRA
Director, editor e proprietario
J. NEVES DE CARVALHO
Redacção e administração
Rua do Pinheiro—BENAVENTE
Toda a correspondencia deve ser enviada ao director
R. Primeiro de Dezembro, 30 — VILA FRANCA DE XIRA
27 de Fevereiro de 1938
Composição e impressão
Tipogr. Fernando A. Faria, Ltd.
Telefone 43
VILA FRANCA DE XIRA

O sr. Pereira Gomes

um dos autores do "Sonho ao Luar"

faz-nos declarações sobre esta revista

Ha muito que acariciavamos a ideia de dar a conhecer aos leitores do «Mensageiro do Ribatejo» alguns pormenores da nova revista de assuntos locais cuja «première» se anuncia para breve.

Demorámos propositadamente a satisfação desse desejo, deixando uma espectativa natural, gosando os efeitos da curiosidade.

A oportunidade depara-se-nos para confiar as impressões colhidas, conscienciosamente reveladas, numa isenção de espirito que se regista.

Pereira Gomes, animador de algumas iniciativas locais, um dos autores da nova revista, era a pessoa indicada para nos ilucidar sobre o assunto.

Das afirmações, dos resultados que se auteveem, fará o leitor o necessario juizo, abreciando serenamente os esforços daqueles que procuram, alheios a todas as adversidades ou criticas mordazes, o meio de trabalharem, produzindo alguma coisa de util, na satisfação do dever cumprido.

Saibamos sempre destrinçar o bem do mal, porque dos processos perniciosos deste nada resultam.

E, amavelmente, o sr. Pereira Gomes diz-nos que a revista foi escrita em colaboração com sua esposa, a sr.ª D. Manuela Cancio Reis, intitulando-se «Sonho ao Luar» e compõe-se de 2 actos e 4 quadros, denominados «Luar de Janeiro», «No Jardim do Bairro Novo», «Os Encantos da Piscina» e «Cantigas ao S. João». Conta com 20 números de música de minha esposa, a saber: «Abertura do 1.º Acto», «O amor nos telhados», «Sonhos», «Canção do Pescador», «Pontos de turismo», «Bisbilhoteiras», «Canção da Mendiga», «Rapazes dos telhais», «O Toureiro e a Fama», «Abertura do 2.º Acto», «Tejo e Campina», «Nadadoras», «Farinha e Moleiros», «Borlas de pó de arroz», «Policias sinaleiros», «O team do Alhandra», «Os Bexigueiros», «Agonia do Fado», «Alcachofras», e «Cantigas ao S. João».

— Quanto a cenarios e guarda-roupa?

— Os cenarios são obra do já consagrado artista Augusto Bértolo. A execução do guarda-rouba, sob figurinos de minha esposa, está a cargo da sr.ª D. Aida dos Anjos Pereira, que, mais uma vez, se prestou gentilmente a este trabalho.

— Quanto a interpretes?

— O elenco de artistas é composto por Jovens de Alhandra, principalmente meninas com idades entre 6 e 20 anos. E os principais papeis estão a cargo dos apreciados amadores menina Amélia dos Anjos Pereira e srs. Eduardo de Sousa, Virgilio Gonçalves, Manuel Pereira e Armando Lucas.

— Como nasceu a ideia da revista?

— A ideia da revista nasceu de dois sentimentos diferentes: um, de estimulo, resultante do bom acolhimento dispensado à nossa colaboração na revista «Carnaval»; outro, de capricho, motivado pelo sceptiesismo com que alguns cérebros rudimentares recebem o trabalhodos «sem nome feito». Não fizemos obra para os anais do Teatro nem para chamar a nós popularidade e admiração, que não desejamos. Quizemos, apenas, ser uteis à nossa terra e se isto alcançarmos ficaremos satisfeitos.

A revista é financeada por nós, autores, que para a sua representação entramos em acôrdo com a direcção do teatro.

— Têm encontrado dificuldades?

— A principio houve muitas dificuldades de organização: vencer: falta de meninas, pois, para muitos pais, pisar um palco é cair em vergonha; falta de recinto para os ensaios, pois o teatro só nos foi cedido em Março; doenças, etc. Mas tudo se resolveu e, pelo esforço e entusiasmo de todos os artistas e colaboradores, a revista deve ir à cena por todo o corrente mês de Julho.

A receita líquida da revista destina-se às colectividades mais necessitadas de Alhandra, principalmente à Sociedade Euterpe Alhandrense, a quem pertencem os elementos da orquestra—pessoas dedicadas e sempre prontas a coadjuvar iniciativas em prol da sua terra.

Como a fechar a palestra, o sr. Pereira Gomes informa-nos que a sr.ª D. Manuela Cancio Reis, sua digna esposa, regerá a orquestra.

Eis as impressões que colhemos e que fielmente damos aos leitores.

Os intuitos que norteiam os autores da revista devem causar bôa impressão. Procuram servir Alhandra, fazendo «teatro», apresentando um obra de moldes correctos, de inspiração educativa e, ao mesmo tempo, altruista.

Que se compreenda essas aspirações, integrando-as no espirito do público, como bálsamo compensador de tantas outras iniciativas que morrem à nascença, torpedeadas, criando-lhes dificuldades não impossiveis de demover mas que os espiritos, por mais tacanhos que sejam, compreendem os fins que vizam.

A verdade nem sempre se pode dizer mas prestemos culto aqueles que a interpretam da melhor maneira.

José Patricio da Costa

214

Na "Festa do Riso"

efectuada no Eden-Teatro, em Lisboa, em benefício da Colónia Infantil do jornal "O Seculo",

a primeira parte foi preenchida pela revista "Sonho ao Luar"

Na quinta-feira última, no Eden-Teatro, em Lisboa, promovida pelo Jornal «O Século», realizou-se uma interessantíssima festa, a favor da Colónia Balnear Infantil, que aquele jornal mantem todos os anos.

A primeira parte da festa foi preenchida pela apresentação da revista em 2 actos e 4 quadros «Sonho ao Luar», da autoria dos alhandrenses sr.º D. Manuela Cancio Reis e de seu marido o nosso amigo sr. Pereira Gomes, que precedeu a representação da peça com uma curta palestra onde definiu o objectivo da sua colaboração na «Festa do Riso».

Do jornal «O Século», de sexta feira, com a devida vénia transcrevemos a apreciação feita ao «Sonho ao Luar», subscrita pelo sr. Cristovão Aires:

«A abrir o espectáculo, representou-se a revista em dois actos e quatro quadros «Sonho ao luar», com texto original do sr. J. Pereira Gomes e musica da distinta maestrina Manuela Cancio Reis, que foi simultaneamente a figurinista, marcadora coreográfica e cenógrafa dêsse interessante espectáculo, que teve um exito retumbante o ano passado, no Teatro Salvador Marques, em Alhandra, e que ontem, no palco do Eden-Teatro, justificou as confiantes credenciais que levaram o *Seculo* a constituir essa representação, como base no espectáculo por nós organisado a favor da Colónia Balnear de S. Pedro do Estoril.

A interessante revista, não obstante o seu sabor local, logrou agrado pleno num teatro da capital.

Pode dizer-se sem lisonja, que a sr.ª D. Manuela Cancio Reis organisou um espectáculo que se impõe pelo seu bom gosto, pela sua harmonia e pelo seu ritmo moderno.

Os vinte minutos de musica de sua autoria foram aplaudidos sem reservas e muito teriam sido bisados se não fosse escasso o tempo de que dispunhamos para tão longo programa, no qual estava ainda incluida a apresentação do macaco «Riette» e a sumula da revista fantasia o «Preto Mazalipatão».

E' difícil ao critico fazer vincadas citações num elenco tão vasto e tão distinto de exímios amadores dramáticos. Não queremos, no entanto, que passe sem uma nota de destaque o interessente trabalho do sr. Alexandre Reis nos papeis de «mendigo» e de «turista» e o das gentis meninas Helena de Carvalho, de seis anos de idade, que fez entre outras as encantadoras rabulas «Rapaz do Telhal» e «Vendedores de jornais». Carminda Gaspar é também uma prometedora «vedeta» de 9 anos, que se destacou nos papeis «Zé Miudo», «Canção da Mendiga» e «Borlas de Pó de Arroz»

Nos principais papeis destacaram-se as solistas meninas Vergília Leitão, Margarida da Conceição Luz, Maria Adelaide Ferreira, Gilberta Moraes, Natércia dos Anjos Pereira e Joaquina Ferreira, e em papeis principais as meninas Amélia dos Anjos Pereira, Gilberta Morato, Maria Virginia Leitão, Maria Adelaide Ferreira, além de outras que a escassês do espaço nos inibe de citar.

Uma das notas mais interessantes da «matinée» de ontem foi dada por D. Manuela Cancio Reis, dirigindo rigorosamente, e a primor, a orquestra que interpretava os seus deliciosos números de música.

A jovem maestrina demonstrou todas as qualidades precisas para trabalhos de futuro, a sério, no nosso teatro musicado.

Os quadros: «Luar de Janeiro», «No jardim do Bairro Novo», «Os encantos da piscina» e «Cantigas do S. João» foram largamente valorisados pelos cenários do Eden Teatro

E' de esperar que a interessante revista de Alhandra volte a exibir-se em qualquer palco da capital.»

A autores e interpretes, que tão bem souberam honrar o bom nome de Alhandra, os nossos parabens.

26

COPLAS DA REVISTA

"Sonho ao Luar"

DA AUTORIA DE:

MANUELA CANCIO REIS

E

JOAQUIM S. PEREIRA GOMES

ALHANDRA — 1937

Club Desportivo
da
Fábrica "Cimento Tejo"

"Sonhos são um mundo de esperança,
Em que a vida não cança,
Longe da realidade.
Vida, é um sonho incessante,
Que busca a cada instante
A eterna felicidade."

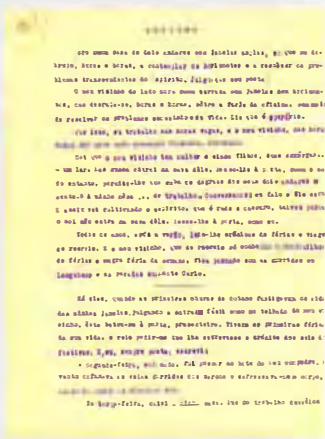
Coplas da Revista "Sonha ao Luar", 1937,
da autoria de Manuela Câncio Reis e Joaquim S. Pereira Gomes

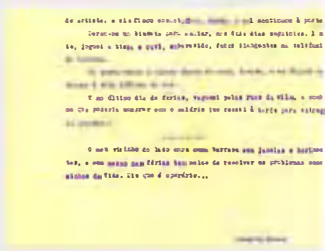
O Diabo
CRONICA
O REALISMO

25) Exmo. Snr. Joaquim Soeiro Pereira Gomes e Exma. Esposa / Club Desportivo da Cimento-Tejo; José Baptista Sousa Lôbo. - Alhandra : [s.n.], 23 Mar. 1938. - 1 carta : 1 fl. ; 27,2 x 21,6 cm
Carta de agradecimento pela colaboração na organização do 1º Serão de Arte do Club Desportivo da Cimento-Tejo e também aos intérpretes da revista "Sonho ao luar"
MNR A2/6.2.2

26) Na "Festa do Riso" efectuada no Eden-Teatro, em Lisboa, em benefício da Colónia infantil do jornal "O Século", a primeira parte foi preenchida pela revista "Sonho ao luar"
In: "O Mensageiro do Ribatejo". - A. IX, nº 401 (27 Fev. 1938), p.1
BMVFX

O Diabo
CRONICA
PEREIRA GOMES





27) [Soeiro montado a cavalo]. - V. F. Xira : MNR, 2009. - Ampl. fot.: p&b
Num dos passeios a cavalo que o casal fazia pelos montes perto de Alhandra (Sobralinho?), c. 1931?
MNR F

28) O Capataz / J S Pereira Gomes. - [Alhandra] , 30 Dez. 1935. - Cópia dact. c/ ems. ms. : 3 fl.; 26,7 x 22,2 cm
Assinatura e datação manusc. pelo autor. - Destinado a publicação n' "O Diabo", mas integralmente censurado (ver A2/6.2.1). - Publicado pela 1ª vez em "Refúgio perdido", 1950, Ed. SEN
MNR A2/2.4

29) Ex.mo Senhor Pereira Gomes / O Diabo; Rodrigues Lapa. - Lisboa : O Diabo, 19 Mai. 1936. - 1 carta: Orig. mst. : 1 fl. ; 27,6 x 21,7 cm
Carta timbrada, onde comunica a Soeiro que a novela "O capataz" foi censurada
MNR A2/6.2.1

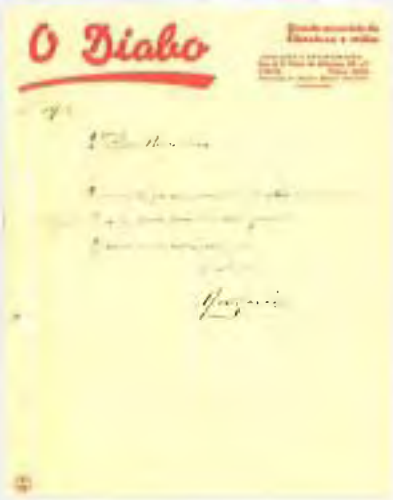
21

1935

O conto e a crónica constituem as primeiras experiências literárias de Soeiro que, através de narrativas curtas, ensaia a sua aproximação ao neo-realismo. O seu primeiro conto conhecido, e precursor, foi "O Capataz", texto desde logo censurado pela PIDE, em prova tipográfica, no jornal "O Diabo". 1939 foi o ano de duas Crónicas: "[As crianças da minha rua…]"; "[Moro numa casa de dois andares…]", das cinco publicações naquele jornal literário. Entre 1940 e 1943, conseguiu publicar também em alguns jornais regionais; ao invés, outras intenções de publicação, como a no "Sol Nascente", ficam por cumprir, pelo encerramento coercivo do periódico. Participa com "Um conto" na primeira colectânea neo-realista de "Contos e Poemas", impresso em 1942. Alguns outros escritos ficam inéditos, em vida, tendo apenas sido editados em 1950 no livro "Refúgio perdido".

28

29



"Moro numa casa de dois andares de janelas amplas,
em que me debruço, horas e horas,
a contemplar os horizontes e a resolver os problemas transcendentes do Espírito.
Julgo que sou poeta.
O meu vizinho do lado mora numa barraca sem janelas nem horizontes,
mas debruça-se, horas e horas, sobre a forja da oficina,
sem meios de resolver os problemas comezinhos da vida.
Diz que é operário."

Crónica. Publicada em "O Diabo" a 4 de Novembro de 1939.

30) Crónica [As crianças da minha rua..] / Pereira Gomes. - V. F. Xira : MNR, 2009. - Ampl. fot.: color.; 65,6 x 43,7 cm
Ampl. a partir do original de "O Diabo", A. VI, nº 255, 12 Agosto 1939, p. 4, existente no Espólio literário de Soeiro Pereira Gomes (A2/2.5) . - 1ª colaboração de S. Pereira Gomes n' "O Diabo"
MNR F

31) Crónica [Moro numa casa de dois andares...] / Pereira Gomes. - V. F. Xira : MNR, 2009. - Ampl. fot.: color.
Ampl. a partir do orig. dact. existente no Espólio literário de Soeiro Pereira Gomes (A2/2.6/A)
Publicado n' "O Diabo", nº 267, 4 Nov. 1939, p. 8
MNR F

Crónica [Moro numa casa de dois andares...] / Pereira Gomes. - V. F. Xira : MNR, 2009. - Ampl. fot.: color.
Ampl. a partir do orig. imp. ("O Diabo", nº 267, 4 Nov. 1939, p. 8) existente no Espólio literário de Soeiro Pereira Gomes (A2/2.6/B)
MNR F

32) [Soeiro lendo numa cadeira de lona]. - V. F. Xira : MNR, 2009. - Ampl. fot.: p&b.; 250 x 100 cm
Reprod. do orig. de c. 1935-1944 (Espólio literário de S. P. Gomes, A2/8.13)
Na "Quintinha", Qtª do Álamo, S. João dos Montes, propriedade da avó de Manuela Câncio Reis, chamada habitualmente de "Qtª da viúva Câncio"
MNR F

33) Amigo e camarada / Sol Nascente; Breda Simões. - V. F. Xira : MNR, 2009. - Ampl. fot.: color. ; 57 x 20 cm
Ampl. a partir da carta orig. de 14 Fev. de 1940 (Espólio literário de Soeiro Pereira Gomes, A2/6.2.6). - Sobre a aceitação do cargo de delegado da revista 'Sol Nascente' e a eventual publicação de um conto de Soeiro
MNR F

34) Crónica [Eu e êle - companheiros de um dia...] / Pereira Gomes. - [Alhandra] : [s.n.], Jul. 1940. - Cópia dact. c/ ems. ms. : 2 fl. ; 27,4 x 21,6 cm
Pub. n' "O Diabo", nº 315, 5 Out. 1940, p. 5. - Com algumas diferenças no 2º parágrafo
MNR A2/2.8

35) Meu caro Amigo / O Diabo; F. P.[Fernando Piteira] Santos. - Lisboa : [s.n.], [Set.-Dez. 1940]. - Carta: Orig. mst. : 1 fl. ; 29 x 21,6 cm
Carta timbrada de "O Diabo". - Sobre a publicação (e eventual censura) de uma Crónica/conto de Soeiro (talvez a de 5 Out. de 1940)
MNR A2/6.2.10

36) Coisas quási inacreditáveis / J S Pereira Gomes. - Alhandra : [s.n.], 1940. - Orig. dact. c/ ems. ms.: 9 fl. ; 27,8 x 21,8 cm
Orig. de "Um conto" pub. em "Contos e poemas", org. C. A. Lança e F. J. Tenreiro, 1942, e em "Leitura: Crítica e informação bibliográfica", A. III, nº 35, Rio de Janeiro, Nov. 1945, p.11-13
MNR A2/2.10/B

37) Um conto / Soeiro Pereira Gomes
In: Contos e poemas : de autores modernos portugueses / Org. e ed. por Carlos Alberto Lança e Francisco José Tenreiro. - [1ª ed.]. - Lisboa : C. A. Lança, F. J. Tenreiro, (imp. 1942). - p. 31-40
MNR Bib. A. Cabral

38) [Tinteiro de secretária]. - [S.l. : s.n.], [193?]. - Conj. composto por : Base em pedra preta suportada por 4 pés c/ 2 tinteiros em vidro e tampa de prata, suporte metálico p/ mata-borrão e cabo de pena ; 17,7 x 15 x 12,4 cm (base+suporte), 5,5 x 3,2 cm (tinteiros), 18,6 x Ø 0,9 cm (cabo de pena)
Pertencente a S. P. Gomes
M. de Alhandra-C. Dr. S. Martins

sol nascente

Coimbra
14
2
40

Amigo e camarada:

Desculpe só hoje dar resposta à sua carta de 23 de Janeiro, mas uma gripe foi a causa da demora. Obrigado por aceitar o cargo de delegado do "Sol", nessa localidade. É favor enviar duas fotografias para lhe fazer o respectivo cartão.

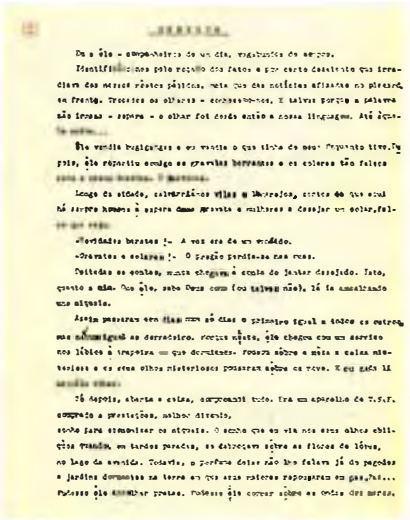
O seu conto agradou

vejamos se a censura o deixará publicar.

Quanto ao problema do expulsivo para fazer o projecto de que falei escrevemos já para o Porto a ver se conseguimos alguma coisa.

Cordiais saudações

Manuel B. Simões



Ele a ela - companheiros de um dia, vagabundos de amigos.

Identificaram-se pelo regalo dos factos e por certo desinteresse que ferediam dos mesmos pontos pálidos, nele que das notícias afixadas no pinaral, na frente. Trocaram os olhares - companheiros. E talvez porque a palavra não tivesse - espera - o olhar foi então a nossa linguagem. Até àquela noite...

Ele vendia bugigangas e ela vendia o que tinha de seu: corpo e vive. Por isso, ele repartiu comigo as gravatas berrantes e as colares são falsos com a cabeça inocente. E morreu.

Longe da cidade, calmerão-nos vilas e lugarejos, cheios de que anal há sempre homens à espera duma aventura e mulheres a cosinhar um salar, feito em casa.

«Verdades berrantes !» - A voz era de um moleque.

«Gravatas e colares !» - O grupo perdia-se nas ruas.

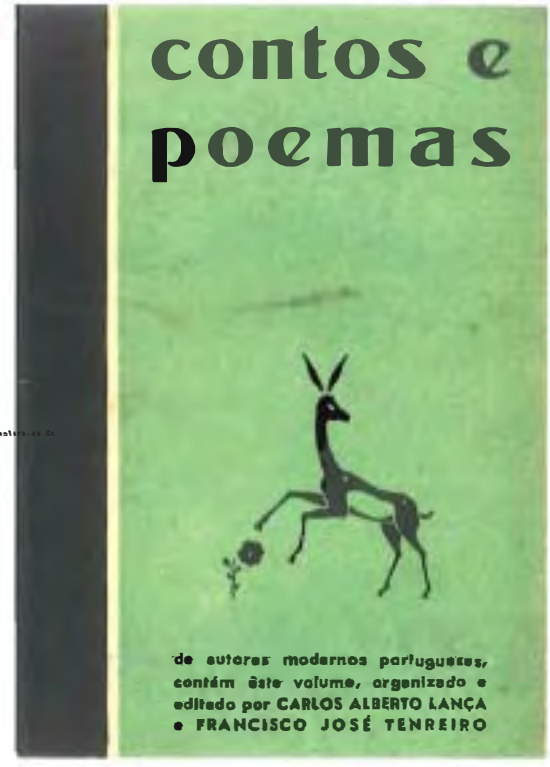
Faltavam as contas, muito chegava à conta do lucro desejado. Isto, quanto a eles. Ou ele, sabe Deus como (ou talvez não), já ia amealhando uns cêntimos.

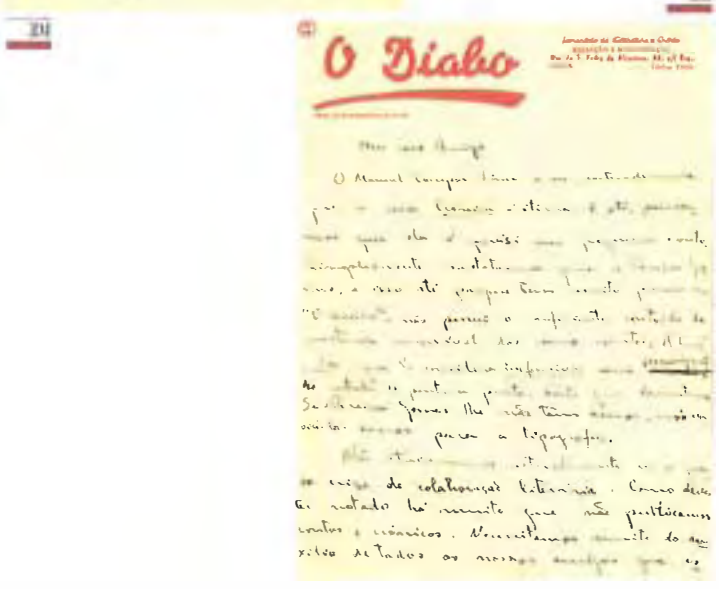
Assim passaram seis dias mas só dias o primeiro igual a todos os outros, mas diferente do derradeiro. Porque nesse, ele chegou com um sorriso nos lábios à trapeira em que dormitava: rompeu sobre a mãe e calou misterioso e as seus olhos misteriosos passaram sobre os seus. E eu quis ir

Só depois, aberta a caixa, compreendi tudo. Era um aparelho de T.S.F. comprado a prestações, melhor dizendo,

Nada fará esmorecer os atrasos. O sonho que se via nos seus olhos exigia grandes, em tardes paradas, as abelhas sobre as flores de lótus, no lago de amoldo. Todavia, o porteiro deixa não lhe falam já de pagados e jardins dormentes na terra em que eram raterar raparigas em gaz,fal... Palavras ele acumular pretos. Palavras ele correr sobre os ombros dos mortos.

a prisões. Alicantara-se de





CAPÍTULO I

- ORIGENS -

A construção de uma piscina em Alhandra, era, desde há muito tempo, uma grande aspiração dos seus habitantes desportistas, - aspiração utópica para uns, difícilmente realizável para outros.

É certo que o entusiasmo louvável de alguns moços, encorajou-os a tentar e adaptação da charca que agora se denomina piscina. Certo é também, que, mercê dessa atitude, conseguiram êles efectuar, uma das vezes até com o concurso do um Club de Lisboa, provas de natação.

A charca, porém, continuou sendo charca, embora a boa vontade de uns, os levasse a chamar-lhe piscina, e a maldade de outros a apodasse de piscina de lôdo.

A falta de iniciativa e a ausência de uma entidade arrojada e orientadora, não permitiu que fossa por diante então, a visão inteligente dêsses moços, à frente dos quais é de justiça destacar Alfredo Penicho.

Em meados de Maio do ano corrente, Joaquim Bastos Pereira Gomes e Manuel Neto, depois de visitarem a charca que é primeiro descobriram, resolveram iniciar, particularmente, a construção da piscina, ou, mais precisamente, realizar na charca os trabalhos indispensáveis para que ela pudesse, ao menos os sócios do Alhandra Sporting Club, praticar natação e efectuar provas.

Para isso, contavam apenas com o seu entusiasmo, as suas modestíssimas bolsas e a boa-vontade de alguns rapazes, - os primeiros que deram o seu auxílio para a construção da piscina, e cujos nomes aqui ficam, por espírito de reconhecimento. São êles:

Alfredo Penicho, João Borges, Jofre de Carvalho, Manuel Soares Fernando Inácio, Francisco Lucinda, Artur de Sousa, Avelino Ferreira, José Julio, Joaquim Esteves, Simplício da Silva, José Paixão, [illegible]

A charca era então um depósito de água estagnada e limosa, com margens irregulares e sinuosas, principalmente a do lado sul, cobertas de junça, ervas e limos.

Examinadas as suas condições naturais para a obra em vista, Pereira Gomes e Manuel Neto, assentaram na primeira série de trabalhos: Limpeza do canal de comunicação com o Tejo; construção de dois bacheões: um junto à charca, outro no ponto de ligação do canal com o canal de cintura dos terrenos anexos; limpeza e rectificação da margem norte e, tanto quanto possível, da margem sul. Ficava para resolução posterior, o arranjo dos tôpos e a balizagem do meio da charca.

Uns dias antes do começo das obras, Ernesto Calamba ofereceu-se para acompanhar a iniciativa. E assim ficou constituída, pelas três pessoas citadas, a Direcção da Piscina, impròpriamente chamada Comissão, por razões que adiante apontamos.

- INÍCIO (Valagem) -

Foi no dia 16 de Junho que se deu início aos primeiros trabalhos. Antes, tinha-se obtido autorização dos rendeiros dos terrenos a que pertence a charca, - Srs. Manuel César Rodrigues e João Inácio, cuja boa-vontade e amáveis protestos sempre gratamente contamos.

Um grupo de 8 rapazes foi à limpeza do canal, e começou a construir um dos bacheões. Custou êste primeiro trabalho, aos 67$60,

---

NÚMERO UM

O Alhandra

JORNAL COMEMORATIVO

Redacção e Administração Alhandra

CONCEITOS

Fundou um club desportivo, é creou uma escola onde a mocidade se torne robusta, decidida e forte;

Auxiliou-lo, é ter a verdadeira noção da obra social que, uma agremiação desta natureza, representa;

Dirigiu-lo, é sacrifício mal compreendido por muitos, mas digno de reconhecimento por aqueles que compreendem a grande elevação de tal sacrifício;

Incutir, em todos os associados - dirigentes ou não - um moral elevado, é saber educar e encaminhar a sociedade para um aperfeiçoamento que muito acrescente os fastos;

Afastar todos os associados - dirigentes ou não - da baixa vaidade que compromete e envergonha, é cha-vinista, que só merece louvores e deve ser aplaudido por todos os que desejam o engrandecimento moral e físico da Gente Portuguesa.

Expostos êstes conceitos que me parecem oportunos, apresento aos Fundadores, Dirigentes e Associados do Alhandra Sporting Club, sinceras felicitações, neste dia de aniversário, que a todos os Alhandrenses, tão bonitos triunfos alcançados, que honrem tanto conquistaram para Alhandra.

Alhandra, 1 de Dezembro de 1941.

Francisco Filipe da Fé

POVO DE ALHANDRA

[illegible]

Mas a ideia, mesmo as mais belas, teem que ter um fim.

Chegou, portanto, a hora de nos dirigirmos abertamente à população da nossa terra, pedindo-lhe que nos ajude. Não pedimos dádiva gratuita, como muitas vezes se tem feito, ajudando para o bem-estar de todos os Alhandrenses. Queremos apenas pedir um empréstimo, variável com as possibilidades de cada um.

Dentro de breves dias, iremos pedir a cada pessoa, que concorra com uma quantia não inferior a dez escudos, e, em troca, receberá um ou mais títulos de declaração de dívida, devidamente legalizados, tendo cada um o valor de 10 escudos. Estes títulos serão anualmente sorteados um número mínimo de 50, e assim, ano a ano, toda a gente será reembolsada do seu dinheiro, garantido pelo rendimento da piscina, tanto mais que será nomeada uma comissão fiscalizadora. O favor que nos prestam,

recebimento de juros. Em compensação, damos a nossa terra uma obra admirável, que, [illegible] pelo lado turístico, [illegible] de Alhandra.

Para a realização das duas projectadas, temos já presente o auxílio da Ex.ma Direcção da Companhia "Ernesto Tejo" do grande benemérito Ex.mo Sr. Henrique de Bessone, Tenente e Ex.mo Sr. Governador Civil do Distrito de Lisboa, obtendo a nossa iniciativa e reconhecendo-lhe valor social, deu-nos a honra de subscrever a garantia de dois mil escudos mensais. Outros auxílios nos estão também prometidos.

Ao indeferimento! Nenhum mais um vez o poder da solidariedade ao serviço de nossa terra, acolhendo com alegria o empréstimo que nos pedir!

Se assim for, dentro de poucos meses a piscina estará de vez acabada e pronta de lôdo, para ser vistoriadamente a obra de todos nós - **a Piscina de Alhandra!**

16 de Março de 1938

A Direcção do Alhandra Sporting Club

- A PISCINA DE ALHANDRA -

Uma charca, um tanque, uma piscina - uma ideia, um esforço, uma vontade - eis, em síntese, a história da Piscina de Alhandra.

Três fases - três anos de trabalho tenaz e persistente.

A CHARCA

Construir uma piscina em Alhandra, era, desde há muito tempo, aspiração dos desportistas locais - aspiração quimérica para alguns, dificilmente realizável para muitos.

É certo que o entusiasmo louvável de um grupo de rapazes levou-os a tentar a adaptação da Charca da Hortinha, e que permitiu efectuar, uma das vezes até com o concurso de um club lisboeta, provas de natação. A charca, porém, continuou sendo charca.

Decorreram anos. Inesperadamente, em 1936, uma comissão propôs-se fazer os trabalhos preliminares. Era a ideia latente a esbraçar vitalidade no espírito de meia dúzia de sócios de Alhandra Sporting Club.

Começaram os trabalhos em 16 de Junho, com falta de dinheiro e entusiasmo de sobra, e, dois mêses depois, estava concluída a adaptação da charca.

Efectuou-se, então, o primeiro festival de natação, a que assistiu mais de um milhar de pessoas. Vieram clubs de Lisboa: Sport [illegible] e Benfica, primeira; Sporting a Adicense, depositando [illegible] confiança que depositam em ela e [illegible] e a charca de então era já dentro de diversão de rapazes e raparigas, estuantes de vida e alegria.

Ao lado da obra da piscina, outra obra se desenvolvia lenta, insensivelmente: a remoção de convencionalismos e falsos conceitos morais sôbre a juventude e o desporto.

Passaram mais dois anos. A ideia da piscina ia tomando vulto, frutificando. Os donativos e as festas, das quais é interessante destacar uma gimkana de automóveis - a primeira em Alhandra - pormi

Dos tempos de Coimbra vinha o gosto
pelos desportos e pela natação.
Debruçado na janela de sua casa
vendo os miúdos dos telhais nadarem
suja e perigosamente nos esteiros,
veio a ideia: "Falta aqui uma piscina".
Com um esforço e uma vontade colectivos,
com a paixão e o empenho constante de Soeiro,
desde 1935 a 1941, foi possível,
a concretização de um sonho:
a charca da Hortinha no Telhal dos Canários,
transformou-se numa verdadeira piscina,
para os 'seus' meninos;
um dos quais, Baptista Pereira, o Ginoto,
que foi campeão de natação.

"À hora de almoço, engolido o último naco de pão, os moços foram tomar banho.
Era um magote de corpos nus, glabros, brilhando ao sol.
Magros todos eles, andaram a mostrar os ossos pela beira dos esteiros,
em correrias e brincadeiras;
depois deram um primeiro mergulho para limpar o suor.
Gineto nadou até à boca do esteiro desafiando rivais;
e logo outros braços agitaram a água, que ficou turva e viscosa.
Os novatos, que tinham vindo dos montes,
animaram a corrida com gritos e palmas. Guedelhas incitou-os:
– Andem tomar banho, patos bravos. A auga tá tão boa!
– A gente nã sabe nadar...
– Eu ensino, pá."

Esteiros, Verão.

39) [Soeiro na construção da piscina do Alhandra Sporting Club]. - V. F. Xira : MNR, 2009. - Ampl. fot.: sépia ; 160 x 110 cm
Ampl. a partir do orig. não datado, relativo ao periodo da construção da piscina: 1935-1938 (Espólio literário de Soeiro Pereira Gomes, A2/8.12). - Do Rio Tejo passou-se para a "charca" da Hortinha (como na altura lhe chamavam), para mais tarde passar a ser designada por "Piscina do Senhor Reis", em homenagem a Francisco Filipe dos Reis, pai de Manuela Câncio Reis. Soeiro Pereira Gomes que foi um dos grandes impulsionadores da Piscina e esteve na base dessa iniciativa, a qual é finalmente Inaugurada com um grandioso festival de natação, no dia 7 de Agosto de 1936 (época em que se começa a movimentar em força a natação portuguesa), embora não estivesse totalmente concluída: faltava a estrutura de ferro e cimento, a qual foi concluída em 1938
MNR F

40) Relatório da Comissão da Piscina do Alhandra Sporting Club - Ano 1935 / Joaquim Soeiro Pereira Gomes. - Alhandra, 23 Nov. 1935. - Cópia dact. c/ ems. ms.: 8 fl. ; 26,8 x 21 cm
Assinado e rubricado por S. P. Gomes . - Também constitui a memória da fundação da Piscina do Alhandra, para além do relatório do processo da sua construção
MNR A2/5.1

41) Povo de Alhandra / Direcção do Alhandra Sporting Club, Comissão Autónoma da Piscina. - [Alhandra] : (Tipografia Progresso, 31 Mar. 1938). - Cartaz ; 38,5 x 21,9 cm
Apelo à contribuição do povo alhandrense escrito por S. P. Gomes para a aquisição de titulos reembolsáveis para se poderem efectuar as obras de conclusão da piscina
MNR A2/9.72

42) A piscina de Alhandra / [Soeiro Pereira Gomes]. - Alhandra, Nov. 1938. - Cópia dact. c/ acres. ms.: 3 fl. ; 27 x 21,1 cm
Artigo pub. na "Vida Ribatejana" em 1938. - Republicado n' "O Alhandra" em 1941
MNR A2/4.1/A

43) A piscina de Alhandra / J. S. Pereira Gomes In: "O Alhandra". - Nº único (1 Dez. 1941), p. 2
Nº comemorativo do XX aniversário do Alhandra Sporting Club
MNR A2/4.1/B

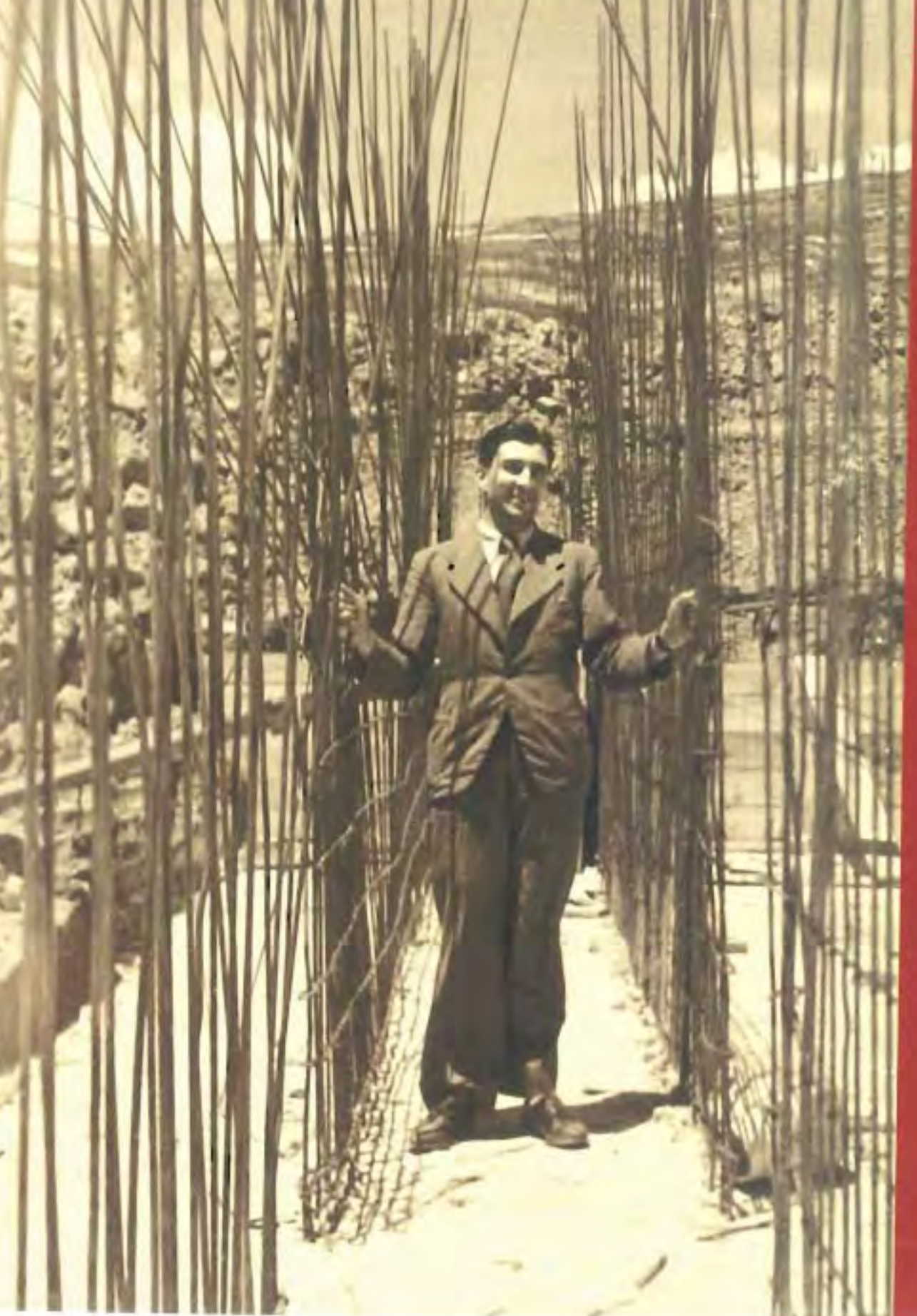
44) [Grupo na construção da Piscina do ASC, Soeiro encontra-se sentado junto à escada]. - [S.l. : s.n.], [1935]. - 1 ampl. fot.: sépia
Ampl. de orig. do Museu de Alhandra-C. Dr. Sousa Martins (MA R-92-2809)
MNR F

[Soeiro e outros na construção da Piscina do ASC]. - [S.l. : s.n.], [1937]. - 1 ampl. fot.: sépia
Ampl. de orig. do Museu de Alhandra-C. Dr. Sousa Martins (MA R-92-2829). - Soeiro encontra-se junto a outros no fundo da piscina (em pé e de chapéu) alisando o terreno. - Última fase da construção da piscina
MNR F

[Soeiro (de pé, tomando notas) junto a grupo na armação do ferro no fundo da piscina]. - [S.l. : s.n.], [1938]. - 1 ampl. fot.: sépia
Ampl. de orig. do Museu de Alhandra-C. Dr. Sousa Martins (MA R-92-2790). - Última fase da construção da piscina
MNR F

45) [Vista aérea de Alhandra]. - V. F. Xira : MNR, 2009. - Ampl. fot.: p&b
Vêem-se os "Esteiros" em último plano. - A partir da reprod. do orig. dos anos 30 (séc. XX) do M. de Alhandra - C. Dr. S. Martins (MA R-92-171-4)
MNR F

[Habitação de Soeiro em Alhandra]. - V. F. Xira : MNR, 2009. - Ampl. fot.: color.
Casa situada na R. Augusto Marcelino Chamusco, nº 9, em Alhandra. - S. P. Gomes viveu no 1º andar deste prédio, de 1934 a 1938/9 e era de uma das janelas que avistava os telhais
MNR F



Da janela do 1º andar do nº 9
da rua Augusto Marcelino Chamusco,
onde habitava desde 1934, Soeiro observava
a labuta sazonal dos meninos nos Telhais.
Lentamente foi-se desenvolvendo nele,
a ideia de escrever uma narrativa
em que aqueles moços seriam os heróis,
até que num dia de *Inverno*,
em Janeiro de 1939, começou o romance.
Demorou mais de dois anos a completá-lo,
entre múltiplos afazeres profissionais,
cívicos e políticos a que se dedicava com fervor.
No *Verão* de 1940, em Agosto, publicou
no jornal "O Diabo", um excerto intitulando-o
"Vocação Perdida".
Em Maio do ano seguinte, na *Primavera*,
terminou o manuscrito dos "Esteiros".
A 1ª edição foi publicada no *Outono* de 1941,
em Novembro, pelas Edições Sirius,
com desenhos da capa e ilustrações
de Álvaro Cunhal, e recebendo desde logo
críticas muito positivas,
levando a uma reedição passados uns meses.

1940

46) [Grupo de jovens nos telhais]. - V. F. Xira : MNR, 2009. - Ampl. fot.: p&b
Escavando a lama e transportando-a numa padiola para o fabrico do tijolo. - Avista-se ao fundo a casa de S. P. Gomes. - Ampl. do orig. do M. de Alhandra - C. Dr. S. Martins (MA R-92-147)
MNR F

[Processo de fabrico do tijolo]. - V. F. Xira : MNR, 2009. - Ampl. fot.: p&b
Fases do fabrico: colocação do barro no engenho (que funcionava também como prensa) e corte do tijolo; transporte do tijolo em carro de mão para secagem e cozedura no forno; ao fundo, vêem-se os armazéns de secagem e fornos. - Ampl. do orig. do M. de Alhandra - C. Dr. S. Martins (MA R-92-139)
MNR F

[Junto ao forno, transportando os tijolos após a cozedura]. - V. F. Xira : MNR, 2009. - Ampl. fot.: p&b
Ampl. do orig. do M. de Alhandra - C. Dr. S. Martins (MA R-92-151)
MNR F

47) [Soeiro Pereira Gomes]. - V. F. Xira : MNR, 2009. - Ampl. fot.: p&b ; 70 x 50 cm
Ampl. (tratada) da reprod. do M. de Alhandra - C. Dr. S. Martins (MA R-93-6983) . - Data do orig. : início dos anos 40 (séc. XX)
MNR F

48) Vocação Perdida : Trecho do romance «Esteiros», de Pereira Gomes
In: "O Diabo". - A. VII, nº 307 (10 Agosto 1940), p. 2
Trecho incompleto do 2º capítulo de "Primavera" (3ª parte de "Esteiros")
MNR A2/2.1/A

49) Para os filhos dos homens que nunca foram meninos, escrevi este livro. ; Esteiros. Minúsculos canais, como dedos de mão espalmada, abertos na margem do Tejo. Dedos das mãos avaras dos telhais, que roubam nateiro às águas e vigôres à malta. Mãos de lama, que só o rio afaga. / Joaquim P. Gomes. - V. F. Xira : MNR, 2009. - Ampl. fot.
Ampl. da "Dedicatória" e "Epígrafe" do orig. ms. de "Esteiros", Espólio literário de S. P. Gomes, A2/2.1/C, p. 2
MNR F

Illustration pour "Esteiros" / Boris Taslitzky. - V. F. Xira : MNR, 2009. - Ampl. fot.: sépia
Reprod. da ilustração p/ "Esteiros", traduzido por Violante do Canto e pub. em "Lettres Françaises", A. 10, nº 327 (7 Set. 1950), anexo ao excerto do romance
MNR F

50) Esteiros ...: Para os filhos dos homens que nunca foram meninos, escrevi este livro / [Soeiro Pereira Gomes]. - [Alhandra], Out. 1940 - Mai. 1941. - Orig. ms. a grafite: [6], 101 fl.; 22,9 x 17,5 cm
MNR A2/2.1/B

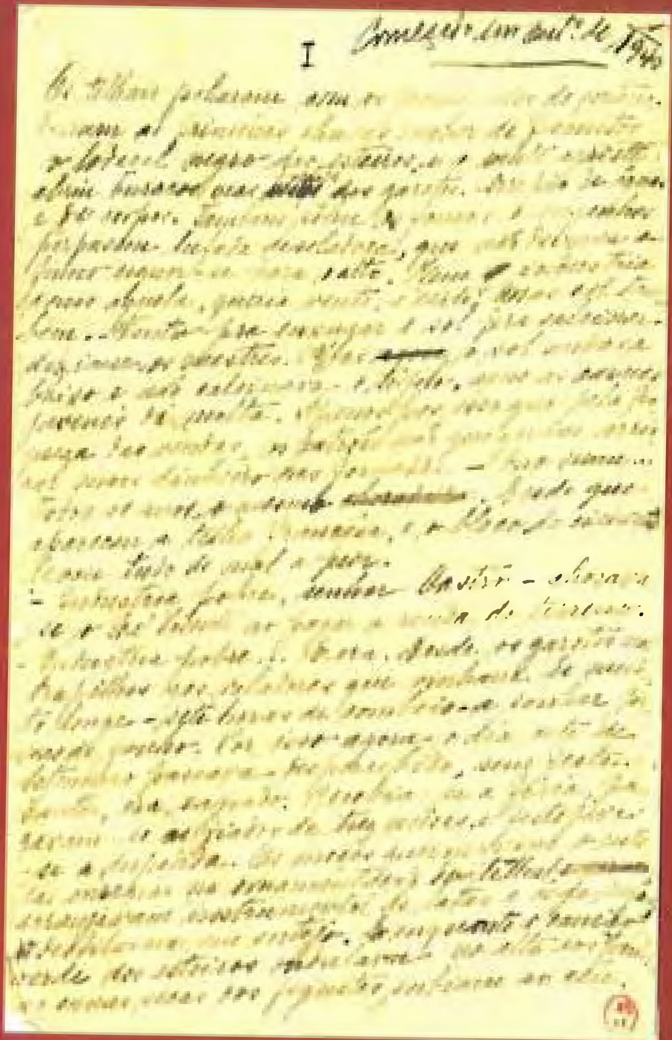
51) Esteiros / Joaquim Pereira Gomes. - [Alhandra, Mai-Ag. 1941]. - Orig. dact. c/ ems. ms.: 78 fl. ; 27,7 x 21,6 cm
Versão com muitas emendas, cortes e alterações, a grafite e a lápis azul e vermelho. - 1ª edição: 1941
MNR A2/2.1/C

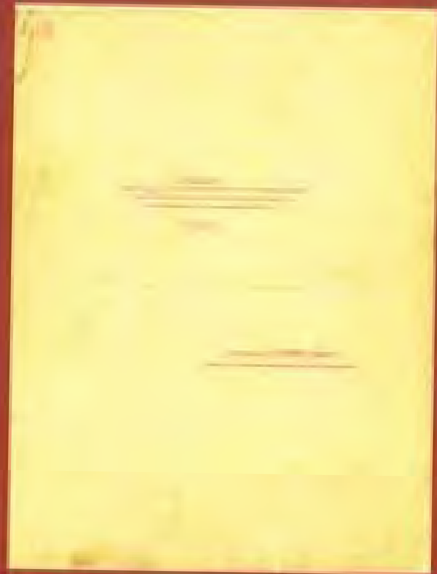
Esteiros / Soeiro Pereira Gomes. - V. F. Xira : MNR, 2009. - Ampl. fot.: p&b ;
Ampl. do 4º fl. (ftª) do orig. dact., [Mai.-Ag.? 1941] (Espólio literário de S. P. Gomes, A2/2.1/C)
MNR F

Página dois — O Diário

VOCAÇÃO PERDIDA

Trecho do romance «Esteiros», de Pereira Gomes





EDIÇÕES SIRIUS

RUA NOVA DO ALMADA, 59, 1.º / LISBOA - PORTUGAL / TELEFONE 2 6323

EDIÇÕES SIRIUS

NOVELA
ROMA[illegible]
CONTOS
ENSAIOS

Lisboa- 11 de Agosto de 1941

[illegible] Senhor João Pereira Gomes:

Depois da leitura do vosso romance "ESTEIROS", desejamos em fazer a sua publicação, para o que vos propomos o seguinte:

I

[illegible]

II

A Edição não poderá ser posta à venda antes de [illegible]

III

[illegible]

IV

Edições Sirius entregará ao Autor, no momento de a referida obra ser posta à venda, a quantia de 1.000$00 (MIL ESCUDOS).

O Autor receberá, além disso, a percentagem de 10% sôbre o preço de capa. Essa percentagem só poderá ser liquidada, quando forem liquidadas as importâncias das vendas feitas pelos consignatários, a Edições Sirius.

Não sendo a presente, mais do que simples bases para negociações, aguardamos de V.Exª [illegible] resposta

Sem mais, somos com a mais elevada estima e consideração

Por EDIÇÕES SIRIUS

ILLUSTRATION POUR « ESTEIROS », PAR BORIS TASLITZKY.

52) Exmº Senhor Joaquim Pereira Gomes / Edições Sírius; Alexandre Babo. - Lisboa : Ed. Sírius, 11 Ag. 1941. - 1 fl. : orig. mst. ; 27,7 x 21,6 cm
Refere as condições de pub. de "Esteiros", 1ª ed., e de distribuição, inclusive no Brasil
MNR A2/6.2.11

53) Meu caro amigo / Alexandre Babo. - Lisboa, 19 Out. 1941. - Carta, 1 fl. : orig. ms. ; 17,5 x 25,4 (dob. em 2) cm
S/ a concepção da capa da 1ª ed. de "Esteiros", havendo alguma discordância. - Refª a Álvaro Cunhal
MNR A2/6.2.12

54) [Desenhos] / Álvaro Cunhal. - V. F. Xira : MNR, 2009. - Ampl. fot.: p&b ; 143 x 100 cm
Ampl. dos 4 desenhos (interior da obra) para a 1ª ed. (1941) e 2ª ed. (1942) de "Esteiros", Ed. Sírius. - Ilustram a pág. inicial das 4 partes da obra identificadas como "Outono" (p. 11), "Inverno" (p. 77), "Primavera" (p. 167), "Verão" (p. 225 e identificado no canto inferior esqº : XV). - Álvaro Cunhal é também o autor do desenho da capa
MNR F

55) Esteiros : romance / Soeiro Pereira Gomes. - [1ª ed.]. - Lisboa : Sirius, 1941. - 297, [4] p. : il. ; 20 cm. - (Romance ; 2)
Capa e desenhos de Álvaro Cunhal
(Brochado)
MNR GMS/Lit/2223

56) Ex.mo Sr. J. Soeiro Pereira Gomes / Edições Sírius; Aurélio Cruz (Gerente). – Lisboa, 13 Mai. 1942. - Carta, 1 fl. : orig. mst. ; 27,5 x 21,7 cm
S/ as condições da 2ª ed. de "Esteiros"
MNR A2/6.2.21

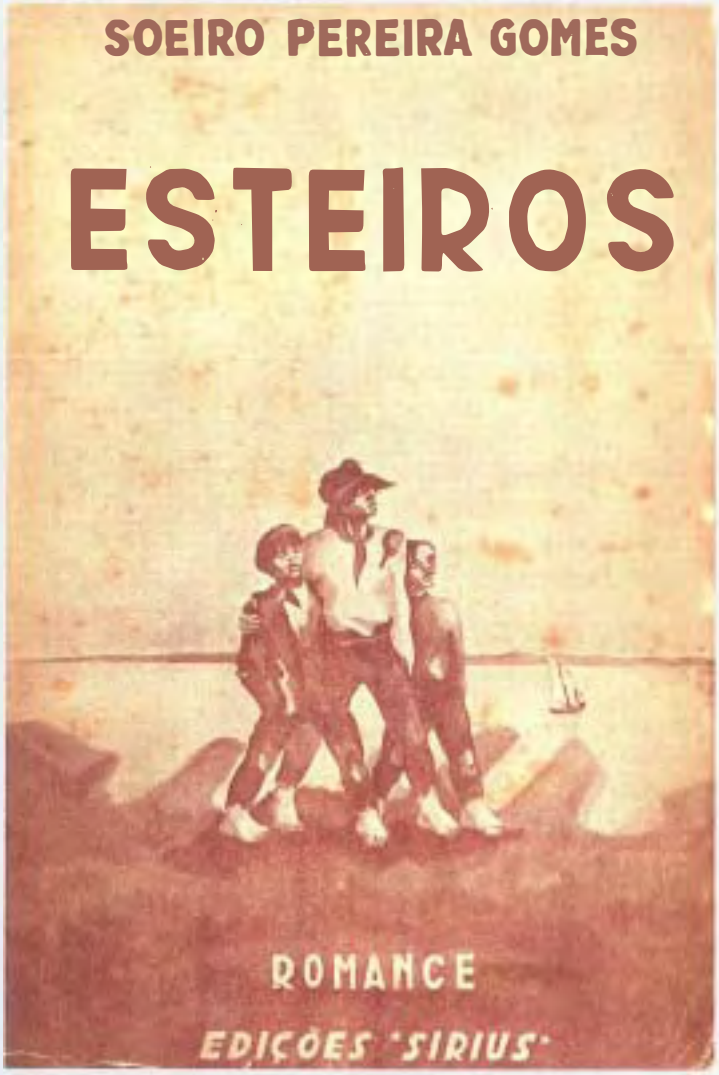
57) Esteiros : romance / Soeiro Pereira Gomes ; capa e desenhos de Álvaro Cunhal. - 2ª ed. - Lisboa : Sirius, 1942. - 297, [7] p.; 20 cm. - (Série Romance ; 2)
(Brochado)
MNR GMS/Lit/3118

[Esteiros] / Álvaro Cunhal. - V. F. Xira : MNR, 2009. - Ampl. fot.: color.
Ampl. da capa da 2ª ed. de "Esteiros", Ed. Sírius, 1942
MNR F

58) Esteiros : romance / Soeiro Pereira Gomes ; il. de Álvaro Cunhal. - 3ª ed. - Lisboa : Gleba (1946). - 297, [3] p. : 4 il. ; 20 cm. - (Romancistas de hoje ; 5)
Arranjo da capa baseado no desenho p/ o capítulo do Outono da autoria de Álvaro Cunhal
(Brochado)
MNR GMS/Lit/2411

59) Esteiros / Soeiro Pereira Gomes ; des. da capa de Sebastião Rodrigues. - 4ª ed. - Lisboa : Europa-América (1962). - 249, [3] p. ; 20 cm. - (Século XX ; 43)
(Brochado)
MNR GMS/Lit/751

[Esteiros] / Sebastião Rodrigues. - V. F. Xira : MNR, 2009. - Ampl. fot.: color.
Ampl. da capa da 4ª ed. de "Esteiros" das P. Europa-América, 1962
MNR F



55

56

EDIÇÕES SIRIUS

NOVELA
ROMANCE
CONTOS
ENSAIOS

EDIÇÕES SIRIUS

LARGO TRINDADE COELHO, 9-1.º LISBOA-PORTUGAL TELEFONE 28933

Lisboa,13 de Maio de 1943.

Ex.mo Sr.J.Soeiro Pereira Gomes

ALMANDRA

Do acôrdo com o que verbalmente ficou entre nós combinado,eu n/conversa de 6 do corrente,vimos apresentar-lhe por êste meio as condições em que será feita a 1.ª edição dos ESTEIROS.

1.º A edição será de 3.000 exemplares.

2.º A capa será executada a 3 côres,conforme o desenho.

3.º -O autor do livro receberá 15% sôbre o preço da capa,ou seja,ao milhar,o duzentos escudos(Esc.200$00) quando a edição for posta à venda,e 10% sôbre as liquidações feitas trimestralmente pelos n/consignatários,bem como sôbre a receita dos livros vendidos directamente.

a)Em face da situação internacional e depois de devidamente estudado o assunto,verificamos a impossibilidade de,no momento presente,promover a venda do livro no mercado brasileiro,razão por que temos de pôr de lado qualquer projecto nesse sentido.

4.º -A edição será anunciada nos jornais DIÁRIO DE LISBOA e PRIMEIRO DE JANEIRO,independentemente de propaganda a fazer na Feira do Livro,no catálogo da Casa e em fôlha avulsa,e bem assim em prospectos introduzidos nas obras por nós publicadas e nas que a EDITORIAL ORGANIZADORA puzer aos seus clientes,conforme julgarmos que,dêstes dois assuntos,o que primeiro nos fôr.

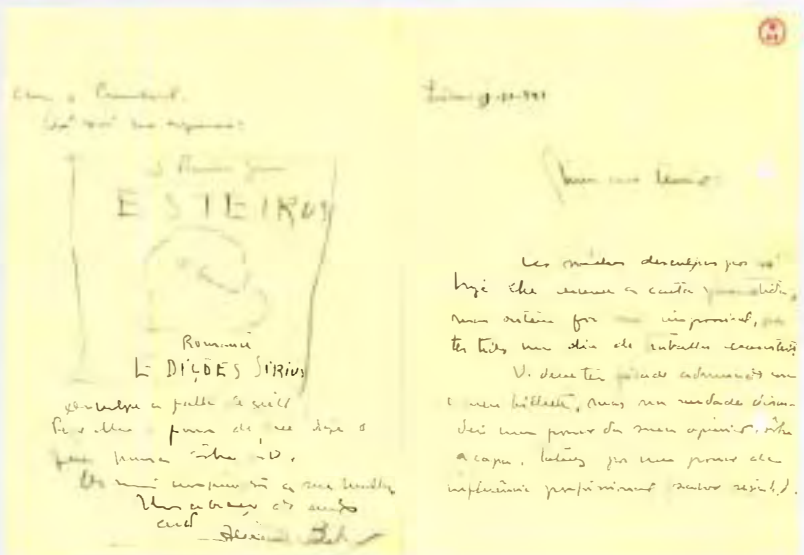
5.º -A edição estará pronta no decorrer da Feira do Livro,aparecendo só na altura em que esteja realmente negociada,ou quando a 1.ª edição.

Porque o tempo urge,esperamos a vossa resposta na volta do correio e subscrevemo-nos com elevada consideração

Do V.Ex.mo
M.to Att.os e Ven.res

por Publicações Sirius
P. Gerente,

57



60) Esteiros / Soeiro Pereira Gomes. – [1ª] ed. - Mem Martins : Europa-América (1971). - 175, [1] p. ; 18 cm. - (Livros de bolso Europa-América ; 1)
Desenho da capa de Dorindo de Carvalho
(Brochado)
MNR GMS/Lit/860

61) [Esteiros] / Dorindo de Carvalho . - [S.l.], 1970. - Desenho : técnica mista: tinta da china, aguada s/ papel; 30 x 45 cm
Oferta do autor em 24 Jan. 2006. - Ilustração original para a capa de "Esteiros" de Soeiro Pereira Gomes, Livros de Bolso da Europa-América, 1971 e espelhada verticalmente na 9ª ed., 1990
MNR-R.000306-06

62) Esteiros / Soeiro Pereira Gomes. - 9ª ed. - Mem Martins : Europa-América, D.L. 1990. - 175, [1] p. ; 18 cm. - (Livros de bolso Europa-América ; 1)
Desenho da capa de Dorindo de Carvalho
ISBN 972-1-03016-3 (brochado)
MNR GMS/Lit/2165

63) Esteiros / Soeiro Pereira Gomes. - Lisboa : Edições Avante (1977). - 185, [3] p. ; 19 cm. - (Obras de Soeiro Pereira Gomes)
(Brochado)
MNR GMS/Lit/750

64) Esteiros / Soeiro Pereira Gomes ; desenho na capa e il. de Álvaro Cunhal; introd. de Isabel Pires da Lima. - 5ª ed. - Lisboa : Edições Avante (1981). - 208, [8] p. ; 19 cm
Os desenhos que ilustram os capítulos foram feitos para a 1ª ed. da obra das Edições Sírus
(Brochado)
MNR GMS/Lit/915

65) Esteiros / Soeiro Pereira Gomes; introd. de Isabel Pires de Lima. - Lisboa : Círculo de Leitores (1988). - LI, 210, [1] p. ; 21 cm. - (Romances portugueses; Obras primas do Século XX / dir. David Mourão Ferreira)
Contém perfil biográfico, bibliografia e cronologia comparada. - Desenho da sobrecapa e lombada de Antunes. - Este vol. assinala o XV aniversário do Círculo de Leitores
(Encadernado)
MNR GMS/Lit/1731

66) Esteiros / Soeiro Pereira Gomes. - Lisboa : Caminho (1993). - 208, [8] p. ; 19 cm. - (Caminho jovens ; 26)
ISBN 972-21-0815-8 (brochado)
MNR GMS/Lit/3765

67) Esteiros / Soeiro Pereira Gomes. - Lisboa : RBA, Editores Reunidos, copy 1994 (Barcelona). - 189, [3] p. ; 22 cm. - (Narrativa actual ; 10)
ISBN 972-747-012-2 (encadernado)
MNR GMS/Lit/3702

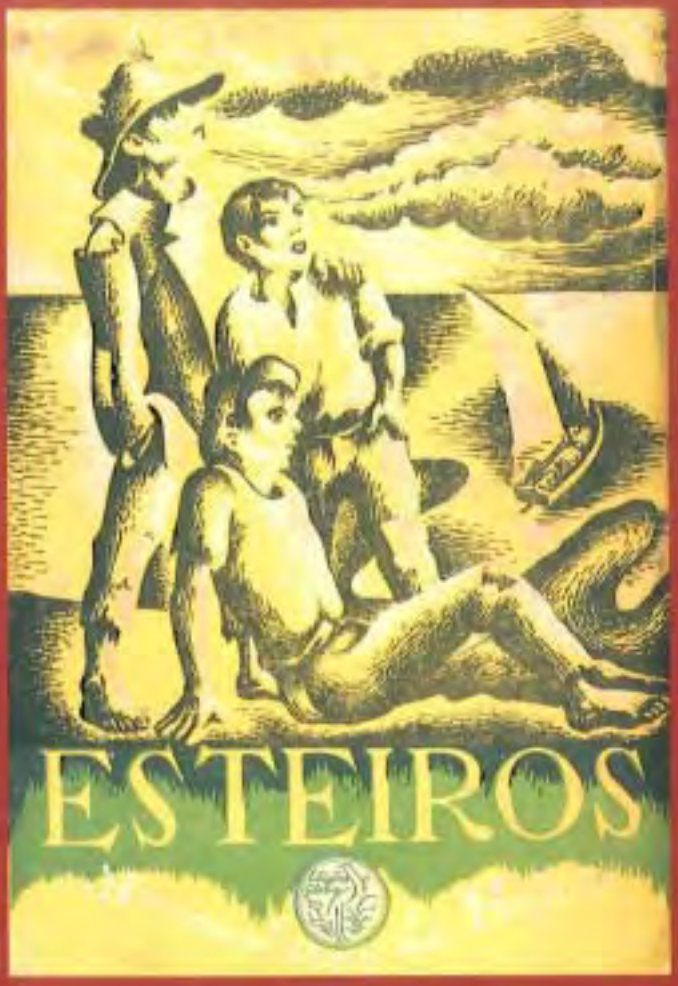
68) Esteiros / Soeiro Pereira Gomes; nota bibliográfica por Urbano Tavares Rodrigues. - Lisboa : Planeta DeAgostini, copy 2000. - 208 p. ; 21 cm. - (Os grandes escritores portugueses actuais / dir. Urbano Tavares Rodrigues ; 10)
ISBN 972-747-438-1 (encadernado)
MNR GMS/Lit/6834

OUTONO

INVERNO

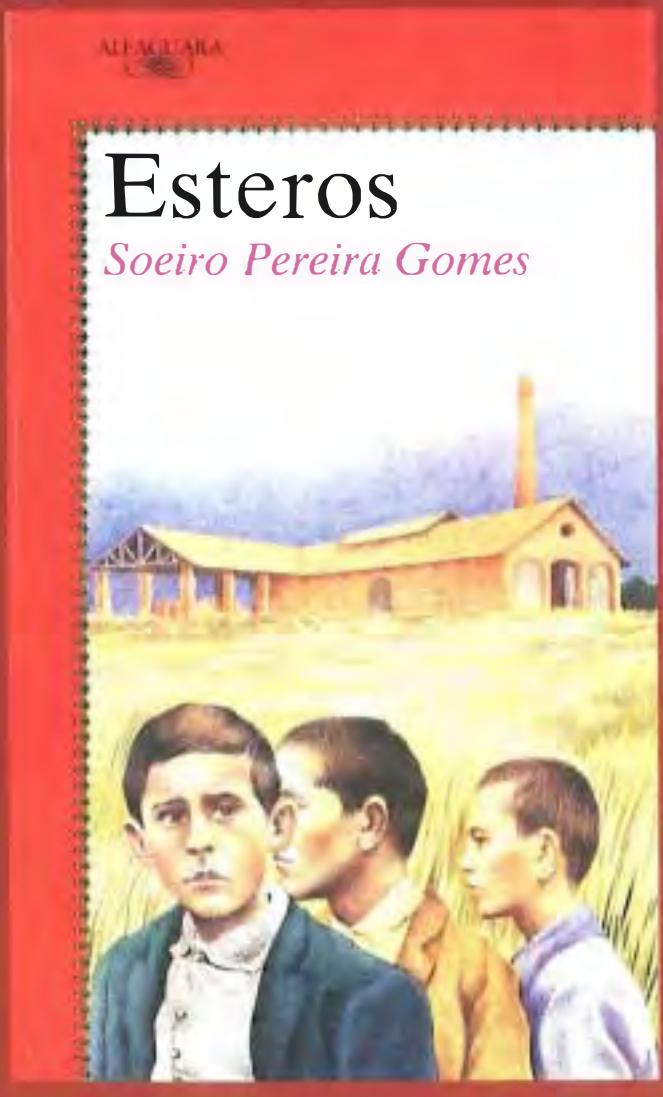
PRIMAVERA

VERÃO



"Era uma fila de garotos, num vaivém contínuo,
que fazia lembrar um formigueiro em meio de resteva.
Vinha do fundo da eira, onde a charca velha gerava
desejos de frescura, serpenteava entre as pilhas de lenha;
e sumia-se, por fim, pela porta do forno, em que mal cabia
um homem.
Logo no primeiro caminho, os calcanhares dos novatos
verteram sangue, pisados pelos pés vendidos do Caraça e
de outros da sua laia.
Perdida a cadência, a fila desconjuntou-se
e alguns tijolos caíram dos ombros magros dos moços,
em atropelo"

Esteiros, Verão.



PEREIRA GOMES

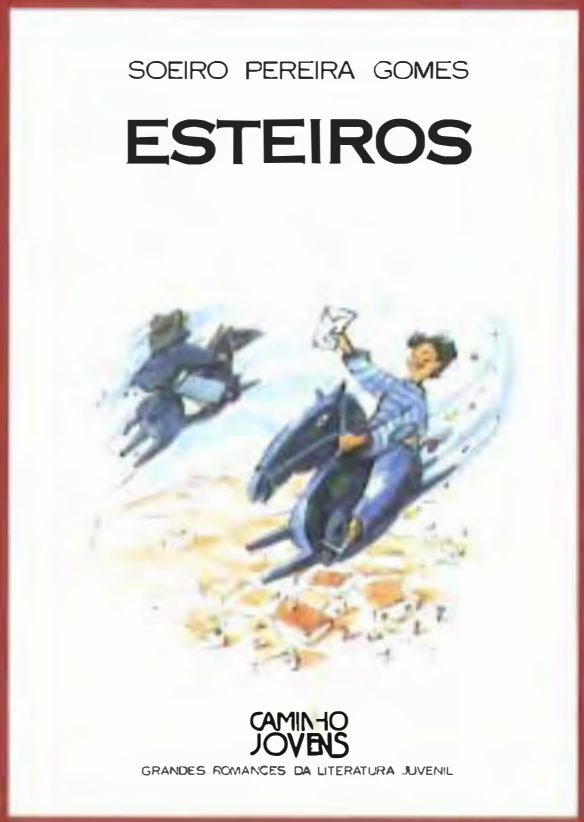
ESTEIROS

ROMANCE

EDIÇÕES *SIRIUS*

Esteiros
Soeiro Pereira Gomes
edições Avante!

Soeiro Pereira Gomes
ESTEIROS
Círculo de Leitores

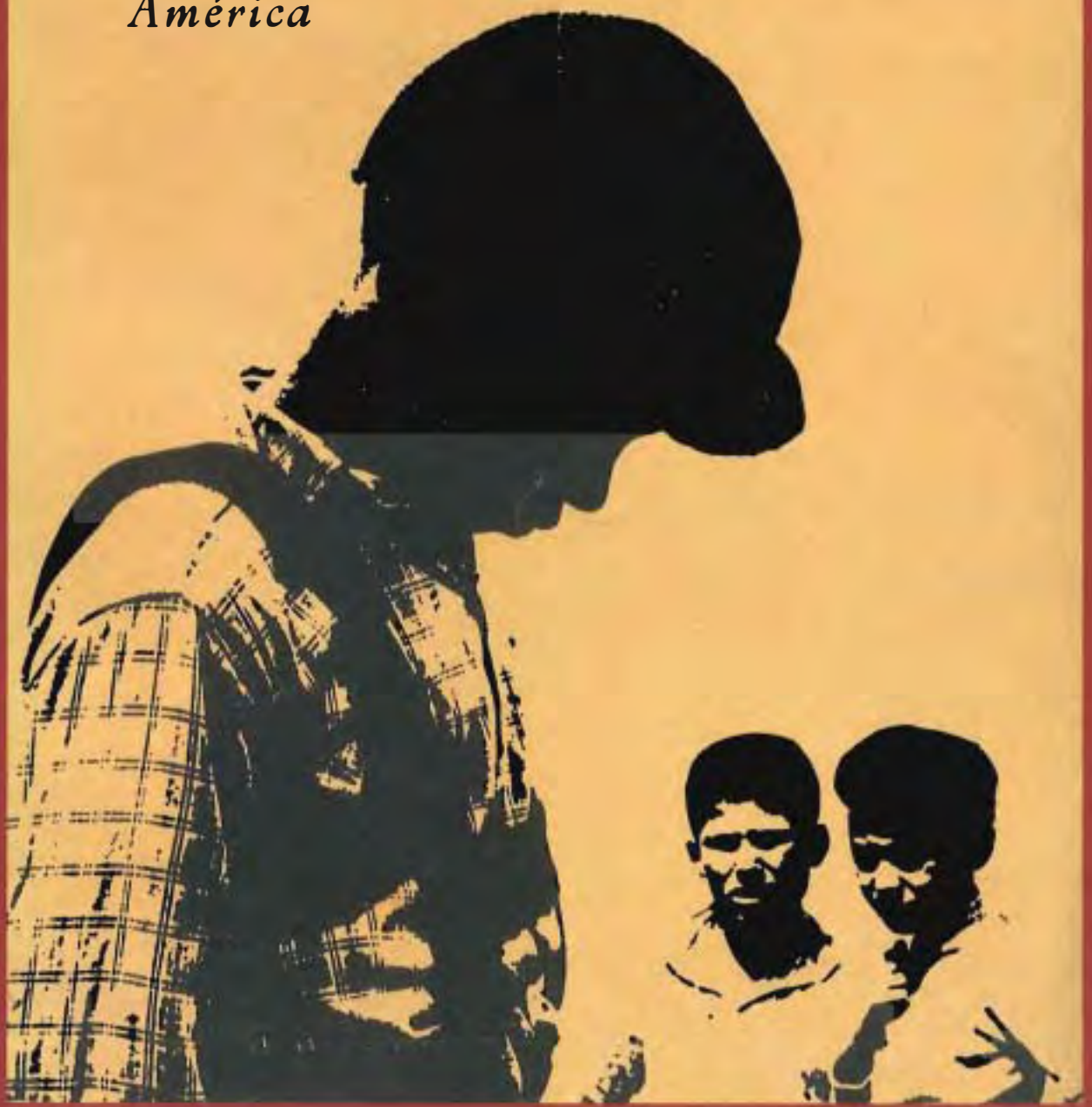

SOEIRO PEREIRA GOMES
ESTEIROS
CAMINHO
JOVENS
GRANDES ROMANCES DA LITERATURA JUVENIL

ESTEIROS
obras de Soeiro Pereira Gomes
Para os filhos dos homens
que nunca foram meninos
escrevi este livro
Soeiro Pereira Gomes
edições Avante!

SOEIRO PEREIRA GOMES

ESTEIROS

Publicações
Europa
América



69) Esteiros / Soeiro Pereira Gomes ; prefácio de Urbano Tavares Rodrigues; desenho na capa e il. de Álvaro Cunhal; dir. gráfica de Armando Alves. - [1ª] ed. - Lisboa : Asa, copy 2002 (Ed. Avante). - 171, [3] p.: il. ; 31 cm
Contém retrato de Soeiro Pereira Gomes por José Rodrigues (ass. Rodrigues Porto) e retrato de Álvaro Cunhal por Armando Alves
ISBN 972-41-3110-6 (encadernado)
MNR GMS/Lit/7429

70) Esteros / Soeiro Pereira Gomes; trad. Mario Merlino; il. capa Fuencista del Amo. - [1ª] ed. - Madrid : Alfaguara (1988). - 210, [6] p. ; 22 cm. - (Juvenil Alfaguara / Michi Strausfeld ; 330)
ISBN 84-204-4605-X (brochado)
MNR GMS/Lit/1732

71) Prezado camarada / Fernando Namora. - Coimbra, 8 Fev. 1942. - Carta: Orig. ms.: 1 fl. ; 27,5 x 21,7 cm
Elogia "Esteiros" e convida à pub. da obra na col. "Novos prosadores"
MNR A2/6.2.17

72) Meu prezado camarada / Jaime Brasil. - Porto, 24 Fev. 1943. - Carta: orig. mst.: 1 fl. ; 27,3 x 21,2 cm
C/ carimbo da Redacção de "O Primeiro de Janeiro". - Agradece a oferta dos "Esteiros" e refere as influências brasileiras nos modernos romancistas portugueses
MNR A2/6.2.37

73) Só ontem me chegou... / Bento de Jesus Caraça. - Lisboa, 13 Ab. 1943. - Cartão de visita : Orig. mst.: 1 fl. ; 10,5 x 13,7 cm
Elogia "Esteiros" e agradece a oferta da 2ª ed.
MNR A2/6.2.42

74) Exmo. Snr. J. Pereira Gomes / Recorte; A. Gonçalves Jofre. - Lisboa : Recorte, 20 Jan. 1944. - Carta, 1 fl. : orig. mst. ; 26,9 x 21,7 cm
Carta anexa a recibo referentes a recortes de imprensa enviados a S. P. Gomes sobre a sua obra datados de Nov. de 1942 a Jan. de 1944
MNR A2/6.2.53

75) Um escritor anti-fascista português : Soeiro Gomes / Felipe Gorjão. - [S.l. : s.n.], [ant. Nov. 1945]. - Orig. dact.: 2 fl. ; 29, 2 x 20, 2 cm
Pub. no Rio de Janeiro, rev. "Leitura", nº 35, Nov. 1945, p. 57-8
MNR A2/9.54/A

76) Um escritor anti-fascista português : Soeiro Pereira Gomes / Felipe Gorjão
In: Leitura. - Nº 35 (Nov. 1945), p. 57-8
Contém "Um conto" de S. P.Gomes c/ a il. de Álvaro Cunhal p/ "Outono" de "Esteiros". - Do orig. "Coisas quási inacreditáveis" e pub. tb. em "Contos e poemas", p. 11-13. - Pub. no Rio de Janeiro
MNR A2/9.54/B

77) Soeiro Pereira Gomes e o mundo da infância / Adolfo Casais Monteiro
In: O Primeiro de Janeiro. - 8 Fev. 1950
MNR A2/9.63

78) Le grand ecrivant Pereira Gomes : Un combattant / Jorge Amado ; Esteiros : extrait du roman traduit / par Violante do Canto . - V. F. Xira : MNR, 2009. - Ampl. fot.: color.
Reprod. dos origs. pub. em "Lettres Françaises", A. 10, nº 327 (7 Set. 1950), p.?, 5, do Esp. literário de S. P. Gomes (A2/9.63)
MNR F

SOEIRO PEREIRA GOMES

esteiros

livros de bolso
EUROPA-AMÉRICA

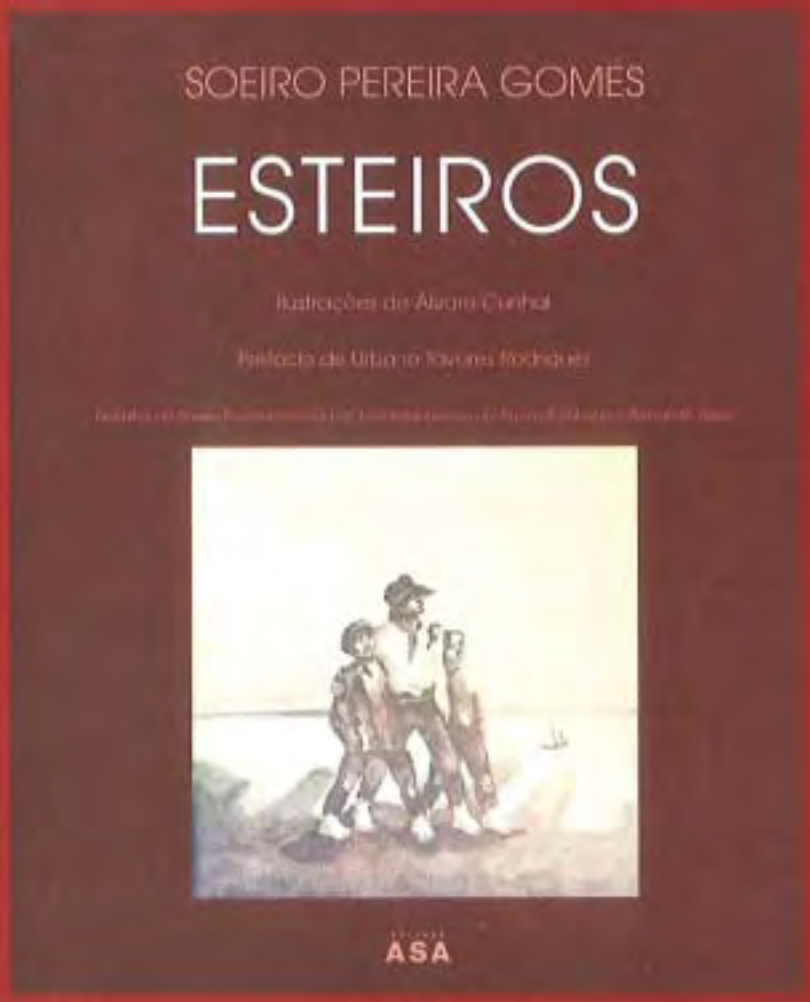
Grandes Obras

TEXTO INTEGRAL

SOEIRO PEREIRA GOMES

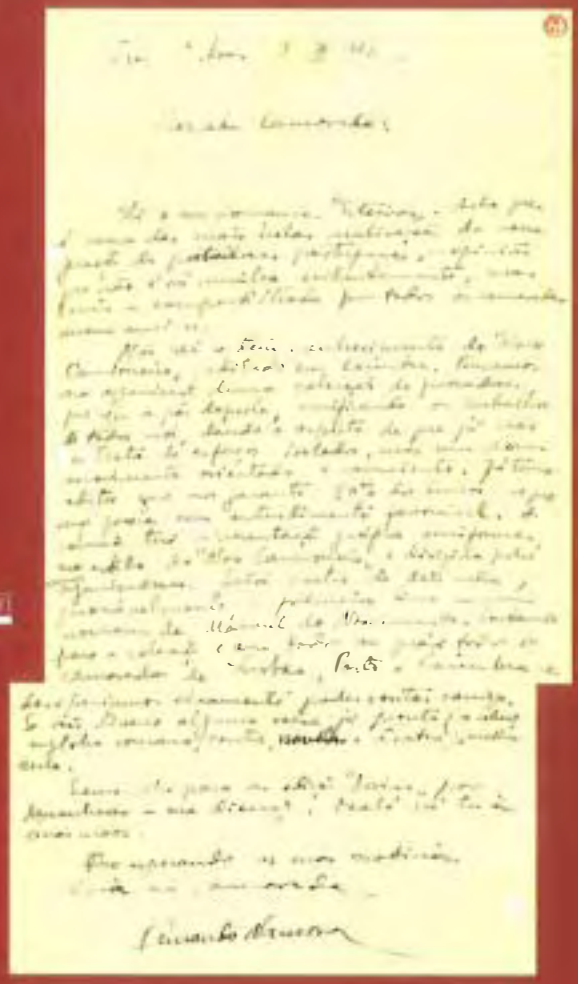
esteiros

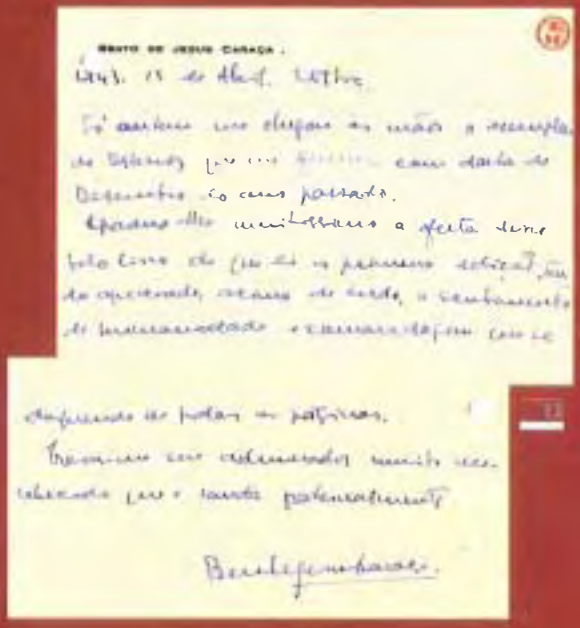
livros
de bolso
europa
america


SOEIRO PEREIRA GOMES
ESTEIROS
ASA

ESCRITORES PORTUGUESES
A C T U A I S
Soeiro
Pereira Gomes
Esteiros

ESTEIROS
Soeiro
Pereira Gomes





"um romance português moderno de interesse universal.
(...) um bom livro, o que mais se aproximou,
na jovem literatura social portuguesa, daquilo que se pretende
quando se fala num romance neo-realista"

Mário Dionísio. "Ficha 2". *Seara Nova*. 28 Fevereiro1942

SOEIRO PEREIRA GOMES
E O MUNDO

77

79) "Esteiros" par Pereira Gomes / Jacques Gau
In: L'Humanité. - 13 Set. 1954
MNR A2/9.68

80) [Desenho] / Rogério Ribeiro. - V. F. Xira : MNR, 2009. - Ampl. fot.: p&b
Reprod. do des. p/ "Esteiros", ass. e d. 1979, Obras completas de Soeiro Pereira Gomes, Ed. Avante, 1979, p. 11. - Nesta ed., a capa, as ilustrações e o arranjo gráfico são da autoria de Rogério Ribeiro
MNR F

81) Soeiro Pereira Gomes / Boris Taslitzky. - V. F. Xira : MNR, 2009. - Ampl. fot.: p&b
Reprod. da gravura s/ papel, 1971; 30,5 x 20 cm . - Prova de Artista nº 8/20: Inscrição: "E.A. 8/XX à Jaime en souvenir de son frère". - Provavelmente uma oferta do irmão de Soeiro, Jaime P. Gomes
Medidas do suporte: 56 x 44,3 cm (Col. MNR-R.000273-06)
MNR F

L'HUMANITÉ
13-9-54

LES LIVRES

«ESTEIROS»
par Pereira GOMÈS

Jacques GAUCHERON.

(1) Traduit par Violante Do Canto. Préface de André Wurmser. Éditions Françaises Réunies. (250 francs).

79

"“uma obra que se impõe pela «veracidade»,
ao mesmo tempo que pela poesia dos sucessivos quadros.
(...) melhor que nenhum [dos escritores da mesma geração], ele
soube compreender as suas personagens;
porque, como nenhum, as soube amar. (...)
Só se fala bem daquilo que se ama
– mas quando se ama do coração, e não apenas com a cabeça.
(...)[O seu] dom poético que o fez ir ao encontro do sofrimento
humano, a ele, o revoltado,
mas com mais amor do que ódio.
A sua obra não é um desforço, não traz o ressaibo da vingança.
O espírito da justiça não tem ódio
– é este o outro segredo da sua superioridade –
não só a do escritor, mas também a do homem."

Adolfo Casais Monteiro. *Primeiro de Janeiro*. 8 Fevereiro 1950

"Esteiros é um romance profundamente sério, sincero, tecnicamente bem realizado, com aquela atitude de retorno à Terra e à Vida, que tão bem caracteriza toda a arte do presente"

José Serrão, *Horizonte*, 8 Março 1942

LE GRAND ECRIVAIN PEREIRA GOMES

Un combattant

par Jorge AMADO

ESTEIROS

Leitura

crítica e informação bibliográfica

35

ESTEIROS DE PEREIRA GOMES (extra

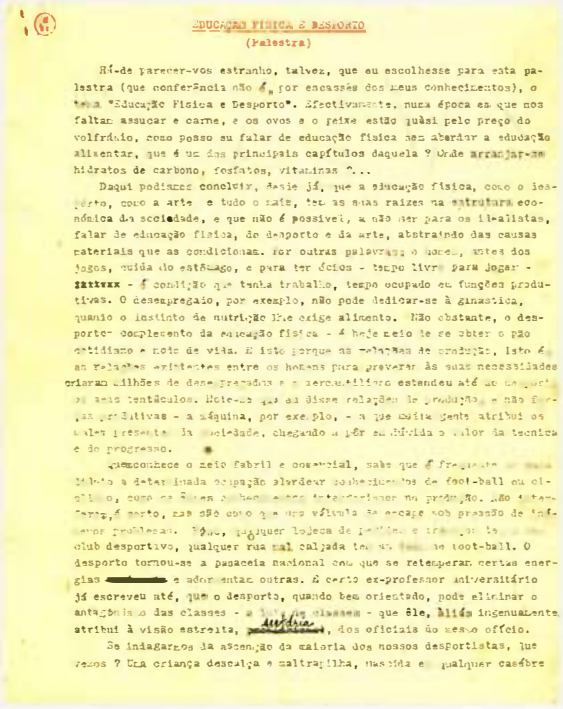
CAMARA MUNICIPAL DE VILA FRANCA DE XIRA

Matricula de Velocipedista

N.º 565 TAXA 10$00

Fica inscrito como [illegible], na Secretaria d'esta Camara, o Sr. [illegible] Pereira Soares morador em Alhandra, em barraca [illegible] a Pastora de 18 de Dezembro de 1929.

O Chefe da Secretaria



EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTO

(Palestra)

Há-de parecer-vos estranho, talvez, que eu escolhesse para esta palestra (que conferência não é, por escassês dos meus conhecimentos), o tema "Educação Física e Desporto". Efectivamente, numa época em que nos faltam assucar e carne, e os ovos e o peixe estão quási pelo preço do volfrámio, como posso eu falar de educação física sem abordar a educação alimentar, que é um dos principais capítulos daquela ? Onde arranjar-se hidratos de carbono, fosfatos, vitaminas ?...

Daqui podíamos concluir, desde já, que a educação física, como o desporto, como a arte e tudo o mais, tem as suas raízes na estrutura económica da sociedade, e que não é possível, a não ser para os idealistas, falar de educação física, de desporto e da arte, abstraindo das causas materiais que as condicionam. Por outras palavras: o homem, antes dos jogos, cuida do estômago, e para ter ócios - tempo livre para jogar - [illegible] - é condição que tenha trabalho, tempo ocupado em funções produtivas. O desempregado, por exemplo, não pode dedicar-se à ginástica, quando o instinto de nutrição lhe exige alimento. Não obstante, o desporto complemento da educação física - é hoje meio de se obter o pão cotidiano e modo de vida. E isto porque as relações de produção, isto é, as relações existentes entre os homens para prover às suas necessidades criaram milhões de desempregados e o mercantilismo estendeu até ao desporto os seus tentáculos. Note-se que eu disse relações de produção, e não forças produtivas - a máquina, por exemplo, - a que muita gente atribui os males presentes da sociedade, chegando a pôr em dúvida o valor da técnica e do progresso.

Quem conhece o meio fabril e comercial, sabe que é frequente [illegible] dedicar a determinada ocupação alardear conhecimentos de foot-ball ou ciclismo, como os [illegible] interferiram na produção. Não interferiram, é certo, mas são como que uma válvula de escape sob pressão de inúmeros problemas. Pois, qualquer lojeca de [illegible] club desportivo, qualquer rua mal calçada tem um [illegible] de foot-ball. O desporto tornou-se a panaceia nacional com que se retemperam certas energias [illegible] e adormentam outras. É certo ex-professor universitário já escreveu até, que o desporto, quando bem orientado, pode eliminar o antagonismo das classes - a luta de classes - que êle, aliás ingenuamente, atribui à visão estreita, [illegible], dos oficiais do mesmo ofício.

Se indagarmos da ascenção da maioria dos nossos desportistas, que vemos ? Uma criança descalça e maltrapilha, nascida em qualquer casébre

Desde que foi viver para a vila de Alhandra, Soeiro teve uma intensa actividade cívica e cultural a que, aos poucos, foi associando uma intenção política: das aulas de ginástica para os filhos dos operários da "Cimento Tejo", à construção da piscina e ao apoio nos treinos de natação e cursos de educação física, ao teatro de revista na Sociedade Euterpe e a festas populares, aos cursos de alfabetização para trabalhadores e operários, à constituição de bibliotecas no Alhandra Sporting Club e na Euterpe, à organização de sessões culturais, as palestras em diversas colectividades, inclusive na Universidade Popular de Lisboa, de Bento de Jesus Caraça, aos Passeios no Tejo a bordo do Liberdade. Com a reorganização do Partido Comunista, assume um papel mais relevante na sua estrutura e funções mais activas.

82) [Desenhos de exercícios gímnicos] / [Soeiro Pereira Gomes]. - [Alhandra], [1935?-1942?]. - Orig. ms. a grafite e caneta: 5 fl. ; 25, 5 x 37,5 cm; 25 x 38 cm; 25,3 x 37,5 cm; 37,5 x 24,7 cm; 14,5 x 10, 2 cm
Desenhos representando vários exercícios de ginástica, a solo ou a par, sem ou com objectos. - Modelo para construção de aparelhos de ginástica
MNR A2/7.1

83) Matrícula de Velocipedista nº 565 ... Joaquim Soeiro Pereira Gomes / Câmara Municipal de Vila Franca de Xira. - V. F. Xira : C. M. V. F. Xira, 7 Out. 1933. - Cartão: Orig. mst.: 1 fl. ; 7,7 x 11,8 cm
Carta de velocípedes. - Contém foto de Soeiro
MNR A2/7.10

84) Educação física e desporto : Palestra / J. S. Pereira Gomes. - [Alhandra?], Mar. 1942. - Orig. dact. c/ ems. ms.: 11 fl. ; 27, 5 x 21,8 cm
Palestra realizada na Universidade Popular (?). - Informação baseada no convite do Sport Club de Monte-Pedral para repetir a Conferência sobre desporto que Soeiro tinha proferido na Universidade Popular
MNR A2/4.3/B

85) Amigo / Mário Rita Santos. - Lisboa, 6 Jul. 1942. - Carta: Orig. ms: 1 fl. ; 19,6 x 13,1 cm
Convite em nome do Sport Club de Monte-Pedral para repetir a Conferência sobre desporto que Soeiro tinha proferido na Universidade Popular
MNR A2/6.2.23

86) Exmº Senhor / Sociedade Recreativa Musical 1º de Agosto Santa Iriense; José Soares. - Stª Iria da Azóia, 23 Dez. 1942. - Carta: Orig. mst: 1 fl. ; 26,9 x 20,8 cm
Convite para proferir uma palestra no acto de inauguração da Biblioteca da colectividade, no dia 1 de Janeiro de 1943
MNR A2/6.2.29

87) Exmo. Senhor Manuel Soeiro Pereira Gomes / Atlético Clube de Portugal; O secretário-adjunto. - Lisboa, 22 Mar. 1943. - Carta: Orig. mst.: 1 fl. ; 27,5 x 21,4 cm
Agradece em nome da direcção, a palestra proferida por Soeiro aquando da inauguração da Biblioteca
MNR A2/6.2.40

88) As minhas primeiras palavras são de agradecimento ... [Palestra] / [Soeiro Pereira Gomes]. - V. F. Xira : MNR, 2009. - Ampl. fot.: color. ; 95 x 40 cm
Palestra proferida na inauguração da biblioteca do Atlético Clube de Portugal em 18 Mar. 1943. - Ampl. do orig. do Espólio literário de Soeiro Pereira Gomes (A2/4.4)
MNR F

89) [Comissão da Biblioteca do Alhandra Sporting Club]. - V. F. Xira : MNR, 2009. - Ampl. fot.: p&b ; 29, 7 x 21 cm
Mário Antunes, Soeiro Pereira Gomes, Ventura Lourenço Salvador, Eduardo Sousa, Guy Lourenço e José Barreto (Soeiro é o 2º, da dtª p/ esqª). - Ampl. do orig. do Museu de Alhandra-C. Dr. Sousa Martins (MA R-93-5954)
MNR F

90) Meu prezado amigo / Agostinho da Silva. - Lisboa, [1940?-1943?]. - Carta: Orig. ms: 1 fl. ; 27,6 x 21,5 cm
Sobre um curso de palestras, semanal, organizado por Agostinho da Silva, no Carnide Foot-ball Club, no Barreiro, em Alhandra e Cacém
MNR A2/6.2.51

"Uma ideia, um esforço, uma vontade – e tudo é possível."

Jornal *Vida Ribatejana*, 1938

[illegible]

E porquê? Por falta de escolas- dizem uns; por culpa do [illegible] preguiçoso-dizem outros. Na realidade, êste e aqueles vêm o [illegible] do incompleto, isolado de muitos outros problemas, dos [illegible] que [illegible] pende. E isto não é possivel, sob pena de se sofismar [illegible] que todas as coisas dependem umas das outras como partes [illegible] como os frutos de uma árvore são o resultado da actividade e [illegible] raizes, dos ramos e das folhas. As folhas captam o óxigénio e a [illegible] e os ramos distribuem a seiva, o alimento, que as raizes tiram da [illegible] De modo idêntico, para que o homem realize [illegible] balhos úteis, que os frutos da sua instrução e cultura, é necessário [illegible] o organismo de alimente, para que o cérebro actue, e que o homem possa tirar da terra, que é como quem diz - da sociedade, os meios necessários á sua conservação e ao seu desenvolvimento. Vemos assim que o analfabetismo, sendo um mal social, anda ligado a outros males sociais, como a tuberculose, o alcoolismo, o desemprego, a mortalidade, etc. Alimentação-sanidade-instrução - são os trez elementos inseparáveis, de que depende a valorização do homem. E todos êles estão ligados ao trabalho, isto é, aos meios de produção, que [illegible] leis, darão ou não a cada um segundo as suas [illegible] e as suas necessidades.

Isto é assim, teóricamente. Na realidade, [illegible] coisas passam-se para os homens tal como para as árvores que vive na floresta ou no bosque. Umas estendem os ramos para a luz, crescem, espurram [illegible] pelos terrenos visinhos as suas raizes, enquanto que outras se estiolam, franzinas, dominadas pelas mais fortes ou mais brutais, à sombra das quais passam a vegetar, mas não a viver.

Desculpem os meus ouvintes esta comparação entre o reino animal e o vegetal, entre o homem e a árvore. Mas creio que me fiz compreender, sem ser forçado a usar exemplos mais flagrantes.

Num congresso realizado em Londres, no qual tomaram parte eminentes homens de ciencia da Europa, foi apresentada uma declaração de principios cientificos, em que se dizia: "[illegible] [illegible]idade para ensinar e a possibilidade [illegible] para o largamento do conhecimento, e nós, como homens de ciencia, sustentamos que elas não podem ser sacrificadas sem degradação para a vida humana."

Vejamos então quais são os meios de que dispõe a maioria dos homens para aumentar o seu conhecimento. Sem falar na escola, que as muitas crianças e homens não frequentam por terem de ganhar o pão de cada dia, o povo tem à sua disposição o livro, o jornal, a radiotelefonia e o cinema. Este, salvo [illegible], é apenas espectaculo para os olhos. Distrai - não instrui. Os grandes magnates do [illegible] - e o lucro está na [illegible] inversa da cultura. A [illegible] nos transmite [illegible] soma de [illegible]

[illegible]

As bibliotecas dão, de facto, possibilidades de cada um se instruir, sem dispender grande soma de dinheiro - dez ou doze mil reis, que é quanto custa um livro, ou seja o salário de um dia de trabalho. Benvindas sejam pois as bibliotecas, até porque elas são inimigas da taberna. Mas elas só, não bastam, nem mesmo como paliativo, porque de nada servirão aos ignorantes, aos analfabetos. Permiti-me, portanto, que eu - fundador também de algumas bibliotecas populares - alvitre aos dignos e inteligentes directores deste Club e aos seus associados, mais uma iniciativa: a criação de um curso de instrução primária para os sócios que não tiveram meios de frequentar a escola. Então, sim, O problema não ficará resolvido, mas, pelo menos, serão dadas a todos os associados deste Club - e muitos devem ser - as mesmas regalias e possibilidades de aprender.

Passarei agora a falar-vos de Educação fisica e Desporto - e [illegible] há-de [illegible] estranho talvez, [illegible] o azeite e a carne, e os ovos e o [illegible] como posso eu falar de [illegible], que é um dos [illegible] essenciais [illegible]

[illegible]

ATLÉTICO CLUBE DE PORTUGAL

EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS

SALÕES DE FESTAS E SESSÕES
CALÇADA DE SANTO AMARO, 3 r/c.

CAMPOS ATLÉTICOS:
SANTO AMARO
MANUEL DE MATOS
(Basket e Verbena-Porgos)

LISBOA, 22 de Março de 1943

Exmo. Senhor
Manuel Soeiro Pereira Gomes

Exmo. Senhor:

Tenho o prazer de comunicar a V.Exa. que a Direcção dêste Clube, na sua última reúnião, resolveu, unanimemente, endereçar a V.Exa. os seus melhores agradecimentos pela honra com que nos distinguiu, proferindo uma palestra quando da inauguração da Biblioteca dêste Clube que, pelo seu brilhantismo e ensinamentos divulgados, muito sensibilizou a nossa massa associativa, deixando em todos quantos estiveram presentes a mais elevada satisfação.

Queira, pois, V.Exa. acreditar na nossa mais sincera gratidão e simpatia e aceitar os nossos melhores cumprimentos.

De V.Exa.

Muito Atenciosamente,

87

85

Amigo,

Estando o Sport Clube de Monte-Pedral, realizando uma conferência, e dissertando o Piracaia que se realizará na próxima 2ª feira dia 8 pelas 21 horas, uma conferência sôbre desporto, é esta a razão porque me ocorreu, pedindo-lhe o caso V. não se importava, de assistir a conferência que faz na Associação Popular.

Já há dias que falei ao nosso comum amigo F. Pitaluga Santos, sôbre a possibilidade de nos ser a realização a conferência, tendo ele não tenho tempo para isso, e por tal se lembrou de V.

Já também, há dias, falei ao A. Rodel, ele disse-me que dia ocorrência, visto estar certo que V. não vinha a Lisboa tão cedo.

Em prol V. dar-me uma resposta imediata, pois urgente, e devido ao pouco tempo que medeia de hoje a quarta-feira, poder-me-á Telefonar ou telegra-

85

SOCIEDADE RECREATIVA MUSICAL
1.º DE AGOSTO
SANTA IRIENSE

Santa Iria de Azoia [illegible] de 194[illegible].

Exmº. Snr. Soeiro Pereira Gomes.

Exmº. Senhor,

A Direcção desta Colectividade, preocupada na sua missão de trabalhar para a educação da massa associativa, acaba de criar uma Biblioteca, cuja [illegible] já conta os seus livros.

Desejando esta Direcção que a sua inauguração seja feita no próximo dia 2 de Janeiro, festejando assim, por simbolismo, os 2 anos da fundação, resolveu convidar V. Exa. a fazer uma palestra, para que a data da inauguração tivesse outro brilho.

Nestas condições, a Direcção desta Colectividade tem a honra de vir convidar V. Exa. a fazer uma palestra sôbre as novas Colectividades, na sede desta, pelas 15 horas.

Na esperança de ver V. Exa. não faltar a aceitar o nosso convite, pedimos-lhe que nos [illegible] com a maior brevidade, para o assentarmos com calma no assunto.

Apresentamos antecipadamente, agradecendo a atenção que lhe queira dar a este nosso convite, [illegible]

O Secretário

por caso já não haja tempo para me mandar um portal. Peço-lhe a pressa e creia no camarada e amigo.

Mário Pitaluga Santos

Calçada da Graça - 10-1º
Telef. 28827

P. S. - O Clube é situado na Rua Joaquim d'Obidos 17 - Lisboa.

Lisboa, 6/4/42

91

Sport Grupo Sacavenense

Sede e Campo de Jogos: SACAVÉM — Telefone 22

Fundado em 19-2-1910
Sócio da Associação de Futebol de Lisboa
Campeão de Futebol das Divisões, nas épocas de: 1931/32 e 1933/34
SECÇÕES DE:
FUTEBOL
BILHAR
TENIS DE MESA
BIBLIOTECA

Ofício N.º 195
Sócio [illegible]
Época 1941/42
Ref.ª

Sacavém, 11 de Abril de 1942

Exmº. Snr.

[illegible]

Snr. Presidente

Vimos agradecer-lhe o amabilíssimo obséquio e o grande prazer que nos deu em vir-nos à nossa Sede, no passado dia 5, que foi de agrado geral tevo V. Exa. ocasião de observar, e assim da satisfação que nos deu com a vossa excelente Conferência alicerçou a boa impressão dos nossos consócios e amigos com esta organização.

Por tudo isto lhe estamos sinceramente gratos e nos confessamos devedores do grande favôr. Que as vossas palavras sejam um facto, são todo o nosso desejo.

Pela BIBLIOTECA do S. G. SACAVENENSE

Estatutos da Sociedade Euterpe Alhandrense

Capitulo I -Denominação,Séde e Fins

Art. 1º - É fundada em Alhandra, por duração indeterminada, uma sociedade de instrução musical, cultura e recreio, denominada Sociedade Euterpe Alhandrense, constituida por ilimitado número de sócios, e que se rege por êstes estatutos.

Artº 2º - A sua Séde é na vila de Alhandra, cuja população deverá constituir a maioria dos seus associados.

Artº 3º - A Sociedade tem por fim proporcionar a todos os sócios:
1º Instrução e prática musical.
2º Instrução e cultura geral.
3º Recreio.

Dos sócios

Capitulo II-1ª Secção: Da Classificação

Artº 4º - Os sócios da Sociedade classificam-se em ordinários ou contribuintes, extraordinários ou executantes, e honorários.

Artº 5º - São sócios ordinários todos as pessoas de ambos os sexos, responsáveis pelos seus actos, e que paguem a cota mínima mensal de $.

Artº 6º - São sócios extraordinários os componentes da banda da Sociedade, com caracter permanente.

Artº 7º - São sócios honorários, os individuos e entidades que tenham prestado relevantes serviços à Sociedade.

Artº 8º - A admissão [illegible], é sempre feita a solicitação dos interessados, nos termos destes estatutos.

§ único - A transferência de um sócio da categoria de ordinário para extraordinário é da competência do director de banda.

§ único - A admissão ou promoção dos sócios executantes será feita sob parecer do director de banda, a quem êste será responsável perante a Direcção e a Banda.

Artº 9 - A admissão de sócios honorários é da competência da Assembleia Geral, sob proposta da Direcção.

Artº 10º - Perde a qualidade de sócio:
1º Por falecimento
2º exoneração voluntária
3º por exclusão

Artº 11º - O sócio que pretender exonerar-se deverá comunicá-lo à Direcção.

Artº 12º - Será excluido de sócio:
1º O que se recusar ao cumprimento dos Estatutos e demais Reg.
2º O que por qualquer forma prejudique o bom nome da Sociedade e os seus interesses gerais.
3º O que pelas suas atitudes desrespeitosas perturbe a harmonia da vida Associativa da Sociedade.

Artº 13º - A exclusão do sócio é da competência da Direcção, devendo o interessado ser sempre ouvido em audiencia prévia.

Artº 14º - A Direcção comunicará ao sócio, por escrito e com antecedência de quinze dias, a data da Assembleia Geral em que a sua exclusão será apreciada, para que perante aquela possa fazer a sua defesa.

3ª Secção - Dos direitos e deveres

Artº 15º - Os sócios têm direito a:
1º Eleger e ser eleitos para os corpos gerentes.
2º Discutir e votar nas Assembleias Gerais.
3º Frequentar a sede e quaisquer secções culturais e recreativas da Sociedade, de acôrdo com os regulamentos internos
4º Requerer a convocação da Assembleia Geral, em harmonia com o art. dos Estatutos.

Artº 16º São deveres dos sócios:
1º Observar rigorosamente as disposições destes Estatutos e dos Regulamentos internos e instruções emanadas dos Corpos Gerentes.
2º Ter em dia o pagamento da sua cota.
3º Exercer os cargos para que forem eleitos.
4º Auxiliar todas as iniciativas tendentes ao prestigio e progresso da Sociedade.

Artº 17º Os sócios executantes estão isentos do pagamento de cotas e não podem exercer cargos de direcção e fiscalização.

Capitulo III - Da Administração

Artº 17º A administração da Sociedade incumbe a Assembleia Geral, ao Conselho Fiscal e à Direcção.

Artº 18º A Assembleia Geral, o Conselho Fiscal e a Direcção constituem os Corpos Gerentes, eleitos entre os sócios ordinários, pelo prazo de 1 ano, a começar em 1 de Março.

Artº 19º O mandato dos Corpos Gerentes é sempre revogável pela por deliberação da Assembleia Geral.

Artº 20º Não podem fazer parte dos Corpos Gerentes:os sócios que:
1º Não saibam ler nem escrever;
2º Sejam Os sócios executantes.

Da Assembleia Geral

Artº 21º A Assembleia Geral é constituida por todos os sócios no pleno uso dos seus direitos.

Artº 22º A Assembleia Geral considerar-se-ha legalmente constituida quando estiverem presentes pelos menos cincoenta dos seus membros.

§ único Não estando presente o número legal de socios à hora marcada nos avisos convocatorios, a Assembleia funcionará uma hora depois com qualquer numero, excepto:
a) Quando a dissolução da Sociedade,
b) Quando a convocação tiver sido pedida nos termos do artigo

Artº 25º Quando a Assembleia tiver sido convocada para a tratar da dissolução da sociedade é obrigatoria a presença da maioria dos sócios.

Artº 24º A mesa da Assembleia Geral é constituida por um presidente, e dois secretários, tendo como substitutos um vice-presidente e dois vice-secretários, uns e outros dos quais podem ser reeleitos uma e mais vezes.

Artº 25º Compete a Assembleia Geral:
1º Alterar e interpretar superiormente as disposições dos estatutos.
2º Proceder à eleição dos Corpos gerentes e revogar o mandato dos seus membros.

---

1 - Área total
2 - Limites
3 - O [illegible] e seus afluentes: Extensão
Navegabilidade
Obras de hidraulica agricola
Aproveitamentos
Grandes canais
4 - Sub-regiões agro-climáticas
5 - Constituição agro-geológica das terras ribatejanas
6 - Área cultivada - sua distribuição por zonas
7 - Área inculta: Qual a aproveitável
Qual a produtiva
Possibilidade de sua utilização
8 - Área regada e área de sequeiro
9-- Baldios: extensão
aptidão { agricola / florestal / pastagens
a que pertence
10- Aglomerados urbanos:
11- Nucleos populacionais
12- População rural: nivel de vida
analfabetismo
Condições de habitabilidade
Sanidade (saneamento, etc.)
Salários médios (por cultura)
Variações anuais do salário -
Alimentação normal
13- Movimento migratório { emigração / imigração
14--Contratos com os diversos trabalhadores
15- Divisão da propriedade: grande (mais de) * * *
média * * *
pequena
16- Relação do nº de proprietários: grandes
médios
pequenos
17- Nº de proprietários: cultivadores
não cultivadores
18- Nº de rendeiros
19- Formas de exploração das terras: c/própria
" " com ajuda assalariados
por sementeira
" parceria
" arrendamento
" afolhamento

Manuscript notes (illegible)

91) Exmo. Snr. Soeiro Pereira Gomes / Sport Grupo Sacavenense; Júlio Oliveira. - Sacavém, 11 Ab. 1944. - Carta: Orig. mst.: 1 fl. ; 27,6 x 21,6 cm
Agradecem e congratulam-se pela Conferência que Soeiro proferiu a 5 Abril de 1944
MNR A2/6.2.57

92) Estatutos da Sociedade Euterpe Alhandrense / [Soeiro Pereira Gomes e outros?].
- [Alhandra], [1935-1944]. - Orig. dact. c/ ems. ms.: 2 fl. ; 27, 7 x 21, 6 cm; 24 x 21, 5 cm
Com emendas manuscritas por Soeiro
MNR A2/7.3

93) Inquérito económico-agrícola ao Ribatejo / [Soeiro Pereira Gomes]. - [S.l., post. 1929]. - Orig. dact. c/ ems. ms.: 2 fl. ; 27, 8 x 21, 8 cm
MNR A2/7.5

94) Prezado camarada / Alves Redol. - [V. F. Xira], 1939. - Carta: Orig. ms.: 1 fl. ; 26,9 x 21 cm
Sobre a organização de um Serão de Arte em Alhandra, onde Alves Redol e outros iriam participar
MNR A2/6.2.3

95) [Soeiro, Manuela Reis, Alves Redol e Virginia Redol, Berlengas, Peniche]. - V. F. Xira : MNR, 2009. - Ampl. fot.: p&b ; 110 x 100 cm
Ampl. do orig. de meados de Jul. de 1940, pertencente a António Mota Redol
MNR F

96) [Soeiro junto ao mastro do "Liberdade" num dos passeios do Tejo]. - [Rio Tejo] : [s.n.], [1940-42]. - Fot.: p&b ; 85 x 12 cm
Estes passeios efectuavam-se entre V. F. Xira e Azambuja (Obras).
- No barco com Alves Redol, Arquimedes da Silva santos e outros.
- Reprod. do foto orig. dos anos 40 (séc. XX)
MNR A2/8.17

97) [Bandeira e velas içadas do barco varino "Liberdade"]. - V. F. Xira : MNR, 2009. - Ampl. fot.: p&b ; 275 x 244 cm
Ampl. de parte do orig. do início dos anos 40 (1940-42) de um dos "Passeios no Tejo", cedido para reprod. por António Mota Redol
MNR F

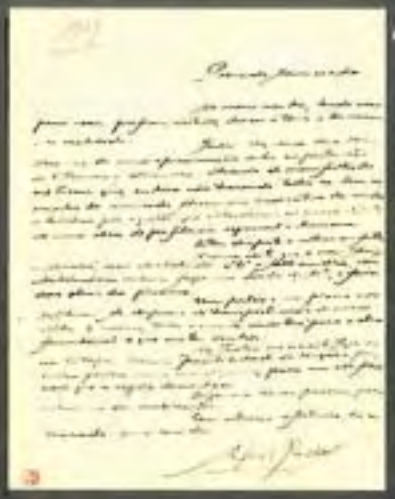
98) Operários e camponeses! ... Greve de dois dias pelo Pão e pelos Géneros! / Secretariado do Comité Central do Partido Comunista Português. - V. F. Xira : MNR, 2009. - Ampl. fot.: p&b
Apelo à greve nos dias 8 e 9 de Maio de 1944, nas fábricas, empresas e nos campos. - Ampl. da reprod. do orig. de Maio de 1944 pub. em "As greves de 8 e 9 de Maio de 1944", Ed. Avante, 1979, p. 29
MNR F

Cronologia das greves de Maio de 1944 . - V. F. Xira : MNR, 2009. - Ampl. fot.: color.
MNR F

Localização das greves e marchas de trabalhadores : mapa . - V. F. Xira : MNR, 2009. - Ampl. fot.: p&b
MNR F

As jornadas de 8 e 9 de Maio : Dezenas de milhares de Operários e Camponeses lutam pelo pão / Avante. - V. F. Xira : MNR, 2009. - Ampl. fot.: p&b
Ampl. da reprod. da 1ª pág. do jornal "Avante", VI Série, nº 53 (1ª quinz. Maio 1944) pub. em "As greves de 8 e 9 de Maio de 1944", Ed. Avante, 1979, p. 47
MNR F

As lutas heróicas de 8 e 9 de Maio no Baixo-Ribatejo e na região saloia / Avante. - V. F. Xira : MNR, 2009. - Ampl. fot.: p&b
Ampl. da reprod. da 1ª pág. do jornal "Avante", VI Série, nº 54 (2ª quinz. Maio 1944) pub. em "As greves de 8 e 9 de Maio de 1944", Ed. Avante, 1979, p. 49
MNR F



"Passeio de barco à vela. Vela vermelha e gente vermelha: malta do Diabo.
Fomos almoçar às obras uma caldeirada à fragateiro.
Cantou-se (que cantos!...) e conversou-se à vontadinha.
Lembrança do Redol de quem sou agora muito amigo.
Vou com ele até para férias em meados de Julho."

Carta de Soeiro para o irmão Alfredo, 3 de Junho de 1940

99) [Soeiro e Álvaro Cunhal]. - V. F. Xira : MNR, 2009. - Ampl. fot.: p&b ; 250 x 200 cm
Ampl. parcial do orig. do início dos anos 40 (1940-42) de um dos "Passeios no Tejo". - Na foto orig. estavam presentes : Carlos Pato, Soeiro Pereira Gomes, António Vitorino, Álvaro Cunhal, Jerónimo Matos (Tarrinca), proprietário do Liberdade, e outros
MNR F

100) [Soeiro preparando-se para acender um cigarro]. - V. F. Xira : MNR, 2009. - Ampl. fot.: p&b ; 250 x 150 cm
Na "Quintinha", Qtª do Álamo, S. João dos Montes. - Ampl. do orig. do M. de Alhandra - C. Dr. S. Martins (MA R-92-4490)
MNR F

101) Meu caro camarada / Joaquim Namorado. - V. F. Xira : MNR, 2009. - Ampl. fot.: p&b ; 56 x 21 cm
Ampl. da carta (orig. ms.) enviada a Soeiro e datada de 1 de Maio 1942 (Espólio literário de Soeiro Pereira Gomes, A2/6.2.20). - S/ a publ. de "Engrenagem" na Editorial Saber. - Referência a Avelino Cunhal, Alves Redol e Afonso Ribeiro
MNR F

102) [Notas preparatórias para o romance Engrenagem] / [Soeiro Pereira Gomes]. - [Alhandra?, 1942?-1944?]. - Orig. ms.: 11 fl. ; 12,1 x 7,2 cm; 24,5 x 18,2 cm; 21 x 14 cm; 27,8 x 21,8 cm
Estas notas encontravam-se junto ao manuscrito de "Engrenagem". Apontamentos diversos, descrição das personagens, índice descritivo
MNR A2/2.2/D

103) Engrenagem / João amargo (pseud. de Soeiro Pereira Gomes). - [Alhandra?], Nov. 1942 - 2 Out. 1944. - Orig. ms. a grafite, caneta e lápis vermelho : 92, 10 fl. ; 21,8 x 13,9 cm
Orig. e notas. - Indicação de datas nas pág. 4 e 96. - Iniciado em Alhandra e terminado já na clandestinidade
MNR A2/2.2/A

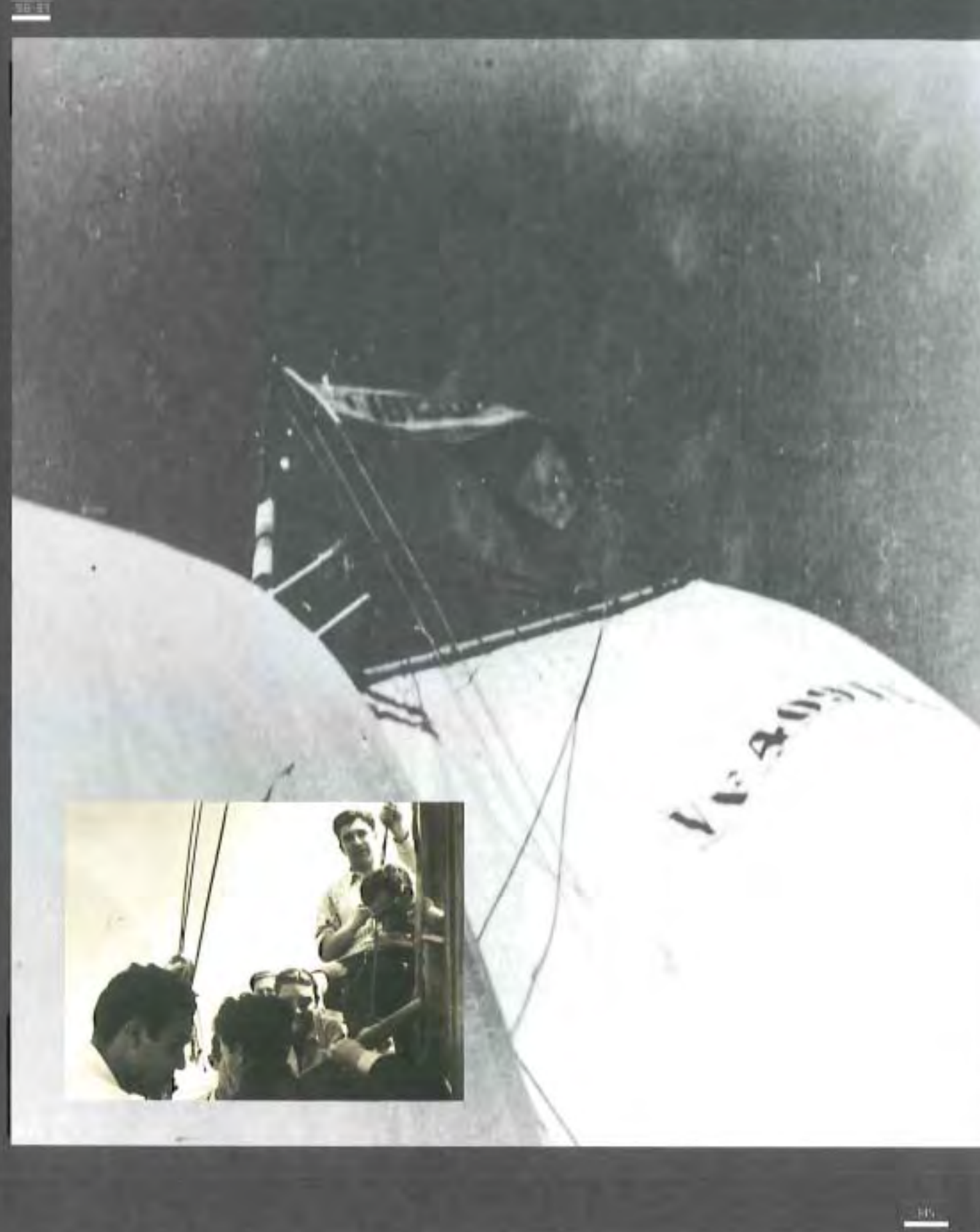
Engrenagem / João amargo (pseud. de Soeiro Pereira Gomes). - V. F. Xira : MNR, 2009. - Ampl. fot.: color. ; 131 x 77,7 cm
Ampl. do 1º e 2º fl. do orig. ms. do Espólo literário de Soeiro Pereira Gomes (A2/2.2/A). - Iniciado em Alhandra e terminado já na clandestinidade
MNR F

104) Engrenagem / [Soeiro] Pereira Gomes. - [S.l.], Set. 1944. - Orig. dact. c/ ems. ms.: 182 fl. ; 27 x 21 cm
Executado provavelmente entre Julho 1944 e Setembro 1944, na clandestinidade. - Versão publicada na 1ª ed. do livro em 1951
MNR A2/2.2/B

105) Embate, Engrenagem / João amargo (pseud. de Soeiro Pereira Gomes). - [S.l.], Set. 1944. - Cópia dact. c/ ems. ms.: 84 fl. ; 28 x 22,2 cm
Versão final do romance. - O título "Engrenagem" encontra-se riscado, assumindo o titulo de "Embate". - Versão efectuada na clandestinidade ?
MNR A2/2.2/C

106) [Soeiro à secretária] / [Carlos Tomé]. - V. F. Xira : MNR, 2009. - Ampl. fot.: p&b ; 75 x 50 cm
Ampl. da reprod. do orig. de [1940-1944] do Espólio literário de Soeiro Pereira Gomes (A2/8.19)
MNR F

107) Alhandra - Fábrica "Cimento Tejo", 1942 / Almeida Carvalho. - V. F. Xira : MNR, 2009. - Ampl. fot.: p&b
Ampl. da foto/postal orig. do M. de Alhandra - C. Dr. S. Martins (MA R-92-12-3)
MNR F



"Alteou mais a voz:
– Camaradas! Vamos todos, com as mulheres e os filhos. Unidos, somos uma força...
– À vila! À vila! – vociferou a multidão, irrequieta e volúvel como as ondas do mar.
O orador desceu a escada e pôs-se em marcha.
Atrás, seguiu o povo da aldeia entusiasmado, a passo largo, cada vez mais perto.
No ar puro da manhã, rescendente à terra húmida e aos pântanos dos choupos,
as vozes reboavam como um cântico."

Engrenagem. Romance.

CRONOLOGIA DAS GREVES

2 Maio
Constituição do Comité de Greve do Ribatejo

2 a 4 Maio
Distribuição de 40 mil manifestos na região de Lisboa

6 Maio
Informes da situação no Comité Dirigente de Greve

8 Maio
13h00
Cimento Tejo pára
Concentração dos grevistas na portaria

Duas Marchas em direcção a:
- Juta
- Penteação de Lãs(incluiu os operários da Vatel e fabrica de pimentão)

Toque a rebate na igreja e capelas de Alhandra

O desfile engrossa com operários de construção civil, trabalhadores dos telhais e empregados de comércio ate Vila Franca de Xira (2 mil grevistas)

Quinta das Torres, antes da Praça de Touros,marinheiros recebem os grevistas com disparos

15h00.
Os grevistas são encerrados na Praça de Touros (400 grevistas)

Os manifestantes de S. João dos Montes são recebidos na Praça 7 de Março pela G.N.R e não conseguem juntar-se à marcha de Alhandra

A reduzida marcha de Vila Franca é impedida pela G.N.R: de juntar-se aos grevistas vindo de Alhandra

9 Maio
Permanência de algumas centenas de grevistas na Praça de Touros, ajudados em géneros e roupas pela população de Vila Franca de Xira

Registos de todos os nomes dos grevistas encerrados na Praça de Touros, e prisão de alguns para as cadeias politicas do Forte de Caxias e do Aljube

As notas oficiosas publicadas nos jornais, a partir deste dia, dão versão dos acontecimentos permitida pelas autoridades fascistas

Encerramento de cafés e tabernas às 19 horas

11 a 16 Maio
Ordem de encerramento de empresas por prazo de 30 dias

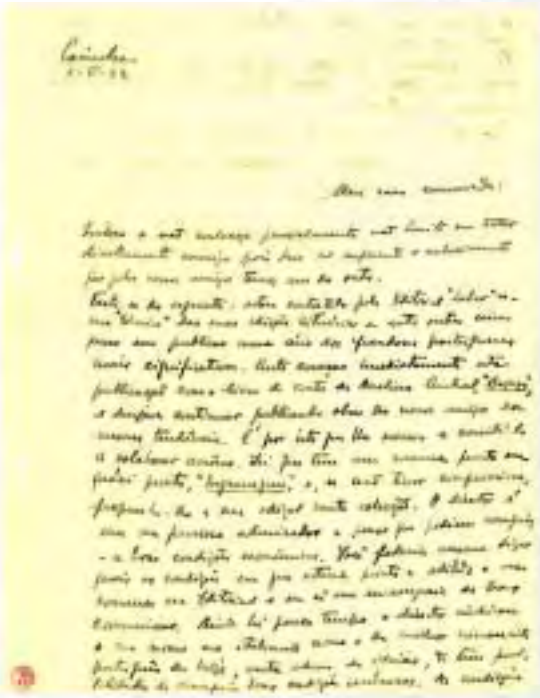
Detenção no Governo Civil de engenheiros e directores de algumas empresas (Cimento Tejo, director demitido)

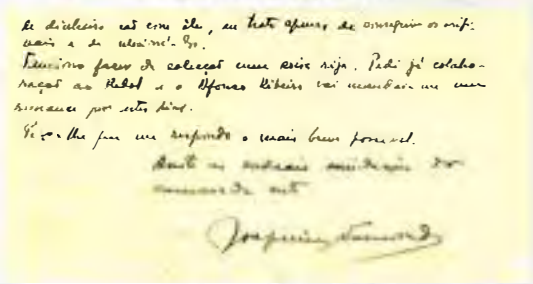
Estado de prevenção dos quartéis de Lisboa por 15 dias

Avante!
ORGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS
AS LUTAS HERÓICAS DE 8 E 9 DE MAIO
No Baixo-Ribatejo e na região saloia

Avante!
ORGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS
AS JORNADAS DE 8 E 9 DE MAIO
Dezenas de milhares de Operários e Camponeses
LUTAM PELO PÃO

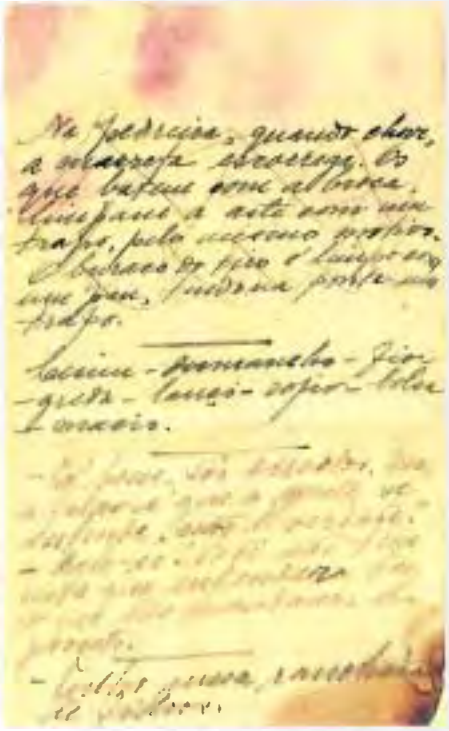
OPERÁRIOS E CAMPONESES!
Trabalhadores! Filhos e filhos do nosso Povo!
GREVE DE DOIS DIAS
pelo Pão e pelos Géneros!
Que nos dias 8 e 9 de maio
PARE O TRABALHO NAS FÁBRICAS E EMPRÊSAS
PARE O TRABALHO NOS CAMPOS
EM GRANDES MANIFESTAÇÕES DE PROTESTO
pelo Pão e pelos Géneros
voltai ao trabalho no dia 10, quarta-feira
Trabalhadores! Unidos até à vitória.
À LUTA!





Da terra à fábrica,
ou a industrialização e as questões socio-políticas
do "ambiente rural, tornado centro de indústria",
eis o tema de "Engrenagem".
Inspirado numa realidade que tão bem conhecia:
a sua fábrica, a 'sua' vila e o seu povo;
mas também a dele, com raízes no campo
e tendo ido viver para uma vila industrial.
Foi o segundo romance escrito por Soeiro,
publicado pouco depois da sua morte, em 1951.
Em Novembro de 1942 iniciou o manuscrito,
considerou-o inacabado, ou por rever, em 1944;
contudo, ainda conseguiu efectuar alterações
a uma outra versão após Setembro desse ano
e já na clandestinidade, re-intitulou-a de "Embate".
Pela primeira vez, adopta um pseudónimo,
o de João Amargo – Gorki, em russo.

1942



[Vista aproximada das chaminés da Fábrica "Cimento Tejo"]. - V. F. Xira : MNR, 2009. - Ampl. fot.: p&b
Ampl. do orig. de c. 1942 do M. de Alhandra - C. Dr. S. Martins (MA R-92-122)
MNR F

[Vista geral de Alhandra e da Fábrica "Cimento Tejo" em plena laboração]. - V. F. Xira : MNR, 2009. - Ampl. fot.: p&b
Ampl. do orig. de c. 1942 e ass. no canto inferior dtº: Raúl Inácio, M. de Alhandra - C. Dr. S. Martins (MA R-92-125)
MNR F

108) Meu caro Pereira Gomes / Sociedade Editora do Norte (S.E.N.); Afonso Ribeiro. - Porto, 20 Ab. 1943. - Carta: Orig. mst.: 1 fl. ; 27,7 x 21,7 cm
Propoêm aos escritores do Sul que editem no Norte, em vez de criarem uma editora própria. - Refª a Alves Redol, Manuel da Fonseca, Manuel do Nascimento e Mário Dionísio
MNR A2/6.2.44

109) Meu caro Pereira Gomes / Fernando Namora. - Condeixa, 22 Mai. 1943. - Carta: Orig. mst.: 1 fl. ; 19,8 x 13,5 cm
Sobre a inclusão de Soeiro na colecção "Novos prosadores".
- Refª a Carlos de Oliveira, Joaquim Ferrer e Casais Monteiro.
- Coloca a hipótese de ir trabalhar para a fábrica (Cimento Tejo?).
- Papel timbrado de receita médica
MNR A2/6.2.45

110) Engrenagem / Soeiro Pereira Gomes. – [1ª] ed. - Porto : Edições SEN (1951). - 261, [3] p., 1 p. il. ; 21 cm
Contém reprod. da última foto de S. P. Gomes
(Brochado)
MNR GMS/Lit/6512

111) Engrenagem / Soeiro Pereira Gomes. - 3ª ed. - Mem Martins : Europa-América (1964). - 169, [7] p. ; 18 cm. - (Os livros das três abelhas ; 42)
(Brochado)
MNR GMS/Lit/2580

Engrenagem. - V. F. Xira : MNR, 2009. - Ampl. fot.: color. ; 83 x 53 cm
Ampl. da capa de "Engrenagem", Europa-América, 3ª ed., 1964, col. "Os livros das três abelhas"
MNR F

112) Engrenagem / Soeiro Pereira Gomes. - [1ª] ed. - Mem Martins : Europa-América (1973). - 169, [3] p. ; 18 cm. - (Livros de bolso Europa-América ; 50)
(Brochado)
MNR Bib. Alexandre Cabral

113) Engrenagem / Soeiro Pereira Gomes. - 2ª ed. - Mem Martins : Europa-América, [post. 1973]. - 172, [4] p. ; 18 cm. - (Livros de bolso Europa-América ; 50)
(Brochado)
MNR GMS/Lit/167

Engrenagem. - V. F. Xira : MNR, 2009. - Ampl. fot.: color. ; 83 x 53 cm
Ampl. da capa de "Engrenagem", Europa-América, 2ª ed., [post. 1973], col. "Livros de bolso Europa-América "
MNR F

114) Engrenagem / Soeiro Pereira Gomes. - 2ª ed. - Lisboa : Edições Avante (1983). - 188, [4] p. ; 19 cm. - (Obras de Soeiro Pereira Gomes)
(Brochado)
MNR GMS/Lit/169

101

104

105

102

101

"A Buza!
Todas as manhãs, estrelas desmaiadas a demarcar o céu
ou sol rutilante a pincelar os montes, ela chamava os homens.
A sua voz transpunha os muros do lupanar sombrio;
sacudia as postas dos lares adormecidos;
punha frémitos de ansiedade nos corpos.
E os homens deixavam os lares."

Pesadelo. Conto. 22 Janeiro 1940.

Engrenagem. - V. F. Xira : MNR, 2009. - Ampl. fot.: color. ; 250 x 164 cm
Ampl. da capa de "Engrenagem", Edições Avante, 2ª ed., 1983, col. Obras de Soeiro Pereira Gomes
MNR F

115) [Desenho] / Rogério Ribeiro. - V. F. Xira : MNR, 2009. - Ampl. fot.: p&b ; 80 x 60 cm
Reprod. do des. p/ "Engrenagem", ass. e d. 1979, "Obras completas de Soeiro Pereira Gomes", Ed. Avante, 1979, p. 167
MNR F

116) "Engrenagem" : romance de Soeiro Pereira Gomes / Franco Nogueira. - Orig. mst. (dact. e ms.) : 22 fl. ; 27 x 21 cm
Pub. em "A Semana", coluna "Crítica literária", A. 1, nº 12, 2 Jun. 1951, p. 4, 8. - Orig. da 1ª versão
MNR A2/10.3/A

117) "Engrenagem" : romance de Soeiro Pereira Gomes / Franco Nogueira
In: "A Semana". - A. 1, nº 12 (2 Jun. 1951), p. 4, 8
MNR A2/10.3/C

118) Engrenagem de Soeiro Pereira Gomes
In: "Diário de Lisboa; Pág. Livros e autores". - 22 Ag. 1951, p. 5
Coluna "Romance"
MNR A2/9.66

119) Engrenagem por Soeiro Pereira Gomes / Mário Dionísio
In: "Vértice". - Vol. XXII, nº 104 (Ab. 1952), p. 180-182
MNR Bib. Santos Silva

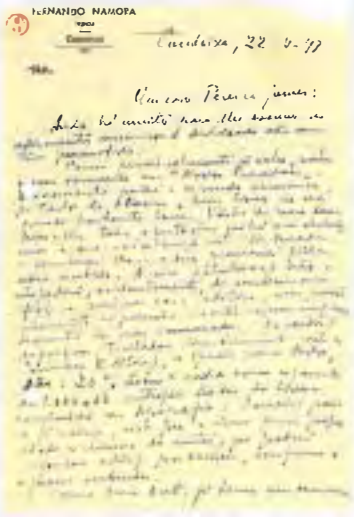
120) Engrenagem, Soeiro Pereira Gomes
In: "Galeria, artes e letras". - Nº 9 (Mar.-Jun. 1962), p. 5
Refª à col. "Os livros das três abelhas" das Pub. Europa-América
MNR A2/9.80

121) [Bloco de notas]. - [S.l. : s.n.], [193?]. - Carteira em couro bordeaux c/ bloco de papel no interior ; 12 x 16 (dob. em 2)
M. de Alhandra-C. Dr. S. Martins

122) [Caixa de secretária]. - Figueira da Foz : Ourivesaria Diamante, [193?]. - Cx. de madeira c/ bloco no interior, aplicações de prata, no centro: caravela de S. Miguel ; 19 x 12 x 4,5 cm
M. de Alhandra-C. Dr. S. Martins

107

108



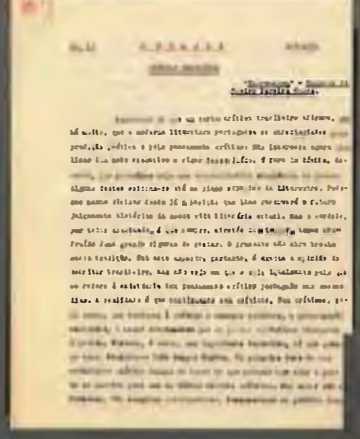
109

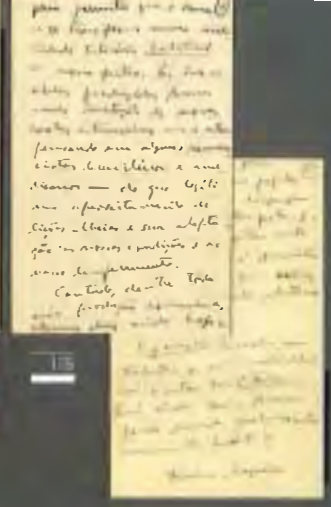
"Era a hora em que, isolados ou em grupos,
arrastando trapos e poeira,
mais homens desciam as veredas sinuosas até à fábrica.
Ladravam-lhes cães aos portões;
mulheres desconfiadas seguiam-nos com o olhar.
Depois, no largo, aquietavam-se em frente do portão,
como se fossem prisioneiros, como se o sol e a liberdade
ficassem para além daquelas grades.
Vidas paradas à espera doutra vida;
gente que não sabia onde pôr as mãos."

Engrenagem. Romance.

110

111



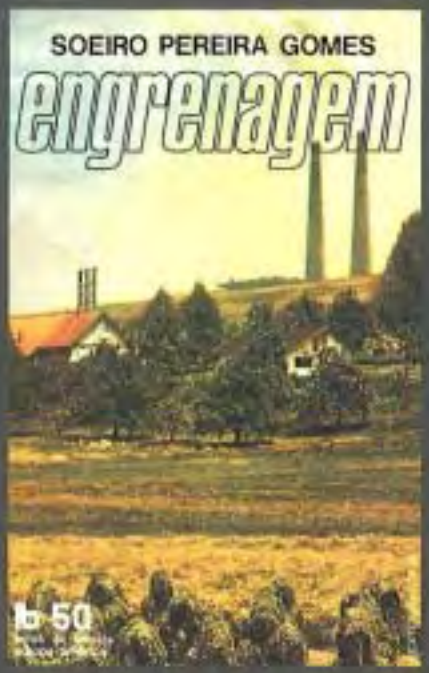


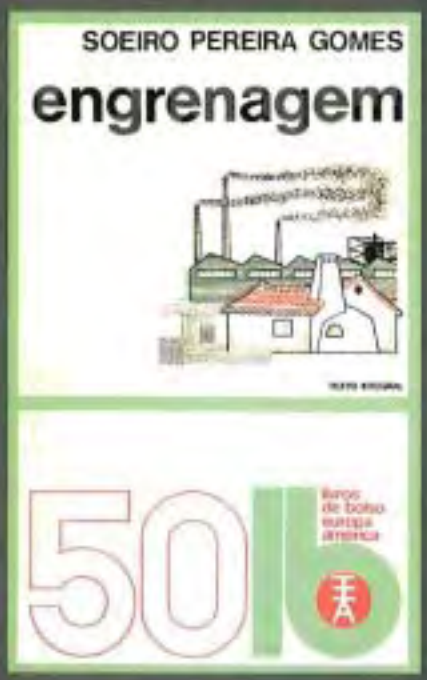
A SEMANA
JORNAL DA ACTUALIDADE NACIONAL
Crítica literária

Diario de Lisboa
LIVROS e AUTORES
ROMANCE

VÉRTICE
REVISTA DE CULTURA E ARTE
LIVROS
FICÇÃO
ENGRENAGEM

galeria
artes e letras
FUMO DE VERÃO


SOEIRO PEREIRA GOMES
engrenagem
50


SOEIRO PEREIRA GOMES
engrenagem
50

obras de
SOEIRO
PEREIRA
GOMES
ENGRENAGEM
edições
Avante!

soeiro pereira gomes

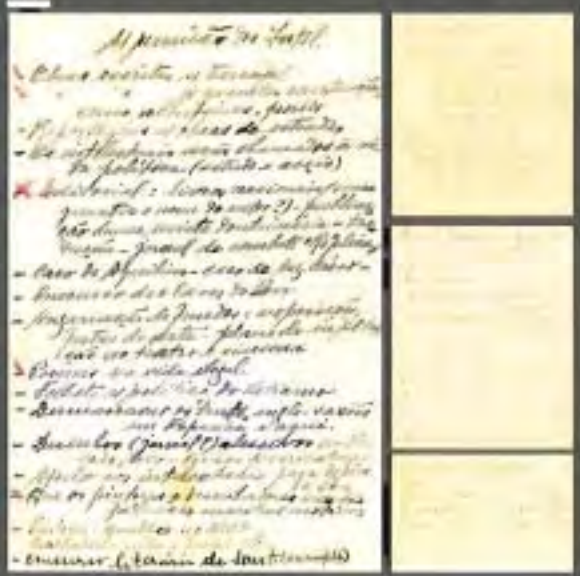
praça de jorna

194

Na sequência das Greves de Maio,
Soeiro entrou para a clandestinidade.
A sua acção política intensificou-se,
foi responsável da Direcção Regional
do Alto Ribatejo do Partido Comunista,
fez parte da comissão executiva do MUNAF,
criou e editou o jornal clandestino "Ribatejo",
foi eleito para o Comité Central do PCP
no Congresso de 1946,
integrou a Comissão dos Escritores, Jornalistas
e Artistas Democráticos do M.U.D.,
entre muitos outros actos militantes.
A par de textos políticos, como a "Praça da Jorna",
escreveu os "Contos Vermelhos",
reviu o romance "Engrenagem",
começou a conceber outro(s) romance(s)
"Companheiros" / "Comunistas",
e um livro de crónicas "Diário de um fugitivo".

1944

195



123) Praça de jorna / Soeiro Pereira Gomes ; il. de Álvaro Cunhal. - Lisboa : Org. dos Técnicos Agrícolas da DREL do PCP (1976). - 24 p. : il. ; 21 cm
Escrito na clandestinidade em 1946
(Brochado)
MNR A2/4.7

Praça de jorna / Soeiro Pereira Gomes . - V. F. Xira : MNR, 2009. - Ampl. fot.: color. ; 208 x 138 cm
Ampl. da capa de "Praça de jorna", ed. da Org. dos Técnicos Agrícolas da DREL do PCP, 1976, il. de Álvaro Cunhal . - (Espólio literário de Soeiro Pereira Gomes, A2/4.7)
MNR F

124) [Soeiro Pereira Gomes]. - V. F. Xira : MNR, 2009. - Ampl. fot.: p&b ; 100 x 70 cm
Ampl. do orig. de 1944 do M. de Alhandra - C. Dr. S. Martins (MA R-93-6983)
MNR F

125) A reunião dos Intel / [Soeiro Pereira Gomes]. - V. F. Xira : MNR, 2009. - Ampl. fot.: color. ; 50 x 50,6 cm
Ampl. dos 3 fl. do orig. [post. Out. 1945] (Espólio literário de Soeiro Pereira Gomes, A2/4.7). - Apontamentos em tópicos expondo actividades a serem realizadas pelos intelectuais do Partido Comunista Português
MNR F

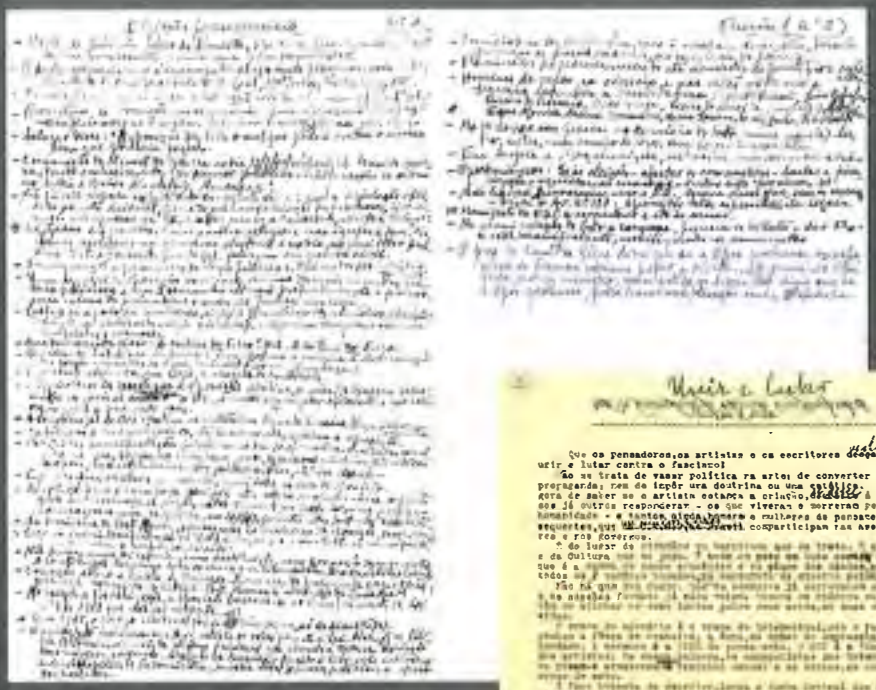
126) À Digmª. Comissão dos Escritores, Jornalistas e Artistas Democráticos / SPG. - [S.l.], 16 Jan. 1946. - Carta: Cópia dact.: 2 fl. ; 29,2 x 20,4 cm
Soeiro faz algumas sugestões de actividades e modos de intervenção aos intelectuais que integram as comissões do MUD
MNR A2/6.1.4/A

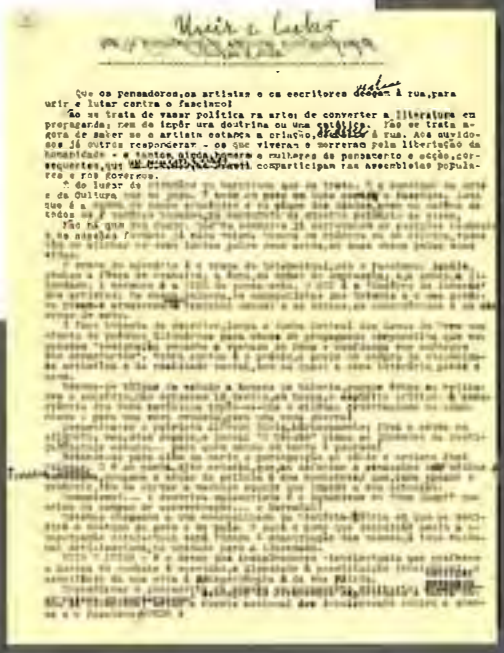
127) À Comissão dos Escritores, Jornalistas e Artistas Democráticos / SPG. - [S.l.], Jul. 1946. - Carta: Cópia dact. c/ ems. ms.: 1 fl. ; 28,1 x 22 cm
Sobre o papel que esta Comissão poderia ter na denúncia internacional da situação de Portugal, e nomeadamente, no Congresso Internacional de Escritores. - Escrito na clandestinidade
MNR A2/6.1.5

128) À Comissão dos Escritores, Jornalistas e Artistas Democráticos (M.U.D.) / [Soeiro Pereira Gomes]. - [S.l.], 25 Dez. 1946. - Carta: Cópia dact. c/ ems. ms.: 1 fl. ; 28 x 22 cm
Sobre a subscrição do protesto contra a demissão e prisão dos profs. Bento Caraça e Azevedo Gomes, por parte do ex-deputado Ângelo César. – Referência ao assassinato do médico Ferreira Soares. - Escrito na clandestinidade
MNR A2/6.1.6/A

129) Um inédito de Soeiro Pereira Gomes / Soeiro Pereira Gomes ; introd. António Dias Lourenço. - [Lisboa] : Célula dos Ed. e Liv. da Orl do PCP (1980). - Orig. imp.: 8 p. ; 20, 5 x 15 cm
Ed. imp. de "A Comissão dos Escritores, Jornalistas e Artistas Democráticos (M.U.D.)", c/ textos (notas explicativas) da C. Editores e Livreiros da ORL do PCP. - Ed. p/ a "Festa do Avante", Jul. 1980. - Desenho na capa "Outono" que ilustra os "Esteiros" da autoria de Álvaro Cunhal
MNR A2/6.1.6/B

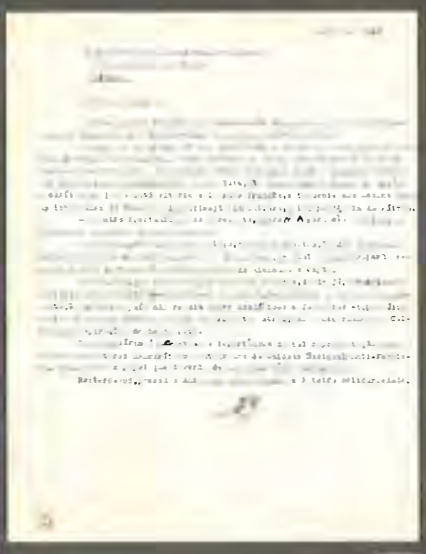
130) Unir e lutar / [Soeiro Pereira Gomes]. - [S.l., Dez.1946-1949]. - Orig e cópia dact. c/ ems. ms.: 2 fl. ; 27,1 x 20,9 cm
1º fólio orig, 2º cópia. - Título inicial, depois riscado: "Que os pensadores, os artistas e os escritores desçam à rua!". - Escrito na clandestinidade. - Refª à pub. no nº 7 (?) do "Ressurgimento"
MNR A2/4.8





"Se amanhã for preciso ou me pedirem que largue a literatura para usar o braço noutra coisa tendente ao mesmo fim, largo a literatura.
E isto será – e oxalá – o mais certo."

Carta de Soeiro ao irmão Alfredo, 12 dezembro 1942



123

123 124

...“anos que pareciam um só dia (...),
mas longos e penosos como séculos,
naquela vida de perseguidos políticos, sem um lar,
sem um momento de repouso, verdadeiro,
todos dados à luta...”

Provavelmente páginas do romance “Comunistas”
ou do “Diário dum foragido (Crónicas)”.

127

128

"Há três meses naquela tarefa
– ir buscar o material de propaganda, distribuí-lo –
ainda não calejara os pés, como os outros camaradas,
que aguentavam muitos quilómetros.
«É verdade! Há três meses que mergulhara na vida clandestina!
Noventa dias de luta, fugido aos esbirros fascistas,
partilhando dum lar estranho, embora amigo»".

Refúgio Perdido. *Contos vermelhos*. Novembro 1948

131) [Notas sobre as Eleições presidenciais e aspectos socio-económicos do país] / [Soeiro Pereira Gomes]. - [S.l., post. 21 Abr. 1949]. - Orig. ms.: 8 fl. ; 20,4 x 13,7 cm
Notas sobre as eleições presidenciais de 1949: política económica, imperialismo, crise agricola-industrial, balança comercial, colónias, monopólios
MNR A2/4.9

132) [Luvas]. - [S.l. : s.n.], [193?/194?]. - 1 par de luvas : couro castanho escuro ; 21,5 x 10 cm
M. de Alhandra-C. Dr. S. Martins

133) [Luva]. - [S.l. : s.n.], [193?/194?]. - 1 luva (da mão esq[a]) : couro cor de mel com forro em pêlo ; 23 x 11 cm
M. de Alhandra-C. Dr. S. Martins

134) [Luneta]. - [S.l. : s.n.], [194?]. - Aros redondos em plástico c/ apoio metálico para o nariz ; 9, 5 x Ø 4,5 cm
M. de Alhandra-C. Dr. S. Martins

135) Ideal Syringue 3cc [Kit para administração de insulina]. - [EUA?] : [s.n.], [194?]. - Cx. de cartão azul, tipo cx. de fósforos, contém : seringa de vidro 5cc + 2 agulhas + tubo em L em vidro c/ âmpola + tubo de borracha ; 9,5 x Ø 1,5 cm (seringa), 34 x Ø 0,5 cm (tubo L, borracha)
M. de Alhandra-C. Dr. S. Martins

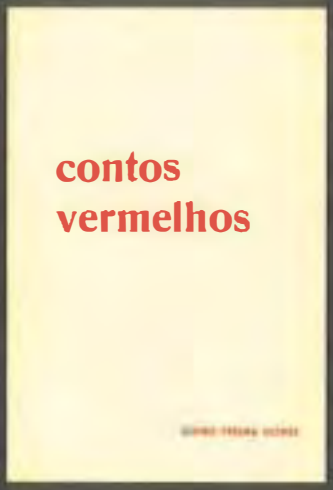
136) [Caneta] Parker Vacumatic, [Lapiseira de minas] Parker. - E.U.A. : G.O.S. Parker, [1946], [1941].
- Caneta de tinta permanente PARKER MAJOR AZUL c/ aparo de ouro, bomba speedline e pena fina americana, 1946 ; LAPISEIRA JUNIOR AZUL (de minas), c/ cartucho original de minas grafite 1.2 mm. e borracha, 1941 ; 13, 3 x Ø 1, 7 cm (caneta); 13, 1 x Ø 1, 1 cm (lapiseira)
Caneta da 3ª série "Parker vacumatic", iniciada em 1942, caracterizada pelo modo de enchimento
Oferta de António Mota Redol no âmbito desta exposição
MNR

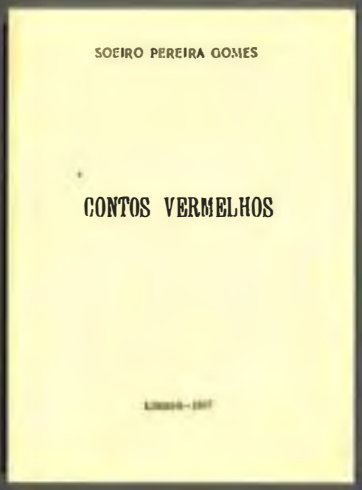
137) [O almoço que ela preparara com desvelo ...] / [Soeiro Pereira Gomes]. - [S.l., 1944-1949]. - Orig. ms.: 4 fl. ; 27,5 x 19,2 cm, 21 x 16,7 cm
Probabilidade de serem páginas do romance "Comunistas" conforme mencionado por G. Ricciardi
MNR A2/2.14/B

138) Block-Notes : Notas para o romance "Companheiros" e "Diário dum Foragido" (crónicas) / [Soeiro Pereira Gomes]. - [S.l., ?-1949]. - Orig. ms.: bloco c/ 16 fl. escritos + 7 fl. soltos ; 16,3 x 10,8 cm
Notas e apontamentos, com descrição de personagens, lugares e sequência de enredo. - Os assuntos dos fólios soltos são diversos, e sem conexão aparente
MNR A2/2.3

Block-Notes : Notas para o romance "Companheiros" e "Diário dum Foragido" (crónicas) / [Soeiro Pereira Gomes]. - V. F. Xira : MNR, 2009. - Ampl. fot.: color. ; 67 x 49 cm
Ampl. do orig. de 1949 (Espólio literário de Soeiro Pereira Gomes, A2/2.3)
MNR F

Soeiro Pereira Gomes
CONTOS VERMELHOS
E OUTROS ESCRITOS


contos
vermelhos


SOEIRO PEREIRA GOMES
CONTOS VERMELHOS

O PRIMEIRO DE JANEIRO

DAS LETRAS

Livros NOVOS

O MUNDO DOS OUTROS

UM JUSTO

ALBERT CAMUS

"Porque, eu sei, tu não morreste.
Vives nas casas secretas dos camaradas
e assistes às células dos operários e camponeses,
que te chamam por vários nomes, sem saberem o teu nome...
(...) Voltamos ao tempo das longas caminhadas,
dezenas de quilómetros a pé, como vagabundos ou malteses.
Pior: como criminosos, levando na cola a matilha policial..."

Última carta. Crónica, "Diário de um foragido". c. Julho 1945.

139) Última Carta / S. [Soeiro Pereira Gomes]. - [S.l., c. Jul. 1945]. - Cópia dact. c/ ems. ms.: 2 fl. ; 27,8 x 22 cm
"De um livro em preparação: «Diário [de um foragido]»". - Carta dirigida ao camarada Alexandre , pseudónimo de Alfredo Diniz, assassinado em 5 de Julho de 1945
MNR A2/2.13

140) O pio dos mochos : Ao cam. Duarte / [Soeiro Pereira Gomes]. - [S.l.], Primavera de 1945. - Orig. dact. c/ ems. ms.: 3 fl. ; 27,4 x 21,4 cm
Versão acrescentada da pub. na 1ª ed. de "Contos Vermelhos", 1949, ed. clandestina. - Pub. em "Contos vermelhos", 1957. - Dedicado ao camarada Duarte, pseud. de Álvaro Cunhal. - Escrito na clandestinidade
MNR A2/2.15/B

141) Refúgio perdido / [Soeiro Pereira Gomes]. - [S.l.], Nov. de 1945. - Orig. dact. c/ ems. ms.: 4 fl. ; 27,4 x 21,4 cm
Pub. em "Contos vermelhos", 1ª ed. (clandestina), 1957. - Dedicado ao camarada João, pseud. António Dias Lourenço. - Escrito na clandestinidade
MNR A2/2.16

142) Mais um herói / [Soeiro Pereira Gomes]. - [S.l.], 20 Jan. 1949. - Cópia dact. c/ ems. ms.: 4 fl. ; 27,1 x 21,4 cm
Pub. em "Contos vermelhos", 1ª ed. (clandestina), 1957. - Dedicado "à memória de Ferreira Marquês e de quantos, nas masmorras fascistas, foram mártires e herois". - Escrito na clandestinidade
MNR A2/2.17

143) Contos Vermelhos : 1ª parte / Pereira Gomes. - [S.l.], 1949. - Cópia dact. c/ ems. ms.: 18 fl. ; 25 x 19,1 cm
Legado por Francisco Melo. - Inclui os contos: Refúgio perdido, O pio dos mochos e Mais um herói (está incompl., falta, pelo menos, o último fólio). Escrito na clandestinidade
MNR A2/2.18/A

144) Contos Vermelhos / Soeiro Pereira Gomes. - Lisboa : [s.n.], 1957. - Capa + 22 p.
1ª ed. (clandestina). - Contém "Refúgio perdido", "O pio dos mochos" e "Mais um herói"
MNR A2/2.18/B

145) Contos Vermelhos / Soeiro Pereira Gomes. - Ed. policopiada. - [Porto], 1971. - 26, [2] p. ; 21 cm
(Brochado)
MNR GMS/Lit/3106

146) Contos Vermelhos / Soeiro Pereira Gomes. - Lisboa : M.J.T. (1974). - 15, [1] p. ; 21 cm
Editado por ocasião do "Primeiro grande encontro nacional da Juventude Trabalhadora" ocorrido em Lisboa em 26 de Maio de 1974
(Brochado)
MNR GMS/Lit/476

147) Refúgio perdido : Inéditos e Esparsos / Pereira Gomes ; introd. de Manuel de Azevedo. Porto : Edições SEN, 1950. - 106, [6] p. ; 20 cm
Contém entrevista c/ S. P. Gomes pub. em "O Primeiro de Janeiro", pág. "Artes e Letras" de 10 de Fev. de 1943 intitulada "5 Minutos de conversa telefónica com o autor de "Esteiros". - Contém reprod. de foto de S. P. Gomes. - Capa de Veloso e Mário Bonito
(Brochado)
MNR GMS/Lit/4571

Refúgio perdido : Inéditos e Esparsos / Pereira Gomes . - V. F. Xira : MNR, 2009. - Ampl. fot.: color. ; 275 x 181 cm
Ampl. da capa da ed. das Edições SEN, 1950. - Capa de Veloso e Mário Bonito
MNR F

pereira gomes

soeiro

REFÚGIO PERDIDO

148) "Refúgio perdido", por Soeiro Pereira Gomes
In: O Primeiro de Janeiro; Das artes e das letras. - (25 Out. 1950), p. 1
Faz refª a outras obras de Soeiro
MNR A2/9.64

149) Refúgio perdido e outros contos / Soeiro Pereira Gomes ; evocação de Dias Lourenço ; pref. de Augusto da Costa Dias. - [1ª] ed. - Lisboa : Edições Avante, 1975. - 149, [3] p. ; 19 cm. - (Obras de Soeiro Pereira Gomes)
Capa de Luís Filipe da Conceição
(Brochado)
MNR Bib. Alexandre Cabral

150) Contos vermelhos e outros escritos / Soeiro Pereira Gomes ; pref. de Luís Augusto Costa Dias. - Ed. comemorativa. - Lisboa : Edições Avante (2009). - 126, [1] p. ; 19 cm. - (Obras completas de Soeiro Pereira Gomes)
Ed. com. do centenário do nascimento de S. P. Gomes. - Capa de José Monginho
ISBN 978-972-550-343-0 (brochado)
Col. Luísa Duarte Santos

151) [Desenho] / Rogério Ribeiro. - V. F. Xira : MNR, 2009. - Ampl. fot.: p&b ; 80 x 60 cm
Reprod. do des. p/ "Contos vermelhos", ass. e d. 1979, "Obras completas de Soeiro Pereira Gomes", Ed. Avante, 1979, p. 305
MNR F

152) [Soeiro Pereira Gomes com a irmã Berenice, Porto]. - V. F. Xira : MNR, 2009. - Ampl. fot.: p&b
Ampl. da reprod. (orig. 194?) do M. de Alhandra - C. Dr. S. Martins (MA R-92-4492)
MNR F

153) [Soeiro com os pais no Porto, em 1949]. - V. F. Xira : MNR, 2009. - Ampl. fot.: p&b
Ampl. do orig. do Espólio literário de Soeiro Pereira Gomes (A2/8.20)
MNR F

154) Minhas queridas tias / J. [Joaquim Soeiro Pereira Gomes]. - V. F. Xira : MNR, 2009
Ampl. da carta (orig. dact.c/ ems. ms.) enviada por Soeiro entre [1946-1949] às tias Natividade e Maria Cândida, quando estava na clandestinidade há algum tempo (Espólio literário de Soeiro Pereira Gomes, A2/6.1.7)
MNR F

155) A morte de Soeiro Pereira Gomes foi um rude golpe e o seu funeral constituiu sentida manifestação de pesar
In: República . - (7 Dez. 1949)
MNR A2/9.58

156) Morreu Joaquim Soeiro Pereira Gomes!
In: Avante . - VI Série, nº 145 (2ª quinz. 1949), p. 1
Ed. clandestina
MNR A2/9.59/A

157) Dos nuevas victimas de la dictadura salazarista : Bessa Ribeiro y Pereira Gomez dirigentes del Partido Comunista Portugés
In: Mundo Obrero . - (2 Mar. 1950)
MNR A2/9.60

158) Soeiro Pereira Gomes 1909-1949 / Vasco Pereira da Conceição. - Portugal : [s.n.], 1979 (?). - Medalha em bronze ; Ø 8 x 0,8 cm
Inscrições: verso: título; anverso: "1949 Trigésimo aniversário 1979 Moços que parecem homens e nunca foram meninos". - C/ caixa de cartão
MNR Esp. Art. Maria Barreira
MNR-R.000919-06

Dos nuevas víctimas de la dictadura salazarista

Bessa Ribeiro y Pereira Gomez dirigentes del Partido Comunista Portugés

Bessa Ribeiro y Pereira Gómez, heroicos dirigentes del Partido Comunista Portugués, que en la clandestinidad condujo al pueblo lusitano en la lucha por su libertad e independencia, han sucumbido víctimas de la feroz pallusca de terror del gobierno fascista de Salazar.

Bessa Ribeiro ha sido asesinado el día 2 de enero, tras de sairajes torturas, por la gestapo salazarista, la siniestra P.I.D.E. Su vida ha sido una continua lucha en defensa de los trabajadores y por la libertad de su pueblo esclavizado. Siendo todavía muy joven vióse obligado a emigrar al Brasil, donde ingresó en el Partido Comunista, convirtiéndose rápidamente en un activo dirigente sindical.

Por sus actividades revolucionarias fué expulsado de aquel país y regresó a Portugal, donde desde el primer día de su llegada, comenzó su difícil y heroica vida de militante ilegal. En 1932 fué detenido y [redacted] siendo trasladado en 1936 al campo de concentración de Tarrafal, donde tantos [redacted] comunistas y antifascistas portugueses han sido asesinados. Tras de siete años de terrible cautiverio, en 1940, Ribeiro es puesto en libertad.

Dos años más tarde es nuevamente detenido e internado otra vez en el [redacted] campo de muerte lenta », de donde fué liberado en 1945 gracias a la lucha de las masas democráticas portuguesas. Desde 1945 a 1949 es uno de los más destacados dirigentes del Partido Comunista portugués y participa durante este período en los movimientos de masas más importantes. En abril de 1949 fué otra vez detenido, en compañía de Alvaro Cunhal (Duarte), secretario del Partido Comunista. Rigurosamente incomunicado, Ribeiro fué sometido a las torturas más espantosas, y ha sido asesinado el pasado 2 de enero por los esbirros salazaristas.

Pereira Gómez era, hace seis años, uno de los más destacados escritores de la moderna literatura portuguesa. Las huelgas del 8 y 9 de marzo de 1944 le decidieron a tomar el camino de la lucha revolucionaria activa contra la tiranía de Salazar, en defensa de la clase obrera y del pueblo portugués. Fué uno de los principales dirigentes de una importante huelga en una fábrica de la región lisboeta en la que trabajaba como empleado superior. La P.I.D.E. intentó detenerle, sin conseguirlo.

Lanzado a la más estricta ilegalidad Pereira continuó aún más activamente su lucha de militante comunista. A principios de 1948 fué elegido miembro del Comité Central. Víctima de una grave enfermedad, contraída a causa de las penalidades que hubo de arrostrar durante su difícil vida clandestina, Pereira Gómez ha sucumbido el 6 de diciembre de 1949. Desafiando el terror y las persecuciones de la policía salazarista el pueblo portugués ha rendido un sentido y póstumo homenaje a su valeroso dirigente desaparecido, jurando solemnemente proseguir sin desfallecimientos la lucha contra sus victimarios, por la libertad del pueblo portugués.

Los comunistas españoles, y junto a ellos todos los demócratas de nuestro país, compartimos ante tan dolorosa pérdida el dolor del Partido y del pueblo hermanos. Estamos juntos en el sufrimiento y en la lucha de nuestros dos pueblos contra los dos régimenes fascistas que ensangrientan y azotan la Península.

A morte de Soeiro Pereira Gomes

foi um rude golpe

e o seu funeral constituiu sentida manifestação de pesar

Numa noite de Inverno de 1947, depois de uma queda grave de bicicleta, aquando de uma das suas tarefas clandestinas, ao se sentir perseguido, adoeceu seriamente. Impossibilitado pela sua circunstância de clandestino de receber tratamentos adequados, Joaquim Soeiro Pereira Gomes morreu em Lisboa, a 5 de Dezembro de 1949, com 40 anos.

1949

Avante!
MILHARES DE TRABALHADORES SÃO LANÇADOS NO DESEMPREGO

159) A propósito de Soeiro Pereira Gomes / Manuel Fidanza
In: A Ilha. - A. XIV, nº 1061 (26 Jul. 1952), p. 1, 2
Refª às obras de Soeiro
MNR A2/9.67

160) Obras completas / Soeiro Pereira Gomes. - [1ª] ed. - Lisboa : Europa-América (1968). - 409, [3] p. ; 22 cm. - (Biblioteca Europa-América / dir. Fernando Namora ; 4)
Contém: "Esteiros", "Engrenagem" e "Refúgio perdido"
(Encadernado)
MNR Bib. Alexandre Cabral

161) Obras completas de Soeiro Pereira Gomes / introd. de António Dias Lourenço; capa, il. e arranjo gráfico de Rogério Ribeiro; il. dos capítulos de Álvaro Cunhal. - Ed. comemorativa. - Lisboa : Edições Avante (1979). - 409, [7] p. ; 24 cm
Contém: "Esteiros", "Engrenagem", "Contos vermelhos", "Outros contos", "Crónicas" e "Esparsos". - Ed. com. do 70º aniversário do nascimento e 30º da morte de S. P. Gomes
Reprod. de des. p/ "Esteiros", de R. Ribeiro, ass. e d.1979, p. 11. - Reprod. de des. p/ "Engrenagem", de R. Ribeiro, ass. e d.1979, p. 167. - Reprod. de des. p/ "Contos vermelhos", de R. Ribeiro, ass. e d.1979, p. 305
(Brochado)
MNR GMS/Lit/3796

162) Obras completa / Soeiro Pereira Gomes; org., fixação de textos e introd. Luís Augusto Costa Dias. - [1ª] ed. - Lisboa : Caminho (1992). - 460 p. ; 22 cm
Contém : "Esteiros", "Engrenagem" , "Contos vermelhos" e "Contos e crónicas"
ISBN 972-21-0751-8 (encadernado)
MNR GMS/Lit/3389

163) Esteiros / Soeiro Pereira Gomes . - V. F. Xira : MNR, 2009. - Ampl. fot.: color.
Ampl. da capa da ed. das Edições Avante, 1977
MNR F

Engrenagem / Soeiro Pereira Gomes . - V. F. Xira : MNR, 2009. - Ampl. fot.: color.
Ampl. da capa, Edições Avante, 1975
MNR F

Refúgio perdido e outros contos / Soeiro Pereira Gomes . - V. F. Xira : MNR, 2009. - Ampl. fot.: color.
Ampl. da capa (autoria de Luís Filipe da Conceição), Edições Avante, 1975
MNR F

SOEIRO PEREIRA GOMES
1909
1949
TRIGÉSIMO ANIVERSÁRIO
1949
1979
"MOÇOS QUE PARECEM HO-
MENS E NUNCA FORAM MENINOS"

ANO XIV

A Ilha

SEMANÁRIO CULTURAL E INFORMATIVO

A proposito de

SOEIRO PEREIRA GOMES

por Manuel Fidanza

"Mais vivo porque sofreste,
a morte não veio, [illegible]
A Eternidade constróe-se
na beleza com que vivestes"

Carlos de Oliveira

SOEIRO PEREIRA GOMES
OBRA COMPLETA

CAMINHO

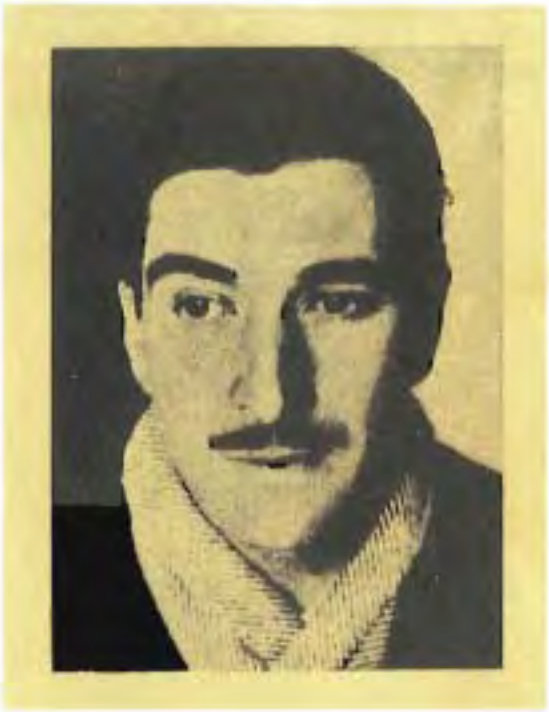
Obras Completas de SOEIRO PEREIRA GOMES

EDIÇÃO COMEMORATIVA
DO 70º ANIVERSÁRIO DO NASCIMENTO
E 30º DA MORTE DO ESCRITOR

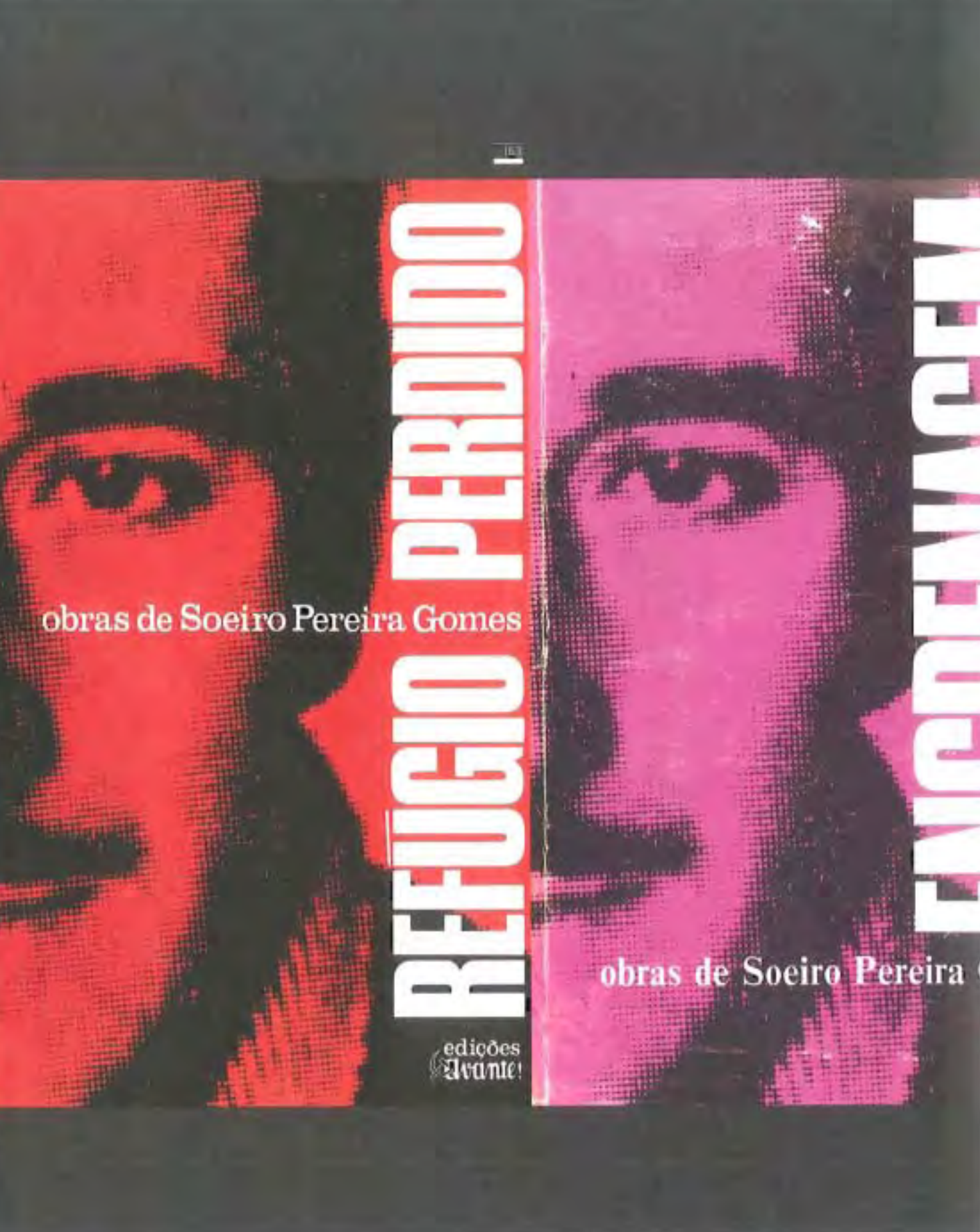
edições avante!

BIBLIOTECA EUROPA-AMÉRICA

OBRAS COMPLETAS



SOEIRO PEREIRA GOMES


obras de Soeiro Pereira Gomes
REFÚGIO PERDIDO
edições Avante!
obras de Soeiro Pereira

"Mas continuou a andar penosamente,
com a mala a bater-lhe nas pernas e o suor
a empastar-lhe a roupa interior.
Mais adiante, um automóvel incidiu
sobre ele os focos coruscantes.
Abel ficou encadeado. «Seria a polícia?
Estaria agora metido num cerco?»
Não reparara ainda que a noite descera
sobre a cidade e que milhares de luzes
se acenderam.
Só lhe importava libertar-se daquelas sombras
movediças que o seguiam por toda a parte;
daqueles olhos desconfiados que o miravam
de alto a baixo e lhe punham securas de enforcado
na garganta.
É a cidade longa, longa, que parecia não ter fim.
E nem uma porta aberta para si! Ah! que se pudesse
arrastar-se para um canto escuro onde esconder-se!
Percorreu ainda umas ruas mal iluminadas e quase
desertas.
De repente, perdeu o pé e apercebeu-se
que rolava no chão irregular.
Firmou-se e olhou em volta. A baça claridade
de muitas lâmpadas, ao longe,
permitiu-lhe distinguir os contornos do Vale Escuro,
mergulhado na sombra e no silêncio.
Ficou assim algum tempo, de ouvido alerta.
A angústia foi-se-lhe esvaecendo, aos poucos.
Os pés, nem os sentia! Pior, era uma dor muito fina
que lhe picava o estômago.
«Há quantas horas tinha comido?»
Aconchegou ao pescoço a gola do casaco,
a mala serviu-lhe de travesseiro.
«Ora, que lhe importava a fome?
Entregaria os jornais na hora do recurso.
levava ao fim a sua tarefa.
E um dia... uma manhã de sol radioso...
sim, de sol... Ah!»"

Refúgio Perdido. *Contos vermelhos*. Novembro 1948

quando a notícia correu
de coração em coração
as ruas ficaram geladas
as casas ficaram geladas

cada um tentava imaginar
entre punhais do desespero
a última vez que o viu
a última vez que o ouviu

a última esquina os últimos nomes
o último gesto a última palavra
o último olhar do companheiro
a última lição do companheiro
...
Uma bandeira negra de silêncio
desfraldai sobre as casas
que este silêncio fala
que este silêncio arde

Mario Dionísio, *O riso dissonante*

A Pátria, de olhos sem fundo como dois buracos,
veia o teu corpo e põe-te uma promessa nas mãos frias...
- tu que foste a força dos fracos,
Tu que foste maior que todas as poesias.
Tu, puro e oculto como as cisternas de água,
tu que eras presente e invisível como a aragem,
tu que continuas a ligar-nos pela mágoa
como sempre o fizeste pela coragem.
...
Largos versos irrompem do teu silêncio de granito,
e tu vives inteiro em cada grito,
tu que foste maior que todas as poesias.

Sidónio Muralha, *Companheira dos homens*

Mais vivo porque sofreste,
a morte não veio, foi-se.
A Eternidade constrói-se
na beleza com que viveste.

Carlos de Oliveira, *Terra da Harmonia*

Por todo o Beijatejo e Tejo-além
Não mais
Vida repartida em
Duas sortes desiguais

Ó campinas ó lezírias
Ó terras de margem-Tejo
Serás seara-pomar
Com'um jardim serás.

Ó quintas ó arvoredos
Ó terras de margem-Tejo
Serás colmeia de festas
Com'um jardim serás.

Por todo o Beijatejo e Tejo-além
Não mais
Vida repartida em
Duas sortes desiguais.

Arquimedes da Silva Santos, *Cantos Cativos*
(Em memória de Carlos Pato e Soeiro Pereira Gomes)

Índice

O escritor militante.....5
Maria da Luz Rosinha
Presidente da Câmara Municipal

Apresentação.....9
David Santos
Coordenador do Museu do Neo-Realismo

Na esteira da Liberdade.....13
Luisa Duarte Santos

Soeiro Pereira Gomes
Tomar a palavra: dedicatórias e promessa.....49
Manuel Gusmão

A Exposição.....86

1º núcleo.....88

2º núcleo.....110

3º núcleo.....136

4º núcleo.....156

EXPOSIÇÃO DO CENTENÁRIO

Curadoria: Luísa Duarte Santos

7 de Novembro de 2009 a 14 de Março de 2010

Município de Vila Franca de Xira

neorealismo